

REGINA HORTA DUARTE

Este exemplar corresponde a redação final da tese elaborada pela Sra. Regina Horta Duarte e aprovada pela Comissão Julgadora.

Campinas, 14 de dezembro de 1988.

**A IMAGEM REBELDE - A TRAJETÓRIA LIBERTÁRIA
DE AVELINO FÓSCOLO**

"Honrar um pensador não é elogiá-lo nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo, e demonstrando em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância."

*Cornelius Castoriadis
(Os Destinos do Totalitarismo)*

Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

BELO HORIZONTE, 1988

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Ao Tom, Thiago, Bárbara e Daniel, que
a cada dia me ensinam algo acerca do
amor.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas ajudaram-me na trajetória que realizei durante a elaboração desta Tese de Mestrado.

A MICHAEL HALL, agradeço a orientação do trabalho, a compreensão que demonstrou frente às minhas dúvidas e dificuldades na superação de obstáculos e o auxílio decisivo nos instantes finais.

ALCIR LENHARO deu-me constante apoio, estimulando-me com críticas sinceras e construtivas. A superação de momentos difíceis e de indeterminação deve-se, em grande parte, à sua paciente leitura dos originais.

Ao lado de ELIANA REGINA DE FREITAS DUTRA, anos atrás, descobri o nome de Avelino Fôscolo, em rodapés de obras sobre literatura anarquista. Sob a orientação desta professora, começamos a colher os primeiros frutos da pesquisa, permanecendo em mim o desejo de aprofundar as primeiras investigações. Já nesses momentos iniciais, muitas pessoas contribuíram inestimavelmente: FLÁVIO LUIZETTO, com indicações bibliográficas e grande disponibilidade para discussão e esclarecimentos; EDGAR RODRIGUES, que através da solicitude com que respondia às minhas infindáveis cartas, muito me ensinou sobre a solidariedade libertária.

A todos os colegas do mestrado, deixo meu agradecimento pelo companheirismo e a saudade da convivência diária: DIANA, BETÂNIA, ANDRÉ, SILVANA, ISABEL, RUI, EMERSON, IVONE, NINA, ANICLEIDE, JOYA e MIRZA. À DIANA e BETÂNIA agradeço também a leitura dos originais e as valiosas sugestões.

Não poderia deixar de citar o nome do Prof. JOSÉ DE SEIXAS SOBRINHO, exemplo de um historiador que lida com os documentos com sagacidade e imaginação, que indicou-me a localização de importantes fontes. Agradeço a NESTOR FÓSCOLO, pela disposição e amabilidade com que sempre recebeu-me em sua residência: as doces lembranças que guarda do pai muito representaram para meu trabalho. Margareth Rago leu os originais, apresentando críticas que me levaram a amadurecer várias reflexões presentes nessa Tese. VERA CHALMERS, ao participar da banca de qualificação, realizou comentários úteis e instigantes.

Aos funcionários do Arquivo Público Mineiro, do Museu do Ouro (Sabarã) e do Arquivo Edgard Leuenroth sou grata pelo excelente atendimento e auxílio na localização de fontes imprescindíveis ao trabalho. CARMEM FEROLA revisou pacientemente o texto. À HEBE RUISDIAS FONSECA e ANA ELIZABETH ROCHA, agradeço a cuidadosa datilografia.

Ao lado destas pessoas com as quais convivi através das atividades relacionadas à pesquisa, outras me acompanham há muito tempo, dando-me amor e segurança: meu pai e minha mãe, sem os quais nada seria possível para mim;

meus irmãos, cuja amizade sempre se faz presente.

Mas há alguém muito especial, a quem gostaria de agradecer os fascinantes contatos: AVELINO FÓSCOLO, junto ao qual aprendi sobre mundos que antes desconhecia. Foi ele, sem dúvida, o meu constante companheiro durante as solitárias tarefas de pesquisa.

ÍNDICE

Introdução	p.	01
O Ator	p.	07
O Semeador	p.	71
Vulcões	p.	135
Apêndices	p.	185
Referências Bibliográficas	p.	216

INTRODUÇÃO

Há alguns anos atrás, quando voltei minha atenção para a historiografia sobre as manifestações anarquistas no Brasil, encontrei o nome de Avelino Fóscolo, sempre citado como um militante isolado num lugarejo mineiro, a freguesia de Taboleiro Grande, atual cidade de Paraopeba.

O início de minhas pesquisas deu-se num momento em que esse anarquista encontrava-se quase totalmente esquecido. O acesso a suas obras literárias e aos jornais pioneiramente fundados por ele em pleno sertão estimulou-me a prosseguir meus estudos sobre as atividades anarquistas em Minas. Até então, encontrara fortes dificuldades em obter informações referentes às organizações sindicais, pois os indícios da presença, nas mesmas, de militantes libertários, eram quase inexistentes. Nos jornais da época até então consultados, o silêncio sobre o tema era desanimador. Seguindo, porém, os vestígios deixados por Avelino Fóscolo, tornou-se-me possível trilhar um outro caminho na recuperação de aspectos da prática libertária em Minas Gerais.

O caráter fragmentário do objeto estudado não me pareceu um obstáculo. Afinal, sendo a história "uma ciência de um tipo muito particular", as estratégias dos historiadores em seus trabalhos de pesquisa, assim como os resultados destes estudos, dizem respeito a "casos particulares, seja referentes a indivíduos, a grupos sociais ou a sociedades inteiras. (...)E

o conhecimento do historiador (...) é indireto e conjectural , baseado em sinais e fragmentos de evidência" (Ginsburg, C.1980). Lidar com um estudo de caso ajudou-me a perceber claramente a necessidade de direcionar minha reflexão no sentido de compreender como Avelino Fóscolo construíra um discurso bem específico, vivendo num contexto histórico diferenciado e que o levava a indagações e reações próprias. Afastando-me de preocupações tais como explicar as atividades de Avelino Fóscolo a partir de uma teoria geral acerca do anarquismo, busquei reconstituir as veredas por ele percorridas em sua trajetória libertária. A partir daí, creio que o trabalho deixou de ser uma discussão sobre a vida de um militante isolado e esquecido, para focalizar alguns aspectos da história de Minas Gerais, nas duas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do século XX.

Nessa reconstrução histórica, três localidades foram estudadas em diferentes momentos e sob perspectivas distintas: Sabará, Taboleiro Grande e Belo Horizonte, lugares onde Fóscolo habitou e vivenciou situações decisivas para sua obra e sua atuação como anarquista. Na obra do escritor estudado, três imagens surgiam insistentemente, com importantes significados a ser explorados: no período em que viveu em Sabará, Fóscolo demonstra, através de seus escritos, uma grande obsessão pelo contraste luz/sombra; em Taboleiro Grande, sentindo - se isolado num cenário rural, lida constantemente com a figura do semeador, identificando-se como tal; em Belo Horizonte, frente ao acirramento dos conflitos sociais na década de 20, é do-

minado pela imagem da revolução como um vulcão fumegante e prestes a explodir. A partir dessas constatações, dividi o trabalho em três momentos, privilegiando em cada um deles a reflexão sobre cada localidade por onde Fôscolo passara e a representação simbólica mais recorrente em diferentes momentos de sua obra.

O primeiro capítulo, O Ator, cujo título alude às atividades teatrais de nosso personagem, remete-nos à cidade de Sabará, nas décadas de 1880 e 1890. A partir das lides de Avelino Fôscolo e outros rapazes moradores de Sabará, nas fileiras das campanhas abolicionista e republicana, torna-se clara a diversidade dos projetos envolvidos nessas lutas. Se existia, de um lado, uma proposta bem específica e radical nos discursos anti-escravistas e republicanos de Fôscolo e seus amigos - falas essas que evidenciam uma crença absoluta nos benefícios da ciência e do progresso na transformação da sociedade - outros posicionamentos se esboçam dentro de uma estratégia de dominação e controle social. Os dois eventos - abolição da escravidão e proclamação da República - ocorreram e passaram à história como grandes conquistas, cuja comemoração foi garantida através de marcos históricos: o 13 de maio e o 15 de novembro. Entretanto, ambos se efetivaram de acordo com uma parcela das facções que então se debatiam. No decorrer desse processo, como veremos, as esperanças cultivadas pelo grupo aqui representado por Avelino Fôscolo esvaem-se frente a uma realidade sombria. Identificando-se como os porta-vozes das luzes

do século, sentem-se frustrados com o predomínio da obscuridade que se impõe a cada momento de luta.

No segundo capítulo, O Semeador, Avelino Fóscolo encontrava-se em Taboleiro Grande, onde funda, em 1906, um jornal de propaganda libertária. As principais indagações que conduziram a análise referiram-se ao porquê da adesão de Fóscolo ao anarquismo e às especificidades de suas concepções e de sua militância em Taboleiro Grande: num cenário totalmente rural, o discurso de Fóscolo é repleto de imagens agrárias. Na sua identificação como propagador de idéias revolucionárias, há a apropriação da parábola cristã do semeador em um discurso libertário.

A autodenominação desse escritor como naturalista e a especificidade de suas concepções acerca desse estilo literário também foram objeto de reflexão. Muitos autores que, como Avelino Fóscolo, autoproclamavam-se anarquistas e naturalistas, foram apontados por seus contemporâneos como porta-vozes de modismos importados e inadequados à realidade brasileira. Entretanto, a compreensão de suas idéias pode ser redimensionada a partir do estudo das relações sociais em que foram construídas. Dessa forma, norteou-me muito mais a preocupação de entender o que levava esse autor a declarar-se natura-lista do que classificá-lo ou não como tal, a partir do conceito literário de naturalismo.

Em Vulcões, terceiro e último capítulo, Fóscolo assiste, em Belo Horizonte, à onda de agitações e greves do

final da segunda década de vinte. Eufórico com as notícias dos movimentos revolucionários na Rússia e dos acontecimentos no Rio e São Paulo, entusiasma-se com sinais de rebeldia em várias localidades mineiras. Frente a tudo isso, a revolução apresenta-se a seus olhos como inevitável, tal como uma erupção vulcânica avassaladora. Percebendo as reações das elites mineiras, Fôscolo considera tais iniciativas como fadadas ao fracasso. Através do retrato ficcional dos conflitos que atingiam a sociedade mineira da época, o autor busca contribuir para o acirramento desses antagonismos.

O decorrer do processo de lutas mostrou a eficácia da atuação dessas elites, que procuravam apagar, na memória, os rastros de resistências que a obra de Avelino Fôscolo permite recuperar. No final de sua vida, o isolamento e o esquecimento em que cai são expressivos do próprio declínio anarquista no Brasil a partir do final da década de 20. Até 1944, quando morre, a vida de Fôscolo é marcada pela solidão.

Focalizando a vida de um escritor, foram utilizadas largamente suas obras literárias como fontes documentais. Gostaria de esclarecer, entretanto, que em nenhum momento pretendi realizar análises literárias dessas obras - o que não se enquadraria nos meus objetivos. As referências ao conteúdo dos romances e aos seus enredos ocorreram a título de informação ao leitor, com o fito de facilitar a visão histórica.

Além dos romances, recorri a vários tipos de documentos, tais como jornais da época, depoimentos de pessoas

que o conheceram e obras de autores que com ele conviveram. O meu propósito era de que esse esforço desse origem a um trabalho - ainda que de aprendiz - inserido numa construção da história tal como foi ressaltada por Jacques Le Goff. Nesta, o rigor da pesquisa documental é essencial, mas só assume sua verdadeira importância à medida que é, "mais que um trampolim para a imaginação, o detonador da visão". (Le Goff, J. 1977)

O A T O R

"Diante de uma sociedade que o estigmatiza, porque não o compreende, o artista se humilha para apanhar o ridículo dos seus só cios e expô-lo mais tarde no palco, obrigando a humanidade a rir e a lastimar dos seus próprios defeitos."

Avelino Fôscolo

(O Ator - artigo publicado no jornal A Folha Sã bareense em 1889).

Aquela noite do final da década de 1880 ficaria gravada na memória daquele grupo de rapazes, moradores em Sabará. Avelino, após longo tempo de ausência, retornara à terra natal, reencontrando-se com velhos amigos de infância, como Luís Cassiano, e com outros mais recentes, como Artur. Tendo tido, em suas andanças, experiências com o teatro, Avelino lança, entre seus amigos, a idéia da montagem de um grupo amador.

Os rapazes, todos na faixa dos vinte anos, conseguiram oportunidade para se apresentarem no teatro de Sabará, em seguida a um dramalhão levado à cena por um grupo já bem aceito entre o público local. Para garantir o sucesso, optaram por uma comédia que, supunham, "esquentaria" os assistentes.

E assim, ao término de longos ensaios, anuncia-se "A Morgadinha da Rua das Flores", paródia de um drama que, julgavam eles, devia estar bem vivo na memória dos assistentes e cujo autor era o português Pinheiro Chagas.

Em meio à grande ansiedade dos atores estreantes, Luís Cassiano é o primeiro a entrar em cena. Tudo precariamente improvisado, devido à falta de dinheiro dos organizadores: de materiais removidos do porão do teatro, salvos do lixo, fizeram o santuário; a necessidade de um girassol e a dificuldade de encontrar tal flor naquela estação levaram-nos a substituí-la por umas palmas de São José. Ingenuamente, acharam que até essa improvisação seria motivo de riso. O silên-

cio da platéia, no entanto, começa a apavorá-los.

Entra Avelino, que devia ser o mais velho deles, com cerca de vinte e três anos na época. Mesmo ele, tido como o mais experiente, pelas suas atividades anteriores como ator, não tem o menor sucesso. Os amigos desesperam-se ainda mais com o fracasso do empreendedor. Afinal, fora ele quem começara toda a história. No camarim, Avelino se defende: a ignorância daquele público impedira-o de entender o humor da paródia.

Os rapazes revoltam-se então contra a platéia: julgam-na medíocre, provinciana, merecedora de deboche. Artur entra no palco e põe-se a ganhar para o público (lembrar-se-á mais tarde: "nunca lati com maior convicção e vontade" (1); Avelino entra em cena de saias, dançando can-can; Luís Cassiano destrói o santuário; Aurélio, que tinha um papel feminino, tira a peruca postiça e coloca barbas; o ponto atira a caixa longe e sai gritando: "Vão à ..., vão às favas."

Não seria aquela a primeira nem a última vez que aqueles moços horrorizariam os moradores de Sabará. Amigos inseparáveis, Avelino, Luís Cassiano e Artur apenas começavam uma trajetória de atividades teatrais, jornalísticas, literárias e políticas, que gerariam polêmica.

Antônio Avelino Fôscolo era mineiro de Sabará,

(1) LOBO, Artur. Serões e Lazerés. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1906, p. 27.

nascido a 14 de novembro de 1864 (2), filho natural de uma costureira, Maria Avelino Fôscolo, neta do escritor italiano Ugo Fôscolo (1778-1827). Órfão aos oito anos, é entregue, junto com a irmã mais velha, a um tutor. Sentindo-se oprimido e humilhado pelo rigor com que o tratavam, foge de casa, indo parar na mina de Morro Velho, em Congonhas de Sabará, atual cidade de Nova Lima (MG). Trabalhava junto com escravos, ganhando o apelido de "Branquinho". (3) Desde menino, Avelino sente o drama de ser estigmatizado: filho de uma mulher pobre e solteira — uma verdadeira tragédia num lugar tradicionalista e católico como Sabará em meados do século XIX; depois submetido à condição de tutelado na casa de um professor cujos filhos estudavam e tinham mais conforto do que ele, um intruso; na mina, um branco entre negros escravos, que o rejeitavam. O apelido marcava sua condição de homem livre, certamente inve-

(2) Sobre Avelino Fôscolo, ver: FRIEIRO, E. O Romancista Avelino Fôscolo. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1960; MALARD, Leticia. Hoje tem espetáculo - Avelino Fôscolo e seu romance. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1987; LUIZETTO, F. Presença do Anarquismo no Brasil - um estudo dos episódios literário e educacional (1900-1920). Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1984, mimeo.

(3) Depoimento de Nestor Fôscolo, filho de Avelino Fôscolo. Belo Horizonte, 02-12-1987.

jada, apesar da miséria comum a todos. (4)

Um dia, porém, aparece uma nova oportunidade na vida de Avelino. Passa por ali a "Companhia de Quadros Vivos", dirigida pelo americano Keller. O espetáculo consistia em representar situações sugeridas por pinturas célebres. Criança que era, Avelino deve ter-se sentido maravilhado. Num dos quadros, Keller vestia-se como Cristo, era amarrado numa cruz e reproduzia os diálogos da Paixão, com expressões de martírio. Numa outra cena, um ilusionista estendia uma pequena tábua que ia de uma mesa até a altura de seu queixo. Na mesa havia uma caixa. Esta, ao ser aberta, deixava fugir um rato que, subindo a tábua, era engolido pelo ilusionista, que estalava a língua após o feito. (5)

Essas passagens de grupos mambembes pelo interior de Minas não eram incomuns naquela época. Pelo contrário, na segunda metade do século XIX, havia uma grande movimentação de artistas e grupos cênicos em cidades mineiras como Ouro Preto, Juiz de Fora, Sabará e outras. Viajavam heroicamen-

(4) Anos mais tarde, no final da década de 30, Avelino Foscolo escreverá o romance Morro Velho, onde relatará a vida dos mineiros, a exploração sofrida, a insegurança no dia-a-dia do trabalho. Entretanto, essa obra permaneceu inédita e desconhecida. Como foi escrita na época da 2a. guerra, Foscolo não desejou editá-la, já que era um romance que criticava a Inglaterra, proprietária da mina de Morro Velho no período em que se desenrola a história. Além disso, Foscolo era descendente de italianos e temia ser mal interpretado pelos leitores. Depoimento de Nestor Foscolo. Belo Horizonte, 02.12.1987. Ver também FRIEIRO, E. op.cit. p. 53,54.

(5) SEIXAS SOBRINHO, José. O Teatro em Sabará da Polônia à República. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares, 1961, p. 120.

te, em lombos de burros, com grande dificuldade de locomoção entre uma cidade e outra.

Além de companhias teatrais que se limitavam a circular no interior do Estado, várias companhias do Rio de Janeiro, e algumas de caráter internacional realizavam temporadas em Minas. A segunda metade do século XIX assiste à construção de inúmeros teatros, o que mostra a frequência dessas apresentações: cidades como Campanha, São João Del Rei, Juiz de Fora, Paracatu e várias outras iriam ter novas casas de espetáculos, em edifícios construídos especialmente para essa finalidade. (6)

Além dessas companhias teatrais, eram comuns também os espetáculos de marionetes e circo de cavalinhos. Esses tipos de montagem dispensavam a existência de teatros e, por isso, chegavam aos povoados, atingindo as populações interioranas, isoladas dos centros mais urbanizados. A presença dessas companhias devia ser motivo de forte expectativa e grande movimentação, proporcionando às pessoas ocasião de deleitar-se com "números de saltimbancos, funâmbulos, mágicos e outros artistas de picadeiro, ao lado das touradas e cavalhadas presentes nos programas festivos". (7)

(6) ÁVILLA, Afonso. O teatro em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX. Revista Barroco, 9: 71, 1977

(7) Idem, ibidem, p. 79.

A passagem do grupo de Keller pelas proximidades da mina de Morro Velho, em meados da década de setenta, deve ter agitado a vida dos que ali habitavam e trabalhavam. Para Avelino, então, foi decisiva.

Fascinado pelas apresentações, cansado do dia-dia na mina, sem perspectivas de melhoria, o menino aproxima-se dos artistas. É aceito pelos membros da companhia, parte com eles, convive com pessoas de várias nacionalidades e acaba aprendendo outras línguas. Pode agora dedicar-se às leituras de que tanto gostava, mas que nunca pudera fazer (apenas lia escondido, na casa do tutor, os livros dos filhos deste). Gostava da Bíblia; sua mãe dera-lhe uma formação fortemente religiosa, e, como lembrará com ironia anos mais tarde, "ser santo foi uma veleidade que tivera em criança".(8) Lia também Alexandre Dumas Pai, Jules Verne e Victor Hugo.

Com a companhia, percorre o interior de Minas, algumas cidades de outros Estados e da América do Sul. Anos mais tarde, abandona Keller e estuda em Ouro Preto e no Rio, sobrevivendo com o que ganhava trabalhando no comércio. Não abandona o teatro; logo depois integra-se na Cia. de Antônio Fernal, um português que percorria as cidades mineiras com sucesso. Avelino gostava da vida de ator, talvez pelo seu ca

(8) FÓSCOLO, A. Coisas d'arte. A Folha Sabarense. Sabará, 20-12-1891, ano VII, nº 25, p. 1.

râter de marginalidade, identificando assim aspectos de sua vida com a profissão. Escreve a Antônio Fernal, poucos anos depois, fazendo considerações sobre o caráter ingrato do teatro: pouco depois dos aplausos, vem o esquecimento. O ator tem de acostumar-se à idéia de que será um desconhecido, após breves momentos de sucesso; "o seu nome envolto na glória de artista permanece no esquecimento como o esquimô descuidoso que a avalanche de gelo oculta para sempre nas plagas no Norte." (9). O artista é "um incompreendido, diante de uma sociedade que o estigmatiza". Humilhado, percebe o ridículo das pessoas e o expõe mais tarde no palco, "obrigando a humanidade a rir e a lastimar dos seus próprios defeitos." (10). Teatro e vida, ficção e realidade, apresentam-se, para o iniciante Avelino Fôscolo, como aspectos indissociáveis, desde então.

Em 1886, a companhia de Fernal encontra-se em Oliveira (MG) e Fôscolo escreve a sua primeira peça, a opereta Os Estrangeiros, cujo texto é hoje totalmente desconhecido. (11) Fernal fixa-se em Oliveira e Avelino retorna a Sabará, onde se reencontra com os amigos de infância, dois dos quais lhe serão especialmente queridos e importantes.

(9) FÔSCOLO, A. O Ator. A Folha Sabarense. Sabará, 17-11-1889, ano V, nº 23, p. 2.

(10) Idem, *ibidem*.

(11) FÔSCOLO, A. Ao Senhor Antônio Rodrigues Fernal. A Folha Sabarense. Sabará, 09-10-1887, ano III, nº 19, p. 3. A opereta Os Estrangeiros permaneceu inédita. Não conseguimos localizar os originais.

Um deles é Luís Cassiano Martins Pereira Júnior (1868-1903), rapaz mulato e de origem humilde, que suportava em Sabará todo o estigma advindo de ser um homem de cor — ainda que livre — numa sociedade que convivía com a escravidão no seu dia-a-dia. Como Fôscolo lembrará mais tarde, tinha, a todo momento, de "esmagar aos pés estultos prejuízos de raça e parvos preconceitos sociais". Apesar de ser "um pobre lutador sem bafejo de fortuna" (12), Luís Cassiano resolve dedicar-se ao estudo, esperando vencer as dificuldades com as quais se defrontava a todo momento: frequenta alguns cursos, chegando a ser aprovado para a Escola de Minas de Ouro Preto e dedica-se à leitura.

É num curso preparatório para a Escola de Minas que conhece Artur Lobo. O curso era ministrado em Sabará, para onde a família de Artur mudara-se em 1882. (13) Ele era mineiro, nascido em 1869 num lugarejo chamado Coração de Jesus, no norte do Estado. Ainda criança, muda-se para Uberaba. Apesar de não ser de uma família rica, encontrou facilidade para frequentar escolas: iniciou seus estudos em Uberaba, e aos doze anos estuda em colégios no Rio de Janeiro. Mudando-se novamente, desta vez para Sabará, frequenta um curso preparatório para a Escola de Minas, onde é aprovado em 1884, juntamente com Luís Cassiano. Ambos, porém, frequentam pouco o curso em Ouro Preto. Entregam-se a estudos autodidáticos, enveredam

(12) FÔSCOLO, A. Homenagem a Luís Cassiano Martins Pereira Júnior. In: Polyantéia. 1904, p. 9,10.

(13) Sobre Artur Lobo ver: SEIXAS SOBRINHO, J. Artur Lobo, baiano? Suplemento literário do Minas Gerais. 13-12-1969, ano IV, nº 172.

para leituras sobre ciências, estudam o francês e lêem avidamente toda a literatura que lhes chega às mãos.

Fôscolo chega de Oliveira e os três tornam-se muito amigos. Tinham muito em comum, principalmente Avelino e Luís, que eram pobres e marginalizados pela sociedade sabarense: o primeiro por ser filho natural, o outro por ser mulato. Os rapazes apegavam-se ao estudo como único meio possível de obter uma situação mais favorável do que aquela que o nascimento lhes legara.

Sabarã, naquela época, era uma cidade de importância no cenário mineiro e ali havia uma movimentação constante de pessoas. A navegação no Rio das Velhas agitava a cidade, que servia de porto e era sede de várias companhias que exploravam o transporte fluvial da região. O porto de Sabará era um centro de trocas e comércio. Como vimos, a cidade possuía um teatro que, na segunda metade do século XIX, atraía atores do Rio e São Paulo. A proximidade da Escola de Minas de Ouro Preto estimulava a fundação de cursos preparatórios, escolas, etc. Havia ainda a Escola Normal de Sabará, que atraía as moças de famílias mais abastadas de todo o Estado. (14)

Vivendo nesse meio, não era muito difícil, para os três amigos, ter acesso a vários tipos de leitura, o

(14) PATRÍCIO, J.A. Geração d'O Contemporâneo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24.12.1944, ano XVII, nº 5.591, p.2.

que era facilitado, ainda mais, pelo estudo autodidático do francês.

Mas, de tudo que lhes chegava às mãos, preferiam justamente as obras que tinham um caráter contestatório, rebelde. Admiravam Guerra Junqueiro, autor português odiado pela Igreja pelos ataques violentos que dirigia ao clero e à moral católica. Em Sabará, onde a presença do clero era marcante, os versos atrevidos daquele escritor adquiriam um significado especial e uma cor local, aos olhos daqueles jovens leitores: as irmandades presentes na cidade tinham uma tradição secular e em cada canto da cidade a Igreja marcava sua forte influência, edificando tempos imponentes e suntuosos.

Outro autor preferido era Eça de Queirós, que causava escândalo com O Primo Basílio e O Crime do Padre Amaro, livros igualmente condenados pela Igreja e tidos como imorais, indignos de serem lidos por "pessoas de bem". Dos franceses, liam não apenas os romances, mas também os escritos sobre literatura e política de autoria de Victor Hugo e Émile Zola, ambos republicanos, apesar de profundas divergências.

A obra de Auguste Comte, e as considerações desse francês sobre a evolução da humanidade correspondiam às expectativas daqueles rapazes. Eles se colocavam contra a escravidão com que deparavam em cada esquina da cidade e contra a falta de canais institucionais de participação numa sociedade monárquica. Ao mesmo tempo que enfrentavam tais situações, liam a teoria de Comte, que dividia a história em três fases:

teológica, metafísica e positiva. O estado teológico seria uma fase primitiva da humanidade, a monarquia, sua expressão política, e o estado positivo seria a etapa final e perfeita, onde a ciência imperaria e substituiria as superstições e a imaginação, sendo a República sua expressão política. (15).

Pertencendo a uma sociedade profundamente católica, monarquista e escravocrata, e tentando rebelar-se contra isso, liam com avidez essas obras. Elas colocavam em questão instituições presentes na sociedade mineira e apontavam para a República como a grande solução, como a oportunidade para findar a escravidão, combater a moral católica, substituindo-a pelo saber científico, neutro e, portanto, verdadeiro. República, ciência e progresso tornam-se palavras-chave no vocabulário daqueles rapazes. Imbuídos de leituras de autores diversos, misturando as idéias naturalistas de Zola, Flaubert e Eça de Queirões com o romantismo e os escritos políticos de Victor Hugo; influenciados pelo positivismo de Comte e pelo anticlericalismo de Guerra Junqueiro, lendo tudo através das lentes proporcionadas pela sociedade em que viviam, aqueles rapazes acabaram formando um centro de discussão, de polêmica, de que outros também participam. Conversam na porta do teatro, nos bares, na noite boêmia, nas far-

(15) COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril, 1983.

ras de estudantes. (16)

A partir de 1887, aquelas discussões são levadas a público através da participação de Fôscolo, Luís Cassiano e Artur, na Folha Sabarense, jornal local dirigido pelo professor Antônio de Paula Pertence Júnior, fundado em 1884. (17)

É na Folha Sabarense que Avelino estreia na imprensa. Continuava trabalhando no teatro, realizando montagens de sua opereta Os Estrangeiros, com desfechos menos agitados do que na primeira experiência em Sabará. Os amigos, apesar do fracasso inicial, acompanham-no nessas montagens. Havia uma admiração geral por Fôscolo: ele encarnava, de certa forma, o ideal do homem que tinha partido do nada e ia, pouco a pouco, conquistando com esforço a posição de intelectual. Em setembro de 1887, os amigos organizam uma homenagem ao autor, ao fim de uma apresentação. Entregam-lhe flores e recitam-lhe uma poesia, composta, a várias mãos, por

(16) As informações acerca das leituras de Avelino Fôscolo, Luís Cassiano e Artur Lobo foram obtidas através de Depoimento de Nestor Fôscolo, Belo Horizonte, 02.12.87. Ver também: SEIXAS SOBRINHO, J. Artur Lobo, baiano? Suplemento Literário do Minas Gerais. 13-12-1969, ano IV, nº 172; O ESCÂNDALO, O Contemporâneo. Sabará, 02-07-1893 ano IV, nº 26, p. 1.

(17) Na homenagem que prestou a Luís Cassiano, no primeiro aniversário de sua morte, Avelino Fôscolo afirma: "Rememoro as nossas primeiras lutas de imprensa na Folha - essa oficina de progresso que o excelente Paula Pertence mantinha com um amor incedível". FÔSCOLO, A. In: Polyantéia. 1904, p. 9 e 10.

Artur, Luís Cassiano, o professor Pertence Júnior (editor da Folha Sabarense), Lopes de Azeredo (redator da Folha) e outros. Entre os versos, um é esclarecedor a respeito da concepção do teatro como elemento didático, ligado à difusão de idéias. Nesse verso, Avelino é elogiado por seu desempenho na arte "cujo fim é educar (...) luzes dando ao humano entendimento" (18).

Paralelamente a essas encenações, Avelino passa a colaborar semanalmente na Folha. O entusiasmo pela imprensa talvez tenha sido despertado pelas atividades que o português Antonio Fernal, o velho amigo dos tempos de teatro ambulante, iniciara em Oliveira. Fernal fundara naquela cidade, em 1887, a Gazeta de Oliveira, que contava, como colaboradores, com gente famosa e importante nas polêmicas da época: José do Patrocínio, Abílio Barreto e até mesmo Eça de Queirós, a quem Fernal conhecera no torrão natal. (19) Fôscolo envolve-se com as questões abolicionistas que agitavam as discussões na época. Sua própria vida achava-se muito relacionada a essas questões: convivera, na infância, com o trabalho escravo. Agora, já adulto, convivia com os problemas que Luís Cassiano enfrentava.

Avelino via naquela sociedade a negação do progresso humano. Para ele, o século XIX assemelhava-se a um

(18) TEATRO. A Folha Sabarense. Sabará, 02-10-1887, ano III, nº 18, p. 2.

(19) FONSECA, Luís Gonzaga. História de Oliveira. Belo Horizonte, Centenário-Bernardo Alves, 1961, p. 61.

mergulhador que "desce ao oceano da ciência para extrair as forças motrizes que impelem o carro do progresso." (20) Con - traíndo, porém, a evolução geral, estava a sociedade mo - narquista descuidada com a instrução e com a ciência, precon - ceituosa quando à mulher e o trabalho manual, apoiada no tra - balho escravo. Dentro de um século de luz, as sombras teima - vam em não se esvair. Era necessário que "os filhos da civi - lização ..., de um século de luz" se empenhassem em combater tais instituições. Fôscolo acreditava em suas armas, afirman - do: "temos a imprensa para reproduzir o pensamento, a inteli - gência para defendermo-nos." (21).

É pela pena e pela palavra que Fôscolo tenta combater. Em seu conto A Suicida (22), o jogo de luzes e som - bras está novamente presente. Uma mulher negra e anônima en - contra-se à beira do rio, sendo seu único consolo. Uma canção melancólica que a fazia recordar-se dos tempos de liberdade. Sua voz é eclipsada por uma ban - da de música que tocava o himno imperial, comemorando uma da - ta patriótica e, ironicamente, dando vivas à liberdade. A es - crava lança-se ao rio. O momento é o do crepúsculo. Assim co - mo as luzes do século não brilhavam naquela "nação escrava",

(20) FÔSCOLO, A. A Instrução Pública no Brasil. A Folha Saba - rense. Sabará, 07-08-1887, ano III, nº 10, p. 2 e 3.

(21) FÔSCOLO, A. A Mulher. A Folha Sabarense. Sabará, 16-10-1887, ano III, nº 20, p. 1 e 2.

(22) FÔSCOLO, A. A Suicida. A Folha Sabarense. Sabará, 23-10-1887, ano III, nº 21, p. 2 e 3.

a própria natureza recusava sua caridade àquela cena, "recolhendo-se nas trevas, enviando "um último ósculo ao sol que se mergulhava no horizonte incendiado." (23)

A polêmica em torno da escravidão agitava toda a cidade, que convivía com o trabalho escravo nas minas desde os áureos tempos, quando a região possuía importantes jazidas facilmente exploráveis. Paralelamente às discussões colocadas na imprensa (além de Fôscolo, vários outros escreviam sobre o tema, destacando-se Luís Cassiano), o teatro foi outro veículo utilizado para a propaganda abolicionista. Em janeiro de 1888, por exemplo, estreia o drama A Vingança do Escravo, permanecendo em cartaz durante muito tempo, apesar do desagrado das companhias de mineração. Finda a apresentação, as conversas corriam animadas na calçada em frente ao teatro, onde várias quitandeiras vendiam pratos com arroz, carne assada, farofa, bolos e bebidas. Os espectadores mais requintados frequentavam o "Grande Restaurante do Teatro", que servia bebidas finas, queijos do reino, frutas em conserva e presuntos. (24)

Os rapazes da Folha, que certamente não tinham recursos para ir ao restaurante, frequentavam as barracquinhas, travando discussões que acabariam transformadas em artigos para o número do jornal da semana. Fôscolo atribuía

(23) Idem, ibidem.

(24) SEIXAS SOBRINHO, J. op. cit. p. 127 e 192.

o desprezo do trabalho manual, pela maioria das pessoas, à existência da escravidão. Esperava que os imigrantes valorizassem o trabalho, num momento "onde o homem-coisa vai desaparecendo da nossa pátria, onde tantos males tem causado, e que há de ser substituído pelo estrangeiro e pelos nossos lords". (25) Fôscolo criticava o caráter improdutivo dos latifúndios mineiros, defendia a subdivisão das terras entre os novos homens que iriam chegar.

Outro ponto enfatizado em seus artigos era o ensino. Essa será uma questão importantíssima em seus escritos durante toda a sua vida, talvez por ter sido a instrução o que lhe acenara com a expectativa de tempos melhores, logo que saíra da mina e começara a trabalhar com Keller. Fascinado pelo discurso cientificista de Comte, deparando com a realidade mineira, em que predominava o analfabetismo, e o acesso ao saber era limitadíssimo, Fôscolo sonhava com "séculos futuros (...) em que a ciência, a verdadeira religião, estenderá a mão ao comércio e à indústria." (26)

Talvez ele estivesse conversando com um de seus amigos sobre tais questões pelas ruas de Sabará, quando viu pela primeira vez uma jovem estudante interna no Colégio Normal de Sabará. Chamava-se Maria Gonçalves Ribeiro, e não nascera ali. Viera de Taboleiro Grande, povoado mineiro não muito distante, para freqüentar o Curso Normal em Sabará. Os dois se apaixonam. Fôscolo escreve-lhe poemas de amor que publica na Folha, assinando um pseudônimo composto das letras

(25) FÔSCOLO, A.O. O trabalho Físico. A Folha Sabarense. Sabará. 21-08-1887, ano III nº 12, p. 1 e 2.

(26) FÔSCOLO, A.A. instrução pública no Brasil. A Folha Sabarense. Sabará. 07-08-1887, ano III, nº 10, p. 2 e 3.

de seu nome misturadas ao dela, revelando-lhe o segredo para que ela pudesse reconhecer as mensagens do namorado. (27) Mas, certamente, as conversas dos dois não se limitavam às confissões amorosas, pois Maria acaba se envolvendo também nas questões acerca da escravidão. Escreve ao pai, boticário de Taboleiro, que possuía alguns escravos domésticos, pedindo a libertação destes. Avelino devia admirar muito a moça: ações como essa correspondiam às suas idéias sobre a necessidade do acesso da mulher ao estudo e da participação feminina nas discussões políticas, científicas, literárias, etc. Faz publicar, na Folha, a carta da moça, a título de exemplo. (28)

A defesa da ampliação dos direitos da mulher, e quiparando-os aos do homem, é uma outra constante na obra de Fôscolo. Talvez o fato de ser filho de mãe solteira o tenha despertado para a fragilidade da mulher, frente a uma sociedade que exigia sempre que ela fosse tutelada por um pai, irmão ou marido. Provavelmente, fora a discriminação sofrida por sua mãe que o tornara sensível ao problema feminino. As lem -

(27) O pseudônimo era Magafe, que misturava o nome dos dois na morados

M = Maria

A = Antônio

G = Gonçalves

A = Avelino

F = Fôscolo

E = Expletivo

SEIXAS SOBRINHO, J. Avelino Fôscolo, mimeo. A pesquisa de Seixas Sobrinho sobre A. Fôscolo foi motivada pela solicitação do diretor do Arquivo Público de Minas Gerais, Dr. João Gomes Teixeira, que por sua vez recebera o pedido de informes sobre o anarquista mineiro pelo Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo, de Genebra.

(28) TABOLEIRO GRANDE. A Folha Sabarense. Sabará, 22-04-1888, ano III, nº 47, p. 4.

branças que dela lhe ficaram eram doces, e ele sempre lhe dedicava poemas melancólicos. (29)

Tendo-a perdido, teme agora perder esta outra mulher a que se afeiçoara. É no ano de 1888 que Maria retornará a Taboleiro Grande, concluído o Curso Normal. Avelino toma uma importante decisão: acompanhá-la. Entende-se com o encarregado de levar a moça até à casa paterna e vai com eles. Lá chegando, por intermédio da futura sogra, consegue convencer o pai de Maria, Manoel Pinto Ribeiro, a aceitá-lo como genro, apesar da sua pobreza: em Sabará, morava num quarto "onde a mobília combinava com o desleixo do prédio." (30) Fica combinado que trabalharia como empregado do sogro, boticário do povoado. Em maio, formaliza-se o noivado e o casamento é realizado antes do fim daquele ano.

Não perde, entretanto, contato com os amigos de Sabará. No mesmo mês de seu noivado, comemora a extinção oficial da escravidão, escrevendo um poema à liberdade e um artigo onde deixa transparecer sua crença numa nova fase, em que "um povo ergue-se vitorioso no progresso" e "uma nação espelha o ferro de vetustas hierarquias." (31) As sombras parecem abandonar finalmente o País. Avelino comemora, sem questionar, a Lei Áurea, cuja artificialidade criticará mais tarde. Mas naquele momento, o sentimento geral era de euforia, de vitória.

(29) FÓSCOLO, A. Sempre Ela! A Folha Sabarense Sabará, 04-04-1887, ano III, nº 14, p. 3.

(30) FÓSCOLO, A. Uma Ladra. A Folha Sabarense Sabará, 01-11-1891, ano VII, nº 18, p. 1 e 2.

No mesmo número do jornal, Luís Cassiano também saúda a "nova era", afirmando a importância da imprensa na campanha abolicionista, destacando a figura de José do Patrocínio, "o intrépido batalhador da redenção dos cativos." (32)

Ao invés de significar um afastamento de Avelino em relação aos amigos de Sabará, a distância causou, pelo contrário, um apego ainda maior a eles. Suas viagens àquela cidade são muito frequentes. Apesar da companhia da mulher, Fôscolo sente-se isolado em Taboleiro Grande. Em artigos que publica na Folha com o título de Cenas Contemporâneas, expressa todo o tédio que sentia no lugarejo. Via com aborrecimento as reuniões sociais, em que, logo após os elogios mútuos, as pessoas se dispersavam falando mal umas das outras, os grupinhos de homens buscando sempre conduzir a conversa no sentido de provar a inferioridade das mulheres. Avelino se irrita: "Oh! muito! muito superiores eles são!" (33)

Fôscolo observa com uma ironia aguda e mordaz os acontecimentos que agitavam Taboleiro Grande: ridicularizava as cerimônias de casamento, os batizados, etc. Rejeita muitas das pessoas do círculo de amigos do sogro, criticando fa-

(32) PEREIRA JÚNIOR, Luís Cassiano M. Nova Era. A Folha Sabarense. Sabará, 27-05-1888. ano III nº 5, p. 3.

(33) FÔSCOLO, A. Cenas Contemporâneas. A Folha Sabarense. Sabará, 24-11-1889, ano V, nº 24, p.12

mílias enriquecidas "à custa do suor do preto", respeitadas pela honradez quando, na verdade, conseguiram o que tinham " à força do labor do pobre, da lágrima do mísero, da nudez do fraco despido pelo forte." (34)

Avelino entrara em conflito com a família Mascarenhas, poderosa em toda a região. Os Mascarenhas eram proprietários de uma imensa fazenda localizada em Taboleiro Grande, a fazenda São Sebastião. Até a Abolição, possuíam mais de cento e cinquenta escravos. Em 1872, três membros daquela família - Antônio Cândido, Bernardo e Caetano Mascarenhas - tinham fundado a Fábrica do Cedro, a dois quilômetros de Taboleiro Grande. O sucesso da iniciativa leva-os a ampliar o empreendimento: fundaram a Fábrica da Cachoeira, em 1874, na região da Cachoeira dos Macacos, e a Fábrica de São Vicente, no povoado do mesmo nome, em 1892. Todas eram voltadas para a produção de tecidos e situavam-se na região central de Minas Gerais. (35)

(34) FÓSCOLO, A. O Batizado. A Folha Sabarense. Sabará, 12-01-1890, ano V, nº 31, p. 2.

(35) Sobre a família Mascarenhas e a fundação das fábricas de tecelagem, ver: GIROLETTI, D.A. A Modernização Capitalista em Minas Gerais - a formação do operariado industrial e de uma nova cosmovisão. Tese de doutoramento apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987, mimeo, p. 142 a 182.

Ainda sobre a Fábrica do Cedro, consultar: MASCARENHAS, G. Centenário da Fábrica do Cedro: histórico (1872-1972). Belo Horizonte, Edição Particular, 1972; DUARTE, R.H. O Povoado do Cedro: Um Palco, Muitas Histórias. In: - Revista do Departamento de História. Belo Horizonte, 1 (2): 102-120, junho 1986.

Os Mascarenhas formavam uma família riquíssima e poderosa. O caráter industrial de suas atividades deveria ter despertado a admiração de Avelino, tão esperançoso no caráter progressista e renovador da indústria. Mas, desde a sua chegada, começam os conflitos conseqüentes de divergências políticas. Sabendo da participação do rapaz nas campanhas abolicionista e republicana, o Barão de Sete Lagoas, Antônio Cândido Mascarenhas, resolve desafiá-lo desde o início, mandando uns vidros sujos à farmácia, com a ordem de serem lavados. Avelino sequer recebe os vidros. (36)

Ao mesmo tempo, escreve para a Folha, participando ativamente da campanha republicana, acirrada pelo gosto de vitória que a abolição oficial da escravidão trouxera aos rapazes do jornal. O Barão de Sete Lagoas, nos primeiros meses de 1889, ameaça-o e exige que deixe de publicar artigos de conteúdo republicano. Sem obter resultados, Antônio Cândido exonera a mulher de Fôscolo, que ocupava o cargo de professora. Fôscolo responde ao Barão: "Virá a República, não tenha dúvida, (...) A República não tarda e minha mulher será nomeada novamente." (37)

(36) Depoimento de Nestor Fôscolo. Belo Horizonte, 02-12-1987.

(37) FRIEIRO, E. No Centenário de Avelino Fôscolo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 8-11-1964, ano XXXVII, nº 10.575.

Em agosto de 1889, Artur Lobo empreende a fundação de O Contemporâneo, cujo título homenageava o mineiro Augusto de Lima, admirado pela participação nas campanhas contra a escravidão e a monarquia tendo publicado, no ano anterior, um livro de poemas denominado Contemporâneas. O jornal faz uma intensa propaganda, polemizando com defensores da monarquia em Sabará.

Poucos meses depois, a República é proclamada. Frente à adesão de vários políticos, os rapazes de O Contemporâneo destacam orgulhosamente o fato de serem "republicanos históricos", como eles mesmos se apresentavam. A data parecia complementar o 13 de maio no âmbito das esperanças do surgimento de uma sociedade nova. Em Taboleiro Grande, Maria volta a dar suas aulas. Os Mascarenhas expressam apoio ao novo regime, imediatamente mudando de estratégia para garantir que o 15 de novembro fosse mais um marco comemorativo de mudanças aparentes, encobridoras de continuidades na organização social, assim como acontecera com o 13 de maio.

A situação em Taboleiro Grande, onde Avelino e os Mascarenhas, antes inimigos, passam, a partir de certa data, a serem teoricamente correligionários, explicita bem o caráter heterogêneo dos grupos republicanos e dos vários tipos de interesses que estavam em jogo, cada grupo tentando fazer prevalecer os seus. A República sonhada pelos jornalistas de O Contemporâneo era bem diferente daquilo que os Mascarenhas esperavam que ela representasse nos rumos do país.

Os editoriais e artigos da Folha e de O Contemporâneo mostram a esperança numa República que pusesse fim à corrupção vigente no Império. Outro tema constante é a necessidade de combate aos grandes latifúndios. Paralelamente à propaganda de uma redistribuição das terras entre pequenos agricultores, o jornal publica inúmeros artigos contra técnicas de exploração da terra, rentáveis a curto prazo, mas desastrosas, como as queimadas e a destruição das matas. São constantes os artigos que criticam tais técnicas como irracionais, contrárias às tendências progressistas que o jornal se propunha representar. A contestação do tipo de exploração efetivada pelos grandes latifundiários passava por um discurso cientificista, como pode-se constatar num editorial chamado "Destruição das Matas": a preocupação é "demonstrar (...) cientificamente, por uma ciência entretanto ao alcance de um qualquer, o grande, o grave, o enorme, o inqualificável inconveniente que há em destruir as matas". (38) A argumentação com base científica era adotada pelos redatores, na defesa dos ideais que valorizavam o trabalho, a pequena indústria e os pequenos lavradores, frente a uma organização social em que predominavam a estagnação, a especulação, a corrupção, o latifúndio e seu caráter explorador.

Outro alvo preferido daqueles que considera-

(38) DESTRUIÇÃO DAS MATAS. O Contemporâneo. Sabará, 21-12-1890, ano II, nº 64, p. 1.

vam que "as letras bem manejadas são verdadeiras armas" (39) era a Igreja. Ela era identificada com a superstição, o irracionalismo, o controle tirano da vida e do pensamento das pessoas. Os jornais comemoram a instituição do casamento civil e polemizam com jornais católicos, como O Cruzeiro, do Rio de Janeiro. Respondendo a críticas desse jornal, um editorial afirma que "desde que o governo provisório, consultando os interesses da nação, entendeu de cortar-lhes as sinecuras e as generosas pitaças dos casamentos, enterramentos, etc., etc., estes honrados sacristães guindaram-se ao trapézio de uma oposição funambulesca." (40)

A República pela qual lutavam aqueles jovens jornalistas era a negação da sociedade em que viviam e contra a qual se rebelavam. Apropriavam-se dos discursos científicos que permeavam a literatura devorada com avidez, apresentando a si próprios como elementos precursores de uma renovação que conduziria a sociedade a uma nova etapa da civilização. Contrapondo-se a todos os outros, aspiram, como expressa Artur Lobo num poema, à ciência como "o dogma do futuro no Vaticano incomparável da arte." (41)

(39) MARPE, Lucas, (pseudônimo de Luís Cassiano). Notas a Lápis. A Folha Sabarense. Sabará, 23-11-1890, ano VI, nº 24, p. 2.

(40) O CRUZEIRO. O Contemporâneo. Sabará, 19-10-1890, ano II, nº 55, p. 1.

(41) LOBO, A. Aspiração para o futuro. O Contemporâneo. Sabará, 23-10-1890, ano II, nº 56, p. 1.

Defendendo tais concepções, faziam questão de diferenciar-se dos outros grupos republicanos, apresentando-se como os verdadeiros defensores de uma verdadeira República. São inúmeras as críticas aos "republicanos de última hora" , aos "monarquistas encubados" (42) que tinham maioria na câmara municipal de Sabará e formavam o Clube Republicano Moderado, tendo por órgão de propaganda o jornal Rio das Velhas, com o qual O Contemporâneo encontrava-se em constante polêmica.

Fôscolo e seus companheiros sentiam-se incomodados e ameaçados por aqueles "novos" republicanos, que ocupavam rapidamente os espaços aos quais eles esperavam ter acesso. Eram esses oportunistas um obstáculo à realização da República a que aspiravam, e contra eles se põem novamente a combater. Os amigos de Sabará percebem que Fôscolo enfrenta a mesma situação em Taboleiro Grande, onde a família Mascarenhas controlara rapidamente as rédeas da política local. Um dos jornalistas de O Contemporâneo dedica-lhe o conto "Um dos Tais", onde descreve um grupo de figurões que, no momento da República, lamentam-na profundamente, pensando num meio de resistir. Ao perceberem, porém, a facilidade que teriam em ocupar cargos e, através da fraude, eleger-se, desistem do intento. Para justificar sua abrupta adesão, um dos personagens declara hipocritamente que acima de tudo está a pátria e afirma:

(42) RIO DAS VELHAS. O Contemporâneo, Sabará, 26-03-1893, ano IV, nº 12, p. 1.

"ninguém mais monarquista do que eu, mas conformo-me, sujeito-me e presto o meu concurso à pátria." (43)

Passado o gosto inicial de vitória, o grupo d'O Contemporâneo começaria a colecionar derrotas, para mais tarde, como veremos, ser perseguido: a Câmara Municipal é composta quase que exclusivamente dos membros do Clube Moderado. Em 1891, Fôscolo e Luís Cassiano se candidatam a vereadores, sofrendo ambos uma esmagadora derrota. (44)

Aqueles rapazes porém, buscam outros meios de participação, fora dos canais institucionais, cujas portas sempre se fechavam para eles. Privilegiam, nesse sentido, o teatro, a imprensa e a literatura.

No campo literário, Fôscolo, Artur e Cassiano são atraídos pelos autores da chamada escola naturalista, fascinados pelas possibilidades que esta lhes abria, de transformar suas próprias obras em parte de sua militância. E, como moradores de Sabará, orgulhavam-se do escritor Júlio Ribeiro, ali nascido em 1845, cujas obras tinham relativa repercussão nacional. Júlio Ribeiro era filho de um artista de circo que, passando por Sabará, resolvera casar-se e fixar-se na ci

(43) AZEVEDO JR, A. Um dos tais. O Contemporâneo. Sabará 04-12-1892, ano III, nº 143, p. 2.

(44) MARPE, Lucas (pseudônimo de Luís Cassiano). Notas a Lápis. A Folha Sabarense. Sabará, 08-03-1891, ano IV, nº 39, p. 1 e 2.

dade. Já rapaz, muda-se para São Paulo, tornando-se crítico, jornalista e escritor. Em 1888 publica A Carne, romance dedicado a Émile Zola, "o príncipe do naturalismo", segundo o autor. Escreve um prefácio em francês, contendo uma mensagem a Zola, em que declara não ser sua intenção imitá-lo, mas antes admirá-lo e seguir seus ensinamentos. (45)

O romance tem grande repercussão entre Fóscolo e seus amigos, que na época ainda escreviam na Folha Sabarense, adquirindo as primeiras experiências nas letras. A obra de J. Ribeiro os entusiasmava pelo seu caráter contestador de tradições caras a uma sociedade do tipo da de Sabará. Debatia questões religiosas e tocava em assuntos quase proibidos, como a sexualidade. Segundo Luís Cassiano, "era um ateu indômito", um lutador firme sob "as asas grandes da literatura, do republicanismo e do ateísmo." (46)

Enquanto parte das pessoas de Sabará vedava as portas de suas casas à entrada de um livro considerado pecaminoso, Avelino, Luís Cassiano, Artur e outros, encontram em J. Ribeiro um grande exemplo. Admiram fortemente aquele que se apresentava como um discípulo de Zola, de quem também eles eram grandes leitores.

Toda a obra de Avelino, como veremos, será fortemente marcada pelos escritos de Zola, que ele admirava aci-

(45) RIBEIRO, J. A Carne. São Paulo, Francisco Alves, 1944.

(46) MARPE, Lucas. (pseudônimo de Luís Cassiano). Notas a Lápis. A Folha Sabarense. Sabará, 23-11-1890, ano VI, nº 24, p. 2.

ma de todos os autores. Não se limitava à leitura dos romances do autor francês mas, como podemos constatar nas transcrições feitas em vários números d'O Contemporâneo (47), lia os discursos por ele pronunciados, artigos publicados em jornais franceses, etc.

E que dizia Zola acerca do naturalismo? Primeiramente, negava que fosse o seu criador. Num artigo publicado no Figaro em 1880, onde se dispõe a uma exposição sucinta, mas esclarecedora sobre o tema, nota que o termo vinha de Montaigne. Negando ser um chefe da escola naturalista, afirma que esta vem sendo esboçada desde Diderot, que rompeu com o classicismo e com a noção de homem metafísico, substituindo-a por uma visão de homem fisiológico e dominado pelo meio. Dos seguidores dessa linha inaugurada por Diderot, Zola cita Stendhal, Balzac e Flaubert. Após tal evolução, o naturalismo chega a uma etapa onde sistematiza "o emprego, nas letras, dos métodos científicos de observação e de experimentação".

(48) Por naturalismo, Zola entende o retorno à natureza. O escritor afirma sonhar ser apenas "um dos soldados da ordem" contribuindo para a "fundação de um Estado sólido e definitivo, baseado sobre a ciência." (49)

(47) Ver, a título de exemplo: ZOLA, E. A derrocada (excerto). O Contemporâneo. Sabará, 11-12-1898, ano III, nº 144, p. 3, ZOLA, E. O Trabalho (Discurso aos estudantes franceses). O Contemporâneo, Sabará, 25-06-1893, ano IV, nº 25, p. 3, ZOLA, E. Discurso. O Contemporâneo. 27-03-1898, ano VII, p. 23; ZOLA, E. Carta. O Contemporâneo. 25-11-1902. ano IX, nº 24, p. 2.

(48) ZOLA, E. Le Naturalisme. In - Les Oeuvres Completes de Émile Zola. vol. III, Paris, François Bernouard, 1928, p. 106.

(49) Idem, ibidem, p. 107.

Em outros artigos, Zola explicita mais essa ligação entre literatura e política. No mesmo ano do artigo anterior, 1880, publica "La République et la Litterature", dentro da coletânea de ensaios Le Roman Expérimental. Nesse texto, define-se como um republicano de longa data e afirma que a verdadeira República é intimamente ligada ao naturalismo.

"A República viverá ou não", afirma Zola, "segundo ela aceite ou rejeite nosso método". A escolha é decisiva, "a República será naturalista ou ela não existirá." (50) Dentro do partido republicano, o autor identifica variadas tendências, sendo que os únicos capazes de garantir os verdadeiros ideais são os "republicanos naturalistas". Tais políticos fazem o "mesmo trabalho que os sábios têm feito na química e na física, e que os escritores estão a ponto de realizar no romance, na crítica e na história." (51) Para Zola, a República é a forma de governo por excelência, e o naturalismo é uma literatura de caráter republicano: "é precisamente o instrumento literário da nova solução científica procurada pelo século". O que ameaça a concretização desses fatos são os grupos pretensamente republicanos, mas na verdade afastados da ciência, aqueles que são, "infelizmente, os parasitas da República." (52)

(50) ZOLA, E. La République et la littérature. In - Le Roman Expérimental. Les Oeuvres Complètes de Émile Zola. vol.47, Paris, François Bernouard, 1928, p. 301.

(51) Idem, ibidem, p. 309.

(52) Idem, ibidem, p. 321 e 327.

Artigos desse tipo devem ter sido decisivos para que Avelino passasse a declarar-se um escritor naturalista. Ele sempre ressaltara as ligações entre a ficção e a realidade, deixara-se fascinar pelo discurso positivista de Comte, vendo nele a possibilidade de renovar a organização social em que vivia. Esperava da República o surgimento do novo, o domínio da ciência garantindo uma ansiada nova era.

Como escritor, identifica-se com esses grandes romancistas, que envolviam a literatura nas lides políticas. Numa carta a uma senhora, que provavelmente criticara seu estilo, afirma ser um "verdadeiro esgrimir no ar" duvidar da utilidade do romance, já debatida "por espíritos superiores (...) e capacidades literárias". Entretanto, como enfatiza o autor, os escritores adeptos do naturalismo eram atacados por todos os lados, perseguidos pelos "soldados da moral pública", apesar de serem os grandes anunciadores da renovação. Injustamente, os guardiães das tradições procuram "pulverizar os primeiros embriões que se farão árvore enorme no futuro", não deixam de evitar a luz que será produzida por esta "regeneração da arte em pleno conúbio com a natureza." (53)

A literatura assume um significado especial, ela que deveria, com uma obsessividade científica, "descrever

(53) FÓSCOLO, A. O Naturalismo - carta a uma senhora. O Contemporâneo. Sabará. 10-05-1891, ano II, nº 79, p. 2.

com todas as minuciosidades as ações humanas", sem preocupar-se com aspectos éticos ou morais. Para Fôscolo, a única ética é ser científico e imparcial, a única moral é não esconder a verdade, "lutar! lutar! ... lutar até implantar no seio da sociedade esse naturalismo moderno, tão repleto de seiva, ardente de ciência e de arte!" Obviamente, afirma Avelino, tais combates desiludirão aqueles apegados às velhas crenças, as tradições do passado. Porém, "essa nova era da história da arte, no romance" estabelecerá um imenso farol cuja luz iluminará "os cegos do espírito". (54) O homem, iluminado pelo saber, conseguirá lutar contra as dificuldades encontradas na vida social.

Principalmente no caso da mulher, Avelino vê a importância da leitura de obras naturalistas. Não era ela o ser frágil, impedida quase sempre de estudar, tutelada, dominada? Não seria tal fragilidade a causa da infelicidade de tantas mulheres, como sua própria mãe? Através das leituras de obras condenadas pelos pais de família, as moças não seriam levadas ao vício mas, pelo contrário, adquiririam "a prática de se defenderem dos abismos que a cada passo a sociedade cava aos pés da mulher." (55) Assim, o romance O Primo Basílio, de Eça de Queirós, seria uma leitura muito mais proveitosa, alertando as mulheres para os conquistadores inescrupulosos, do

(54) Idem, *ibidem*.

(55) Idem, *ibidem*.

que os romances fantasiosos de um escritor romântico como o francês Belot, que embalavam as mulheres em ilusões perigosas

Era a fixação pela idéia de uma realidade objetiva e a ênfase no caráter transformador do romance o que fascinava Avelino ao ler Zola, Guerra Junqueiro - para quem "a poesia moderna deve ter um caráter científico" (56) - e Eça de Queirós que numa conferência denominada "O Realismo Como Expressão da Arte", afirmara que o escritor deve-se portar perante a realidade como "o cientista diante do microscópio."

(57). Desprezando as brigas entre românticos e naturalistas na Europa, Avelino admira George Sand, uma escritora romântica bastante criticada por Zola, que afirmava que ela, apesar de sua "adoração apaixonada da natureza" só conseguia vê-la "a - través das imagens mais quiméricas." (58) Entretanto, Avelino mistura Zola e George Sand para achar neles justamente o que lhe interessava: a noção do romance como uma científica análise do real. Num outro artigo, respondendo às críticas sobre seus escritos, Avelino pergunta ao leitor se conhecia George Sand, aquela que, sozinha, penetrava nos restaurantes, tavernas, prostíbulos e casas de jogos, para observar "os gestos, os ditos, as fisionomias" e, logo que o dia clareava, passava para o papel suas impressões. (59) O escritor deveria ser, an

(56) JUNQUEIRO, G. Prefácio à 2ª edição (1876). A Morte de Dom João. Lisboa, 9ª edição Livraria Editora, 1914, p. 10.

(57) EÇA DE QUEIRÓS, Os Imortais da Literatura Universal. vol. I, São Paulo, Abril, 1972.

(58) ZOLA, E. Le Naturalisme ..., p. 102.

(59) FÔSCOLO, A. Coisas d'arte. A Folha Sabarense. Sabará, 20-12-1891, ano VII, nº 25, p. 1 e 2.

tes de tudo, um observador imparcial, Acima de tudo, um espectador neutro.

É dentro desse espírito e, certamente, esperando abalar a tradicionalíssima Sabará, que Avelino e Luis Cassiano escrevem A Mulher, publicado em 1890 por uma editora do Rio de Janeiro. O romance conta a história de um casamento realizado por conveniências sociais, em que desde o início já se pode prever o adultério. A mulher envolve-se com um jovem conquistador e o casamento acaba em desgraça e morte. Os autores atacam a hipocrisia dos casamentos realizados por interesse e questionam o comportamento do homem, frente à sexualidade da mulher.

Tencionando abalar a organização familiar através do romance, os autores decidem escrever uma introdução que esclareça previamente seus valores, defendendo-se desde já das acusações de imoralidade. Provavelmente, tinham lido o prefácio de Guerra Junqueiro à segunda edição do polêmico livro A Morte de D. João, publicado em 1876. Nele, Guerra Junqueiro aconselha aos chefes de família que não impeçam suas mulheres e filhas de ler seu livro; a mulher deve ser esclarecida pela literatura. A Bíblia, adorada em todos os lares, tinha, entretanto, "passagens nuas e cruas". Aproveitando para ironizar a censura, Guerra Junqueiro afirma que "atendendo ao derramamento da instrução em Portugal", não ousaria transcrever tais

passagens bíblicas "nem em latim, nem mesmo em hebraico". (60) Avelino e Luís Cassiano deviam apreciar esse tom desafiador, pois notam-se fortes ligações com o prólogo do poeta português, no texto que precede A Mulher, chamado "Viver às Claras":

"Cristianíssimo leitor, apresentamos-te A Mulher. É uma obra realista, a dissecação de um organismo, a autópsia da alma, um estudo psicofisiológico ou coisa que o valha.

-É uma indecência, uma imoralidade, um tratado de pornografia pura, uma coisa indigna de ser lida, retrucarás indignado.

Serã, não duvidamos: mas em todo caso, no que diz respeito a obscenidades, está muito aquém do livro com que educas os teus filhinhos, o código da tua religião, a Bíblia.

os autores" (61).

A Mulher não foi um livro bem aceito, seu valor literário foi criticado duramente pelos jornais cariocas e mesmo pelos colegas de Sabará. Azevedo Júnior, amigo dos autores e colaborador d'O Contemporâneo, tecendo elogios iniciais, critica os exageros do romance, excessivamente minucioso

(60) JUNQUEIRO, G. op.cit. p. 16

(61) FÓSCOLO, A. e PEREIRA JUNIOR, Luís Cassiano M. A MULHER. Rio de Janeiro, Tipografia M. Maximiano, 1990.

so, repleto de dissertações científicas, o que levava ao enfado. (62)

Não se pode dizer, entretanto, que não tenha tido leitores. Em junho de 1893, O Contemporâneo avisa que estão sendo esgotados os últimos números de A Mulher.⁽⁶³⁾ Obviamente, esse anúncio também podia ser uma estratégia para vender volumes encalhados. O fato é que um padre de Sabará publica, em outro jornal local, duras críticas ao romance, desaconselhando sua leitura: provavelmente o livro despertara alguma curiosidade. Luís Cassiano é quem assina o artigo que responde às acusações do padre Júlio Engracio.

Sua resposta é irônica, acusando o padre de ignorância a respeito das novas tendências literárias da época. Não podia, portanto, apreciar A Mulher, assim como não devia apreciar Zola, considerando-o "um pernicioso ou um pornógrafo" por ter escrito obras imortais como Germinal, A Besta Humana, O Doutor Pascal, etc. Não devia, tampouco, apreciar o "laureado Flaubert, que nas páginas adoráveis de Madame Bovary trata de um caso de adultério." (64)

Os autores devem ter-se sentido satisfeitos por incomodar o clero. Os ataques do padre reforçavam a idéia de que eles, republicanos e naturalistas, representavam as for

(62) AZEVEDO JUNIOR, A. Cartas Sertanejas. O Contemporâneo. Sabará 16-10-1892, ano III, nº 136, p. 1 e 2.

(63) A MULHER. O Contemporâneo. Sabará 25-06-1893 ano IV, nº 25, p.1.

(64) PEREIRA JUNIOR, Luís Cassiano M. A Mulher. O Contemporâneo. Sabará, 24-12-1893, ano IV, nº 49, p.1

ças do novo. Pois não eram atacados pelos defensores do velho, do tradicional? Outro aspecto significativo: a resposta, sutilmente atrevida, é publicada na véspera do Natal, dia marcado pelas preparações das missas e rituais comemorativos da Igreja Católica.

No meio de todas essas lides, unindo literatura, imprensa e militância, mais amigos que nunca, viviam Artur, Luís Cassiano e Avelino, sempre organizando ou empreendendo alguma atividade.

Em fins de 1892, Fôscolo decide fundar, em Taboleiro Grande, um jornal. Na região, não havia nenhum periódico, nem mesmo em Sete Lagoas, área mais urbanizada e bem próxima dali. A idéia já devia estar germinando na mente de Fôscolo há muito tempo, mas as dificuldades previsíveis devetero desanimado, de início. Um dia porém, decide-se e idealiza um prelo de madeira, encomendando-o a um artífice que morava na localidade. Pôde arcar com as despesas, pois melhorara sua situação financeira trabalhando na farmácia do sogro e inventando um remédio para animais, O Cevador que, segundo os anúncios publicados n'O Contemporâneo, realizava milagres.

Logo no início do ano de 1893, no dia 6 de janeiro, Fôscolo realiza um velho sonho: funda seu primeiro jornal, A Vida, que se definia como um "órgão literário".

Avelino Fôscolo era o único redator do jornal, aliás impresso em pequeno formato. No editorial do primeiro

número, ele expõe as dificuldades que enfrentava naquela atividade "ádua e tão trabalhosa". Mas vencera a hesitação em fundar o jornal, considerando o grande papel da imprensa, "tão necessária à civilização e ao progresso como o calor é necessário à vida". O título escolhido justificava-se pela sua intenção de tocar em todos os ramos do jornalismo, apesar de tratar-se de um órgão literário. Assim, assuntos como o comércio, a agricultura e a indústria, "todos estes motores do progresso social" seriam explorados.⁽⁶⁵⁾ A grande preocupação de Avelino, uma vez mais, é combater aspectos da organização social que julgava serem obstáculos ao florescimento da civilização. Fundar um jornal, o primeiro em toda uma região, significava, para ele, lançar as sementes da "árvore da civilização". Na concepção de Avelino, que considerava as letras como militância política, A Vida é um passo decisivo no processo de transformação por que a região de Taboleiro Grande deveria passar. O grande objetivo era fazer prevalecer, em cada parte do País, os ideais que julgava serem os verdadeiros ideais da República: Ordem e Progresso. Para Avelino, a Ordem opunha-se à corrupção e à especulação criticadas no Império; o Progresso opunha-se à falta de instrução, à exploração inconseqüente das riquezas naturais, ao desprezo pela ciência e pelas letras.

(65) A VIDA, A Vida. Taboleiro Grande, 06-01-1893, ano I, nº 1 p.1.

Logo nesse primeiro número, escreve um artigo defendendo o prolongamento da estrada de ferro até Taboleiro Grande, expondo o potencial da região, que possuía uma indústria vinícola nascente, uma importante produção de Cedro e Cachaça, terrenos agrícolas férteis e ricos e produção de carne. A via férrea contribuiria para o desenvolvimento de "todo esse progresso real". Avelino reclama também do Correio, que era ineficiente para transportar a correspondência do Rio de Janeiro. Na verdade, defendia interesses bem pessoais já que era a única pessoa que assinava jornais daquela Capital (ou os que chegavam pelo Rio, vindos do Exterior) e recebia livros que comprava pelo Correio, como incansável leitor que era.

A Vida durou três anos. Em 1896, entretanto, Avelino realiza no jornal algumas mudanças, inclusive o próprio nome, que passa a ser O Industrial. O título deixa transparecer a influência de leituras de Comte. Na obra desse filósofo a indústria é bastante valorizada: no estado positivo, que Avelino perseguia através da República e do naturalismo, os cientistas teriam um papel de destaque, assim como os industriais, que garantiriam o bem-estar material de toda a sociedade, através de sua produção, aumentada pelo uso de técnicas modernas.

Avelino identificava-se com tal valorização da indústria. Assumira a farmácia do sogro e empreendera a fabricação de vários tipos de remédios; tinha uma pequena gráfica, num mesmo cômodo de sua casa, onde imprimia os jornais; de

dicava-se também à produção de vinho, tendo escrito artigos sobre as técnicas mais racionais de cultivo da vinha.⁽⁶⁶⁾ Até nas suas atividades, Fóscolo acreditava ser um inovador, um dos representantes das novas forças que deveriam transformar o País.

Mas não é apenas o nome que muda no seu jornalismo. A Vida não se limitava aos textos literários mas, como órgão literário, por coerência tinha que dar-lhes preferência. E esse é um momento da militância (não apenas de Avelino, mas de seus grandes amigos de Sabará) em que os acontecimentos tomam um rumo tal, que se sente a necessidade de mudar as estratégias.

Os obstáculos, que eles julgavam serem acidentais e contornáveis, como o predomínio dos setores mais retrôgados e a continuidade das instituições monárquicas (com a mudança apenas de rótulos), passam a afirmar-se cada vez mais. Na verdade, eram eles os intrusos dentro da articulação de um novo projeto de domínio.

Aqueles jornalistas e escritores, que tantas esperanças tinham depositado na República, sentiam-se traídos.

Apesar da grande "conquista civilizadora" do dia 15 de novembro de 1889, "a vida da República não corria tranqüila e ordenadamente, como seria de se esperar".⁽⁶⁷⁾ Pre

(66) FÓSCOLO, A. Viticultura, A Folha Sabarense, Sabará, 12-07-1891, ano VII, nº 2, p. 1 e 2.

(67) 15 DE NOVEMBRO, O Contemporâneo, Sabará, 15-11-1897, ano VII, nº 6, p. 1.

dominavam os interesses pessoais e partidários, o que levava ao "empastelamento de jornais oposicionistas em plena capital da República". O jornal O Contemporâneo denuncia a "inexistência de garantias legais" e afirma "que a liberdade de manifestação de pensamento está morta nos tempos que correm". Que República era aquela, que vedava os direitos de quem se opunha aos governantes, tentando obrigar os divergentes a uma "obediência cega"? (68)

O Industrial apresentava-se, basicamente, como um jornal de denúncia. Até seu nome parecia destinado a renovar, na memória dos leitores, os ideais da propaganda republicana. O que se constata através de todos os artigos, é a continuidade, que passa a ser garantida por eleições fraudulentas: sempre uma "nova comédia, em três atos, do esbanjamento do dinheiro público" (69), mas invariavelmente, com final já predeterminado. Uma vez eleitos, os deputados ocupavam o Congresso de forma tão vergonhosa como tinham alcançado o cargo: "os devotados patriotas, a 75 mil réis diários, apesar da crise terrível que atravessamos, gastam o tempo em discussões fúteis." (70) Além de nada fazer, transformavam o Congresso numa feira de insultos, brigando e agredindo-se fisicamente, defendendo interesses puramente pessoais. Criticando a situação lamentável do Congresso, O Industrial afirmava que o Senado en-

(68) 15 DE NOVEMBRO, O Contemporâneo, Sabará, 15-11-1897, ano VII, nº 6, p.1

(69) ELEIÇÕES. O Industrial. Taboleiro Grande, 09-01-1897, ano II, nº 2, p.1

(70) CONGRESSO FEDERAL, O Industrial. Taboleiro Grande, 01-08-1897 ano II, nº 16, p.1

contrava-se pior ainda, numa atitude de desleixo em relação à importante questão do ensino público. Os próprios representantes do governo poluíam, a cada passo, a "clâmide imaculada da República".⁽⁷¹⁾

Como vozes dissonantes, Avelino e seus companheiros de O Contemporâneo não encontravam muitas facilidades. Numa carta a Silviano Brandão, Presidente de Minas, Azevedo Júnior, um dos colaboradores do jornal sabarense, denuncia a penúria de seus colegas: Artur Lobo, que se mudara para Uberaba, sofria violentas ameaças e perseguições. Luís Cassiano, ao submeter-se a um concurso para dar aulas na Escola Normal de Sabará, fora fortemente prejudicado pelo fiscal do Governo que, entretanto, não conseguiu impedir sua aprovação.⁽⁷²⁾

A perseguição a Artur Lobo assume aspectos trágicos e violentos. Ele escrevia semanalmente no Jornal do Povo, em Uberaba, criticando aqueles que considerava os traidores da República. Sendo professor da Escola de Uberaba, entra em conflito com o diretor, o Sr. Artiaga, por suas posições políticas. As divergências assumem aspectos incontroláveis e Artur, atingido por um tiro, mata o diretor, em legítima defesa. Em 1887, é julgado e absolvido, mas despertara grandes

(71) CONGRESSO FEDERAL. O Industrial. Taboleiro Grande. 01-08-1897. ano II, nº 6, p.1

(72) AVEZEDO JUNIOR, A. Carta Aberta ao dr. Silviano Brandão. O Contemporâneo. 13-03-1898, ano VII, nº 19, p.1

inimizades em Uberaba, e um jagunço é contratado para assassi_iná-lo, não o conseguindo, porém. É obtida, entretanto, a rea_ubertura do inquérito contra ele, um ano depois da sentença que o absolvera.

Os amigos de imprensa apressam-se a solidari_zar-se. O julgamento de Artur assume aspectos políticos. As páginas de O Contemporâneo enchem-se de mensagens de apoio, o mesmo acontecendo com O Industrial.

Os eventos do caso Dreyfus e o envolvimento, no mesmo, de Zola incentivam os amigos empenhados em apoiar Artur, transformando seu julgamento numa denúncia dos abusos e dos descaminhos de uma República que impedia a liberdade de pensamento.

Ao lado das notícias sobre Artur, publicavam-se artigos focalizando Zola, cujos discursos eram integralmente transcritos. O autor francês, admirado e festejado por defen_der sua condição de "escritor independente", afirmava, num dos discursos transcritos, que poderia ser condenado, e um novo erro judiciário seria cometido. Ficassem, porém, "convencidos de que a semente assim largamente esparsa brotará em toda a França, minando-a e levando-a ao descrédito".⁽⁷³⁾ Por trás do caso Dreyfus, como percebia Zola, muitos interesses estavam em jogo.

(73) ZOLA, E. Discurso, O Industrial. Taboleiro Grande, 13-03-1890, ano III, nº 5, p. 2.

Também o julgamento de Artur ganha destaque e mostra a perseguição aos representantes de um determinado projeto republicano. Durante este segundo juri percebe-se a ligação de Artur com a maçonaria, que contrata um advogado paulista para defendê-lo. Levando-se em conta a forte amizade entre ele, Luís Cassiano e Avelino, vêem-se aqui indícios da participação dos três naquela instituição, que na época estava bem ligada às lutas republicanas.

Apesar de absolvido pela segunda vez, foram seríssimas as repercussões para Artur Lobo, que não era um rapaz forte: os retratos mostram um rosto miúdo, um corpo franzino. Adoece no curso do processo judicial, contraindo tuberculose. Morreria três anos depois, ao fim de um longo período de luta contra a moléstia. Restringindo suas atividades, aproveita o tempo em que fica preso ao leito para escrever Serões e Lazeres, livro de memórias, no qual se diverte recordando as noites de teatro em Sabará, quando ele, Avelino e Luís Cassiano desafiavam irreverentemente a frieza da platéia.

Mesmo frente a todos esses acontecimentos, Luís Cassiano consegue manter O Contemporâneo, apesar de reconhecer que "a ação do tempo, vária e demolidora, nos tem sobremodo desalentado, roubando-nos com cruzeza, não ideais só" (74), mas companheiros de luta, como Artur. A República

(74) O CONTEMPORÂNEO. O Contemporâneo. Sabará. 01-05-1962, ano IX, nº 1, p. 1

era constantemente repensada nas páginas do jornal, que passa a transcrever artigos de Victor Hugo. Este autor tinha sido muito lido por Avelino na juventude, quando trabalhava ainda com Keller. Apesar de declarar-se naturalista, não abandonava as leituras daquele romântico, a quem Zola não perdia a chance de criticar em seus artigos. (75)

São principalmente os seus escritos sobre a República que despertam a curiosidade de Avelino e seus amigos. Victor Hugo tivera uma trajetória tumultuada, inicialmente apoiando a monarquia, depois atacando-a violentamente, chegando a participar da Comuna de Paris. A partir de então tem uma ativa militância, realizando, por toda a Europa, discursos e conferências, de conteúdo pacifista e universalista, numa concepção bem específica da República. Propunha que se completasse a Revolução Francesa pela fraternidade européia, "a unidade da França pela unidade do continente." (76)

Em Sabará, vários desses discursos eram lidos, e muitos eram transcritos no jornal, despertando polêmica entre aqueles que se sentiam desnorteados pelos rumos do novo regime. Num dos discursos transcritos, Victor Hugo compara República e Socialismo, chegando à conclusão da proximidade entre os dois, já que ambos defendiam um projeto extensível a todos

(75) ZOLA, E. Le Naturalisme p. 102

(76) HUGO, V. Lettre aux démocrates de Marseille (1870) In-
Oeuvres Complètes de V. Hugo. Actes et Paroles (IV) -de-
puis l'exil (1876-1885). Paris, Société d'editions lit-
teraires et artistiques, 1930. p. 11 a 14.
Ver, da mesma coleção: Discours aux ouvriers lyonnais
(1877), vol. IV, p. 15 a 24;
Lettre aux membres du Congrès de la Paix (1872), vol.
III, p. 28 a 286.
Lettre au républicains de Paris (1872), vol. III, p.279
-282.

os povos, a soberania e a liberdade dos indivíduos.⁽⁷⁷⁾ É interessante notar que, alguns colaboradores d'O Contemporâneo como Artur Lobo, definiam-se também como republicanos-socialistas.⁽⁷⁸⁾

Logo no início do século, Avelino e Luís Cassiano deixam patente que vinham se afastando das fileiras republicanas. A transcrição de textos de Zola também mostra a procura de novos caminhos. O grande escritor francês escrevera, pouco antes de sua morte, expondo dúvidas que soavam com familiaridade aos dois jornalistas: "por que meios se efetuarão as inevitáveis mudanças?" Inevitáveis, sim, pois, "a Revolução Francesa foi provocada por males menores do que os que hoje imperam". Tornava-se urgente buscar novos caminhos, "aplicar um sincero esforço ao estudo destas questões."⁽⁷⁹⁾

Luís Cassiano publica O Contemporâneo até dezembro de 1902. Em princípios de 1903, adoece e morre rapidamente. Avelino, que atribuiu essa morte precoce à paixão política que "arrastou-o ao túmulo"⁽⁸⁰⁾, encontra-se, a partir de então, completamente sozinho. Perde os amigos com os quais se identificava, ao lado dos quais lutara pelos mesmos projetos. Vê os dois sacrificados pelas lutas e pela defesa de uma Repú-

(77) VÍTOR HUGO E O SOCIALISMO. O Contemporâneo. Sabará, 11-02-1894, ano V, nº 5, p. 3

(78) CARTAS SERTANEJAS. O Contemporâneo. Sabará, 09-02-1893, ano IV, nº 6, p. 2.

(79) ZOLA, E. Carta. O Contemporâneo. Sabará, 25-11-1902, ano IX, nº 24, p. 2

(80) SERÕES E LAZERES. A Nova Era. Taboleiro Grande, 27-09-1906, ano I, nº 3, p. 1

plica na qual depositaram tanta fé, e que teimava em não se concretizar. Estás em seus companheiros, sem suas certezas. São anos difíceis. São momentos pessimistas... E esse mal estar geral está presente nas obras que publica, doze anos depois de ter estreado no romance, com A Mulher. Em 1902, publicara O Caboclo, em 1903, consegue editar A Capital e O Mestiço.

A grande afirmação que Avelino faz, através de seus romances, é a permanência das sombras que durante anos, tentara dissipar.

O Caboclo e O Mestiço têm, como tema principal, a escravidão, e a idéia que permeia essas obras é a da falsidade das comemorações em torno da Abolição, do dia 13 de maio, data que o próprio Avelino saudara com poemas e artigos, anos atrás. (81)

Coerente com suas concepções, que atribuíam à literatura um papel de análise e transformação, ele busca, através da ficção, mostrar que situações enfrentadas pelos escravos eram semelhantes àquelas em que viviam os trabalhadores livres, principalmente quanto às formas de exploração dessa mão-de-obra nos sertões mineiros, o que ele observava a seu redor. Fôscolo traçava um paralelo entre o cotidiano dos escravos e o dos trabalhadores livres para evidenciar como pos

(81) Ver nota 28.

suíam em comum a miséria, a exploração, o sofrimento e a revolta, e como, apesar de abolida a escravatura, a dominação ainda existia sob outras formas e a exploração ainda predominava nas relações entre os homens. (82)

Retratando ficcionalmente a vida do escravo, estes romances apresentam imagens muito próximas às condições de vida e de trabalho existentes em Taboleiro Grande.

Avelino convivia, naquele povoado, com os operários da Cedro e Cachoeira, importante indústria mineira de tecidos localizada a apenas dois quilômetros dali. Muitos desses trabalhadores moravam em casas construídas nos fundos da fábrica para lhes serem alugadas. Para essa pequena população foram estabelecidos rígidos regulamentos, não só para o interior mas também para exterior da fábrica, "no sentido de assegurar a ordem e o respeito entre os moradores" segundo as palavras dos próprios Mascarenhas. (83)

As pessoas da região resistiam a trabalhar na fábrica. Estavam acostumadas ao labor na lavoura, onde predominava uma concepção diferente de tempo e de espaço. Para quem se habituara a medir o tempo pelo cantar do galo ou pela posição do Sol no céu, era difícil obedecer a uma sineta; família

(82) Para uma reflexão sobre a construção da memória pelo vencedor através dos marcos da abolição da escravidão e da proclamação da República, ver: MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In Repensando a História. Marcos A. da Silva. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984, p. 37 a 64.

(83) MASCARENHAS, G. op. cit. p. 73.

rizados com o trabalho ao ar livre, custava-lhes aceitar o confinamento que lhes era imposto. As desistências são grandes, mas a direção da fábrica busca meios de retê-los: institui caixas econômicas, com depósitos compulsórios de parte dos sa-lários; abre um armazém onde os operários se endividavam, ficando presos ao emprego, pois a cada mês as dívidas aumentavam e estendiam-se para o futuro. (84)

Até 1905, os trabalhadores labutavam desde o nascer até o pôr do sol, enquanto a luz natural o permitisse. A partir desse ano, a instalação da luz elétrica estende ainda mais as jornadas de trabalho.

Após o trabalho exaustivo, os operários volta-vam para a vila operária, onde as condições habitacionais eram péssimas. A disposição dos barracos impedia que recebessem a luz do sol; muitos cômodos não possuíam sequer uma janela; os assoalhos tinham inúmeras gretas; a água que se acumulava nos porões misturava-se aos "insetos, ratos, gambás, gatos mortos e em decomposição" que ali havia. Os telhados eram cheios de goteiras; na frente dos barracos, os buracos favoreciam a estagnação da água das chuvas; nas paredes irregulares, os orifícios permitiam a abundância de insetos como o barbeiro, o percevejo e a pulga. (85)

(84) Ver: Relatórios Anuais da Cia. Cedro e Cachoeira apresentados à Assembléia Geral Ordinária dos Acionistas. 1882, 1884, 1887 e 1892.

(85) A FÁBRICA DO CEDRO. Gazeta de Paraopeba. Villa Paraopeba, 16-09-1917, ano VII, nº 337, p. 3 e 4.

As instalações da fábrica também eram precárias: no prédio também havia goteiras; o assoalho de madeira, todo estragado; o ambiente úmido e a luminosidade fraca. A tuberculose disseminava-se entre os trabalhadores em consequência das jornadas exaustivas, das péssimas condições de moradia e trabalho e da má alimentação, decorrente dos baixos salários. (86)

A renda familiar limitava-se aos pequenos vencimentos dos membros que conseguiam empregar-se, já que se aceitavam mulheres e menores em grande escala, e esse tipo de mão de obra era extremamente mal remunerado. (87)

Ao deparar com esses trabalhadores, controlados na fábrica e fora dela por minuciosos regulamentos, impedidos, por suas dívidas, de abandoná-la, habitando em cubículos imundos e trabalhando exaustivamente, Avelino vê claramente que a escravidão não terminara. Crianças pequenas passavam o dia na fábrica, trabalhadores sofriam acidentes e, inutilizados, viam-se relegados ao desamparo e a uma triste sorte. Os ricos

(86) Só em 1912 a fábrica adotará a jornada de 10 horas. No jornal local, a diretoria manda publicar um artigo que apresenta a nova jornada como um benefício espontaneamente concedido pela empresa: "... A ilustre Diretoria da Cia. Cedro e Cachoeira num bem inspirado gesto de altruísmo (...) acaba de adotar o dia de 10 horas de trabalho." O NOVO HORÁRIO DO CEDRO. Folha do Cedro, Cedro, 12-05-1912, ano II, nº 57, p. 1.

(87) Depoimentos de D. Diolinda dos Santos, Caetanópolis, 25-11-1984, D. Zora, 26-11-1984, Caetanópolis. Ambas antigas tecelãs da fábrica. D. Zora começou a trabalhar em 1902 com sete anos de idade e ganhando cerca de 200 réis diários. Segundo os jornais da época, que trazem os preços de mercado, essa quantia equivalia ao preço de um quilo de arroz ou um pouco que um quilo de feijão. Ver também GIROLETTI, D.A. op.cit., p. 221 e 222.

proprietários eram os mesmos latifundiários e antigos Senhores de escravos da grande fazenda São Sebastião.

Além de todos esses aspectos, havia a repressão que mantinha a mesma ferocidade dos tempos de escravidão oficial. A ordem local era mantida pelo Coronel Caetano Mascarenhas, que recorria, sempre que necessário, a um delegado de Sete Lagoas, o Felão. Os espancamentos de alcoôlatras e prostitutas eram freqüentes, a insubmissão podia ter violentas consequências. (88)

Essas situações de exploração e domínio encontram-se extremamente próximas às imagens construídas por Fóscolo, em seus livros sobre a escravidão.

Os dois romances citados têm, como cenário, o grande latifúndio mineiro, e as descrições minuciosas levavam o leitor a identificar facilmente, no ambiente descrito pela ficção, aquele em que vivia: o meio natural, com sua flora e fauna próprias; os rios de Minas - como o rio das Velhas - margeando as fazendas onde transcorre a história; as festas religiosas típicas de certas épocas do ano, e os métodos de cultivo das terras, aliás constantemente apresentados com fortes

(88) Depoimento de D. Diolinda, Caetanópolis, 25-11-1984. Além deste delegado, outros homens, em diferentes épocas, exerciam a função repressiva: "Na Fábrica de Cedro havia uma espécie de corpo de policiais particulares, pagos pela Cia. para garantir suas propriedades, a ordem e o sossego público. Tais indivíduos eram chamados pelo povo de "porreteiros", alcunha que aludia aos métodos que utilizavam os chefes da disciplina, uma espécie de instituição paramilitar que existia nas fábricas com vilas operárias; entravam em ação sempre que fosse necessária "para dar uma lição" ou para corrigir os controveitores, reincidentes ou recalcitrantes, "não pela persuasão, mas pela violência pura e simples". GIROLETTI, D.A. op. cit., p.342 e 343.

críticas às queimadas e ao seu caráter destruidor.

Avelino baseia seus enredos, dessa forma, no próprio dia-a-dia do leitor mineiro. Também os protagonistas tinham condições idênticas às de tantos homens que labutavam na lavoura e nas fábricas de Minas, como no caso da Cedro e Cachoeira: ocupavam uma situação confusa e indefinida, entre a liberdade formal e o cativoiro.

Em O Caboclo⁽⁸⁹⁾, a narração situa-se em uma fazenda, nas proximidades de Sabará. João é filho de uma das escravas da fazenda, violentada pelo cunhado do proprietário. A negra, num momento de desespero, tenta matar, ainda no ventre, o filho indesejado, esfaqueando-se. Mas sua senhora salva-o e resolve criá-lo como sobrinho, sem submetê-lo às mesmas condições dos outros escravos.

Dessa forma, João cresce brincando com Lenã, a filha dos proprietários: possui certas regalias, mas continua sempre estigmatizado, como escravo que era. Na juventude, porém, ao apaixonar-se por Lenã, percebe a distância que os separa. As loucuras que comete, para tentar tê-la a seu lado, chegando a estuprá-la, levam seus donos a extinguir os pequenos privilégios antes concedidos: como escravo que é, João é castrado e abandonado, amarrado, numa gruta, à mercê dos animais. A mãe negra socorre o filho, dedicando-lhe o único carinho sincero que João jamais recebera.

(89) FÓSCOLO, A. O Caboclo. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1902.

Floriano, de O Mestiço (90), vive uma situação tão ambígua como João. Não conhece sua própria origem, mas é tratado de forma diferente dos outros escravos, nunca sofrendo castigos físicos. Os outros negros diziam não ser ele realmente um cativo, e que o fazendeiro ocultava sua origem para mantê-lo como tal. Com a morte do senhor, sua origem é esclarecida: era um homem livre, filho de uma meretriz e um escravo, enjeitado e vendido ao fazendeiro, ainda criança. Tendo trabalhado anos como escravo, vivendo na senzala, sem saber de sua condição de homem livre, Floriano recebe como pagamento, uma insignificante soma em dinheiro. Ao saber da notícia, o sentimento de alegria predomina sobre a revolta de tantos anos de exploração. Sentia-se "livre (...), senhor de suas ações, podendo estar ali ou em outra parte, onde aprouvesse aos seus caprichos, tomar a mulher diletta para constante companheira." (91) A escolha de Floriano é permanecer: amava a filha do feitor e esperava que, livre e trabalhando por salário, pudesse pedir-lhe a mão ao pai. Ao tentar, porém, combinar sua remuneração com o novo proprietário, o herdeiro, sente que sua condição continuava tão miserável quanto antes. Percebendo que o mestiço não tinha nenhuma perspectiva, o fazendeiro alega que, fornecendo-lhe comida e moradia, nada lhe devia. O máximo que po

(90) FÓSCOLO, A. O Mestiço, Bello Horizonte, Imprensa a vapor de Joviano e C., 1903.

(91) Idem, Ibidem, p. 187.

deria fazer, diz o novo senhor, é dar-lhe, esporadicamente, uma recompensa. Floriano torna-se oficialmente livre, mas seu amor por Sabina, a falta de perspectivas e de lugar onde procurar melhor sorte, tudo isso dificulta sua partida, não lhe permitindo escolha. A sua liberdade é um cruel engodo.

Clementina, outra personagem de O Mestiço, também enfrenta uma situação limitadora. Amante do grande proprietário, bonita e acostumada aos privilégios, invejada pelas negras que sofriam nas senzalas, espera ansiosamente pela morte do velho, que odiava, na esperança da alforria. O filho do proprietário a detestava. Avarento, temia que o pai prejudicasse sua herança concedendo algo à negra. Entretanto, o testamento dá liberdade a Clementina, mas com a condição de que servisse o herdeiro até a morte deste. A partir daí, ela sofre torturas, dorme na senzala e é incumbida dos serviços mais pesados.

A escravidão está presente de forma tão gritante como antes, seja na vida dessas personagens, seja na vida dos trabalhadores com os quais Avelino convive no início do século, quando os livros são escritos.

As condições de vida dos outros negros, que contrastam com os protagonistas, são mostradas a todo momento nas obras. A exploração sexual das negras é denunciada através da mãe de João, o caboclo, e de Clementina. Os instrumentos de tortura são descritos, e a repressão é mostrada a leitores que conheciam, na vida real, figuras como Felão, o terrível

delegado que não hesitava em utilizar o tronco para punir os desgraçados que caíam em suas mãos.

As outras imagens são também familiares: senzalas imundas, "cubículos sujos e promíscuos, fétidos e insalubres", tão parecidas com aquelas casas em que habitavam os trabalhadores da região de Taboleiro Grande; o trabalho incessante, onde a única certeza presente em cada anoitecer era a visão do dia seguinte como mais um dia de labor. O crepúsculo era acompanhado pelo desânimo frente às "perenes canseiras do dia seguinte, de sempre." (92)

A exploração da mão-de-obra infantil é exposta nas referências às crianças escravas, "que não choravam, nem riam, emudecidas, como bestificadas à dura condição, os olhos parados em direção ao curral, sequiosos do precioso leite, não ousando formular o desejo, certos da inutilidade da súplica." (93)

Percebendo a permanência da escravidão na sociedade em que vivia, Avelino deixa transparecer a todo momento, em suas páginas, uma outra descoberta: a revolta sutil, permanente e tenaz que impregnava os atos, os pensamentos, o comportamento e até mesmo as canções dos escravos, possuísem eles a liberdade formal ou não.

Talvez a sensibilidade de Avelino para esses as

(92) FÓSCOLO, A. O Mestiço. Belo Horizonte, Imprensa a vapor de Joviano e C., 1903, p. 3.

(93) FÓSCOLO, A. O Caboclo.... p. 162.

pectos fosse decorrente do seu contato diário, com os trabalhadores da região de Taboleiro Grande. A farmácia (que passa a ser dele, a partir de certa data) não era freqüentada apenas pelos habitantes da sede daquela freguesia: importante parcela dos "clientes" de Avelino era constituída pelos operários do Cedro que iam, freqüentemente, à sua procura para consultas.⁽⁹⁴⁾ Nessas ocasiões, ele tinha íntimo contato com essas pessoas. Convivia com trabalhadores exaustos, esgotados pelo labor intensivo e arruinados por uma alimentação precária. Como farmacêutico, ouve queixas, conhece de perto as famílias nos momentos mais difíceis quando, enfrentando-a doença, sua miséria torna-se ainda mais ameaçadora. Mas a percepção de uma revolta, de aspectos quase subterrâneos, podia vir também desde os anos em que trabalhara na mina, logo no início da juventude.

Em O Caboclo e O Mestiço, o leitor depara, a todo momento, com a rebeldia e o inconformismo nas ações dos escravos.

Um aspecto muito explorado e que tinha forte presença na vida mineira da época é a insatisfação, expressa em manifestações extremamente espontâneas, como as trovas e canções. A figura do cantor popular era então comum e sempre pre

(94) Depoimento de Nestor Fôscolo, Belo Horizonte, 02-12-1987, D. Diolinda dos Santos, Caetanópolis, 25-11-1984.

sente nos acontecimentos festivos. Como lembraria o próprio Fôscolo, muitos anos mais tarde, "eram tantos; nos sambas, nos recortados, nos desafios à viola, nas fogueiras e nos bandos de propaganda dos festejos do Divino."⁽⁹⁵⁾ Nas páginas dos seus romances, as canções populares aparecem como um veículo de desabafo para o trabalhador, o escravo, aquele que nada possui. Inúmeras trovas são transcritas pelo autor, que as coloca na boca de suas personagens, cantores anônimos, ansiosos por dias melhores. João, o caboclo, sem qualquer possibilidade de conquistar Lenã, vê sua falta de perspectivas, sua condição de escravo condenando-o à impossibilidade de ser feliz:

*"Despem-se as matas frondosas,
caem as flores mimosas,
da morte na palidez.
Tudo, tudo vai passando,
mas eu pergunto chorando,
quando virã minha vez."*⁽⁹⁶⁾

A volta do trabalho é sempre acompanhada de cantos. Junto à descrição do crepúsculo, do domínio das sombras, a melancolia das trovas convida à reflexão sobre a condição daqueles para os quais o amanhecer significaria apenas o fim de um curto descanso:

(95) FÔSCOLO. A. Reminiscências. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 09-04-1939, ano XXVIII, nº 1563.

(96) FÔSCOLO, A. O Caboclo...., p.77.

"As flores voltam de novo,
 as andorinhas também,
 São a esperança do escravo,
 Luz, apaga e não mais vem".⁽⁹⁷⁾

A rebeldia aparece em vários outros momentos: é significativo que João, o caboclo, nascido de uma escrava violentada por um homem branco, estrupe a filha de seu senhor. Em O Mestiço, Floriano cogita, a cada momento, de lutar "contra o estado a que a sorte o reduzirá". Sonha com revoltas, fugas e assassinatos. Perde noites de sono arquitetando "cenas de sangue canibalescas, saindo vitorioso e livre". Despertado pelos gritos do feitor, Floriano vai para o trabalho, "cabisbaixo como os outros, enxada ao ombro".⁽⁹⁸⁾

Neste mesmo romance, Fôscolo nos apresenta Pai José, um velho escravo, conhecido como "Encouraçado", apelido que lhe fora atribuído devido ao desprezo com que enfrentava os castigos. Recorrendo ao álcool, o negro fazia questão de demonstrar uma irônica insensibilidade, chegando mesmo a pedir um número de chicotadas superior ao que deveria receber.

Clemenetina, amante do velho fazendeiro, humilhada e castigada pelo novo patrão, o herdeiro, trama um plano para assassiná-lo. Não luta apenas como escrava, mas também na sua condição de mulher explorada sexualmente pelos do-

(97) FÔSCOLO, A. O Mestiço..., p. 78.

(98) Idem, ibidem, p. 14.

nos, Alia-se a Floriano e ambos incendeiam a fazenda. Em meio aos clarões produzidos pelas chamas, brilham os rostos negros, assistindo à morte do senhor, à destruição da cada-grande. O incêndio destrói o opressor e sua riqueza. Concretizam-se os sonhos secretamente acalentados pelos escravos.

Paralelamente ao profundo questionamento da A bolição e da denúncia da sua falsidade, os romances de Avelino transmitem também a percepção de um fervilhar de desejos, insatisfações e esperanças. Quantos homens como João e Floriano trabalhariam na fábrica do Cedro ou nas fazendas mineiras? Quantas mulheres como Clementina manuseavam os teares, de sol a sol? Tais deviam ser os pensamentos do farmacêutico-escritor, quando tratava dos trabalhadores da região, enquanto ouvia suas lamentações e receitava os remédios que lhes fornecia, ainda que eles nunca os pudessem pagar.

Assim como Fôscolo percebe a continuidade oculta no 13 de maio, vê também que a República implantada significara a manutenção de tudo aquilo que ele tentara combater. Deixa de correr atrás do seu sonho de uma "verdadeira" República e convive com as formas em que ela se lhe depara.

Em A Capital, publicado em 1903, Fôscolo mostra esses aspectos. Esse é o primeiro de seus romances a ter uma história que se passa em Belo Horizonte. A cidade é a grande protagonista do mesmo, que trata da construção da nova capital mineira. Aparentemente opulenta, Belo Horizonte é mos

trada na miséria que as fachadas não logravam esconder: as expropriações desonestas dos terrenos, a especulação, a mendicância, a busca inescrupulosa do lucro, essas as suas verdadeiras feições. A construção de Belo Horizonte, que antes fora um dos pontos mais importantes do programa da candidatura de Fôscolo à Câmara Municipal em 1891, realiza-se de acordo com "o desmantelo geral desta república" precipitada num abismo, "verdadeira antecâmara da sua morte", (99)

A corrupção se mantém: Belo Horizonte é edificada com despesas inúteis, com a contratação de uma rêgua de funcionários dispensáveis, com o desvio dos dinheiros públicos e construção de prédios sem funcionalidade. As imediações da cidade mostram a depredação da natureza pelo interesse em lucros fáceis: na locomotiva que se aproxima, os passageiros observam a Mantiqueira, lamentam "aqueles serros quase nus de árvores, onde se erguiam apenas, de espaço em espaço, um jacarandá, um ipê, resto da floresta derrocada". (100)

A especulação imobiliária se fez presente desde os primeiros momentos da fundação: antes da chegada da comissão que deveria indicar o local, os habitantes do arraial foram expulsos, "uns pobres cretinos, muito magros, de um amarelado ocráceo, enormes bócios", exilados "qual chaga cancerosa." (101)

(99) FÓSCOLO, A. A Capital, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1903, p.56.

(100) Idem, ibidem, p. 62

(101) Idem, p.81.

Naquela cidade, "envelhecida ao nascer" (102) , não havia espaço para a arte e seu caráter transformador, que Fôscolo sempre ressaltara. O divertimento principal era a frequência a casas de jogos, onde os trabalhadores eram "depenados" perdendo o mísero salário e as poucas economias, embaídos pelo sonho dos ganhos fáceis. Belo Horizonte não possuía teatros, era uma cidade "sem gosto literário, sem um lampejo da arte para iluminar-lhe os dias tétricos." (103) Cidade sombria, onde os governantes desviavam as verbas em direção a seus próprios bolsos, suprimindo gastos com a educação e a saúde, fechando escolas, dominando a imprensa e negando qualquer espaço às expressões artísticas,

A República é facilmente identificável em Lená, a personagem principal do romance, que é uma continuação de O Caboclo: tendo sido violentada, fora casada às pressas com o administrador da fazenda para salvar sua honra, segundo os moldes da sociedade. Na ida para a Capital está a esperança do casal de alcançar riqueza e status. Lená traz em si a lembrança da violência da escravidão, mas finge não ver, atrás das construções "chics", "as cafuas, as casinholas achaparradas e horríveis" daqueles que tinham sido expulsos do centro da nova cidade.

(102) FÔSCOLO A., A Capital. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1903, p. 220.

(103) Idem, Ibidem, p. 204.

Por sua fragilidade e despreparo, conseqüentes de sua educação de moça da roça, sem instrução e cheia de preceitos, é presa fácil do cunhado, homem inescrupuloso, que se aproveita do dinheiro que a moça ganhara do pai, um grande latifundiário, para buscar enriquecer-se, especulando e jogando. Lenã envelhece precocemente, odiando o marido, enganada por aquele que desejava como amante. Seu futuro é tão sem esperanças como o da Capital, que nasce cheia de deformidades, filha monstruosa da República. Após a morte do marido, que ela causara por um lapso, dando-lhe veneno ao invés de remédio, encontra-se sozinha e infeliz, sem forças para lutar. No fim do romance, observa de longe a cidade, explodindo em choro, deixando "extravasas as lágrimas pelo sonho para sempre perdido." (104)

Mostrando o fim desses sonhos, que tinham sido seus próprios sonhos, Fôscolo marca seu rompimento com a República. É através de suas personagens, vozes que se destacam pela dissonância, que podemos perceber que ele, abalado em suas certezas e sem seus amigos, procura novos caminhos, persegue avidamente as luzes que o obcecavam. Realmente Luís Cassiano tinha razão quando observava que Fôscolo não conseguia ser um pessimista, com a "sua eterna mania de julgar-se feliz apesar de tudo". (105) Desiludido e sozinho, Fôscolo cria duas perso

(104) Idem, *ibidem*, p. 292.

(105) MARPE, Lucas (pseudônimo de Luís Cassiano). Notas a Lápis. Folha Sabarense. Sabará, 15-11-1890, ano VI, nº23, p.2.

nagens que, como ele, no meio de todas as dificuldades, nutrem esperanças de surgimento de novas perspectivas.

Em O Mestiço, Fôscolo apresenta Lemos, trabalhador agregado, homem velho, cuja vida sofrida "revolucionara - lhe a alma". Era um homem de "idéias largas sobre a organização social" que "desejava ampla liberdade para todos". (106) Ao contrário dos outros feitores, Lemos protegia os escravos, ajudando-os e buscando solidarizar-se com eles nas horas de sofrimento, chegando, em muitas situações, a enganar o patrão para beneficiá-los. Desde o início, Lemos é um contestador, e durante o decorrer do romance, suas idéias e posições se radicalizam a ponto de suscitar profundas divergências entre ele e o patrão, que acaba por despedi-lo. Ao mandá-lo embora, o latifundiário critica Lemos por "suas idéias de louco", por sonhar "com a liberdade dos escravos, o socialismo e reformas absurdas na lavoura." Apesar de não pregar francamente "estas teorias bebidas em livros e jornais", Lemos as murmurava "pelos cantos, aos ouvidos dos negros". (107)

Em "A Capital", Almeida, que fora conservador nos primeiros tempos e depois republicano, torna-se, no desenrolar do romance, maçom e socialista, "mas socialista pendendo para o anarquismo (...) que era sua leitura favorita." (108).

(106) FÔSCOLO, A. O Mestiço ..., p. 179.

(107) Idem, ibidem, p. 221.

(108) FÔSCOLO, A. A Capital ..., p. 276.

Apostara e perdera tudo na nova Capital, mas "embora em farrapos, ganhando apenas a subsistência na luta diária, não tombava jamais, revigorado sempre pela crença." (109)

Lemos e Almeida representam, na verdade, o próprio Fôscolo naquele momento de sua vida. Lendo avidamente jornais e livros de conteúdo socialista e anarquista, vê abrir-se à sua frente um novo caminho de luta.

Alguns anos depois, o cometa Halley faria sua esperada e temida passagem pela Terra. Em Taboleiro Grande, a maioria das pessoas rezava, apavorada com os boatos de fim do mundo. Fôscolo, com seu ceticismo, zombava intimamente daquelas superstições. Estava feliz: já há alguns anos, quando os cientistas anunciavam a chegada do cometa com seu brilho, ele encontrara novas luzes ao aderir ao anarquismo e fundar um jornal para a difusão de seus ideais. Realmente, como o nome do periódico indicava, Fôscolo sentira reacender-se sua esperança numa Nova Era.

(109) Idem, ibidem, p. 284.

O SEMEADOR

"Sim: nōs espalharemos pela terra (...) a semente que produz o amor, a solidariedade humana"

Avelino Fōscolo

(O SEMEADOR)

O tipo de trajetória percorrida pelo mineiro Avelino Fôscolo, que de fervoroso republicano passa a ativo militante anarquista, não é incomum. No início do século, podemos encontrar variados exemplos de vozes que, cada vez mais descontentes com o projeto republicano que se efetivava, acabam aderindo ao anarquismo.

Entre essas pessoas, havia aqueles que, como Fôscolo, eram escritores e grandes admiradores de Zola, Flaubert, Eça de Queirós e Guerra Junqueiro. Fábio Luz (1864-1938), Manuel Curvello de Mendonça (1870-1914) e Domingos Antônio Alvez Ribeiro Filho (1875-1942) foram entusiásticos adeptos do naturalismo e também participaram da campanha abolicionista e das lides republicanas. Assim como Fôscolo se referiria sempre ao passado como "os maus tempos da propaganda republicana" (1), esses outros literatos anarquistas mostrar-se-ão também desiludidos, abandonando as fileiras da República. Em 1906, ano da fundação do jornal A Nova Era por A. Fôscolo, Manuel Curvello de Mendonça afirma que, poucos anos após a explosão de 15 de novembro, quando se alimentou "a ilusória esperança de uma era nova de prosperidades", tudo se desfez como "nuvem vaporosa". Porém novas estratégias são esboçadas: às dos "sonhadores socialistas", aqueles que lutam por uma socie

(1) FATOS E NOTAS. A Nova Era. Taboleiro Grande, Ano I, nº 3, 27-09-1906, p.1

dade baseada na "solidariedade das classes, sem os privilégios (...) e as iniquidades do presente". (2)

Se como escritor Fóscolo não é um caso isolado, tampouco o é como jornalista. Em 1899, Edgard Leuenroth era proprietário da Folha do Brás, em São Paulo. Os editoriais desse periódico denunciavam os descalabros do governo, a corrupção e as festas suntuosas. Lutava-se ainda pelos ideais republicanos, depositando-se esperanças nos autênticos lutadores "que trabalham pelo engrandecimento da pátria e da República", cidadãos "em cujos corações não pairam vislumbres de interesse particular e que têm por lema a Justiça". (3) Anos depois, a militância anarquista de E. Leuenroth despertaria profunda admiração em Fóscolo, que em suas viagens a São Paulo o procurava, tornando-se seu amigo.

Benjamim Mota, o fundador de A Lanterna, também se recorda das esperanças que depositara no 15 de novembro, quando tinha 19 anos e mal podia conter seu "Entusiasmo de republicano". Anos depois, porém, antes do findar do século, vê a necessidade de "destruir o passado e reconstruir, so

-
- (2) MENDONÇA, M.C. de O movimento socialista no Brasil. Almanaque Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro, 1906, p. 211
Para uma análise de obra de Fábio Luz, Manuel Curvello de Mendonça e Domingos Ribeiro Filho, ver: LUIZETTO, F.V. Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional (1900-1920). tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1984. mimeo.
- (3) PRÓ-BRÁS. Folha do Brás. São Paulo. 08-10-1899. ano III, nº 84, p.1

bre as cinzas da sociedade atual, a nova sociedade de paz e amor(...) que é a Anarquia." (4)

Assim como Fôscolo, outros escritores e jornalistas buscavam novos caminhos a percorrer. Mas, no seu caso específico, como chegou a tomar contato com as idéias libertárias e, o mais importante, por que se sentiu atraído por tais concepções e não por outras?

As notícias que Fôscolo ouvira sobre anarquismo durante seu período republicano eram extramamente depreciativas. O jornal O Contemporâneo publica, no ano de 1894, variadas notícias criticando as ações dos anarquistas na Europa. Comentando com receio "o perigo anarquista", um artigo apresenta Bakunin como fundador da "seita", desencadeando "muitas prisões, desordens e condenações e o início do terror por toda Europa". Bakunin é descrito como traidor e inescrupuloso, agente do Czar durante longo período de tempo, estimulador dos atos de violência. Para o jornal, "tais são as origens do funesto partido(...) que constitui hoje um verdadeiro perigo para a sociedade". (5) Frente às notícias que chegavam da Europa acerca dos atentados de Ravachol, Vaillant e Emile Henry, vários amigos de Fôscolo, como Azevedo Junior, discutem o aparecimento da "seita", atribuindo-o à miséria do povo francês.

(4) MOTA, Benjamim. citado por LUIZETTO, F.V. op.cit. 174, grifo no original.

(5) O PERIGO ANARQUISTA. O Contemporâneo. Sabará. 04-07-1894. ano V, nº 19, p.3.

Considerando o desamparo do "proletariado escaveirado", afirma Azevedo Junior, "não é de admirar que apareça uma Louise Michel arengando às turbas os maiores disparates." (6)

Por muito tempo, portanto, Avelino Fôscolo tinha informações parciais acerca dos anarquistas. Entretanto, justamente na virada do século, quando se encontrava incerto e inseguro de suas idéias políticas, novos aspectos começam a ser ventilados, novas notícias circulam nos meios frequentados por ele.

Grande admirador de Zola, acompanha o envolvimento do escritor francês com os socialistas e anarquistas europeus durante o desenrolar do caso Dreyfus. E Zola tinha sido, através de seus escritos sobre o romance e a política, um modelo para Fôscolo, não apenas como naturalista, mas também como republicano. (7)

Como leitor eclético interessava-se pelos mais variados tipos de obras: além de literatura, lia livros sobre viticultura (pois gostava de fabricar vinhos nas horas de folga) e farmácia. Os estudos científicos em geral eram outro gênero preferido. Assim, Fôscolo possivelmente teve sua curiosidade despertada por uma obra publicada em 1900: Esta-

(6) AZEVEDO JUNIOR, A. Páginas Boêmias. O Contemporâneo, Sabará. 26-08-1894, ano V, nº 27, p. 1 e 2.

(7) Ver nota 50 do primeiro capítulo.

dos Unidos do Brasil, tradução de parte da imensa enciclopédia de dezenove volumes "Nouvelle Geographie Universelle", do geógrafo Elisée Reclus.⁽⁸⁾ Esse nome não lhe era estranho: assíduo leitor da imprensa de várias localidades de Minas e de outros pontos do País, deve ter-se lembrado dos comentários que às vezes se faziam sobre a visita do viajante francês em 1893 ao Brasil, incluindo sua presença no Estado mineiro.⁽⁹⁾ Fôscolo encontraria, na leitura daquele autor, agradáveis surpresas, já que ele discutia questões que o preocupavam profundamente. Nesse livro, Reclus aborda aspectos como a escravidão, a imigração, as condições físicas e políticas. No capítulo sobre Minas Gerais, detém-se demoradamente na descrição da flora e da fauna, que Fôscolo sempre se deliciava em detalhar em seus romances, como em O Caboclo. Além disso, aumenta o clima de afinidade do escritor mineiro com a obra quando Reclus afirma o destaque de Minas Gerais no cenário nacional, seja pela população, pelo clima, pela flora ou pela posição geográfica. Outro motivo enfatizado para justificar a importância de Minas era o fato de ter sido o primeiro Estado a tentar conquistar sua independência, com a Inconfidência Mineira.

(8) Segundo Nestor Fôscolo, as obras de Elisée Reclus sobre geografia estavam situadas entre as leituras preferidas por Avelino Fôscolo. Depoimento de Nestor Fôscolo. Belo Horizonte. 02-12-1987.

(9) Sobre as atividades de Reclus como geógrafo e como viajante, ver: ANDRADE, Manoel Correia de, Elisée Reclus. São Paulo, Ática, 1985;

GIBLIN, B. Elisée Reclus. 1830-1905. Herodote, 22/jul/set. 1981, p. 6 a 13; GIBLIN, B. Reclus: un écologiste avant l'heure? Herodote, 22: 107 a 111, juillet/septembre.

Poucos anos antes de escrever A Capital criticando a especulação reinante nos negócios em Minas e a busca de enriquecimento fácil através do jogo, Fóscolo encontra nas linhas de E. Reclus a mesma inquietação que sentia a esse respeito. O geógrafo diz que quase todos perdem seus ganhos nos jogos de azar: essa loucura "desvaira a maior parte dos brasileiros: a extração das loterias do Estado é a principal preocupação para milhões de homens".⁽¹⁰⁾

A discussão de Reclus sobre a importância de solucionar o problema da devastação e do cultivo irracional do solo também deve ter interessado a Fóscolo, que há anos manifestava-se a esse respeito nas páginas de seus jornais e livros. Na obra do grande geógrafo, encontrava ele respaldo para suas posições. Numa parte do texto, Reclus descreve como "o agricultor despreza todos os terrenos que não lhe parecem excelentes e, atacando a mais bela floresta de pau de ferro ou de jacarandá, derribá-la-á sem dó e deitará fogo aos madeiros para plantar feijão ou milho."⁽¹¹⁾ Reclus alerta ainda para as nefastas consequências da monocultura, da absurda distribuição das terras e da existência de latifúndios. A questão da terra, ele a considera como a "magna questão para o futuro do Brasil".⁽¹²⁾

(10) RECLUS, E. Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro. Garnier, 1900, p. 467

(11) Idem, ibidem, p. 420

(12) Idem, ibidem, p. 432

Da mesma forma que Fôscolo condenava em suas obras a depredação da natureza em Minas, Reclus a denuncia, descrevendo sua viagem de Ouro Preto a Sabará onde avistara, nas colinas, "um esbarrancado que tem muitos quilômetros de extensão." Se num primeiro momento, parecia ser uma configuração das rochas, a aproximação do observador revelava "uma escavação descoberta e feita pelos mineiros a 40 metros de profundidade".⁽¹³⁾

Reclus denuncia também o lamentável estado da instrução pública em todo o País. Sabemos que essa era uma das maiores inquietações de Fôscolo. E por uma passagem do texto de Reclus, arriscamo-nos a imaginar se o francês não teria chegado a comentar com o próprio Fôscolo as impressões que tivera durante a estadia em Minas: ele observa que no interior do Estado existiam muitos curandeiros que medicavam satisfatoriamente, apesar de terem-se formado sozinhos, através da experiência, "estudando a matéria médica e lendo."⁽¹⁴⁾ Ora, já naquele ano, Fôscolo era o farmacêutico de Taboleiro Grande, tendo substituído seu sogro. Não é impossível que, no seu constante ir e vir a Sabará, tenha encontrado com Reclus, nas empoeiradas estradas que cortavam o Estado.

(13) RECLUS, E. Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Garnier, 1900, p. 434

(14) Idem, ibidem, p. 455

Seja como for, Fôscolo toma conhecimento da obra de um anarquista, compartilha concepções e críticas daquele que será um dos teóricos libertários mais admirados por ele, anos mais tarde. Conhece, assim, um lado da militância anarquista muito diverso das notícias que lera até então, que a igualavam ao crime e ao assassinato.

Outro contato de Fôscolo com as idéias libertárias deu-se no teatro de Sabará, ambiente que lhe era tão familiar. A apresentação do drama libertário Gaspar, o Serralheiro, de Batista Machado, pelo grupo de amadores local, durante meses seguidos, deve ter dado ocasião para longas discussões entre ele e Luís Cassiano, que se debatiam em dúvidas e buscavam novos caminhos de luta.⁽¹⁵⁾ A importância dessa obra no processo de adesão às idéias anarquistas por parte de Fôscolo pode ser avaliada pela insistência com que ele organizará representações da mesma em Taboleiro Grande. Anos mais tarde, tentando divulgar os ideais ácratas naquela localidade através do teatro, Fôscolo dirigirá grupos de amadores na apresentação da peça.⁽¹⁶⁾ Provavelmente, ele a achava "eficaz"

(15) Ver anúncio das apresentações: O Contemporâneo. Sabará, 09-11-1902, ano IX, nº 23 e 07-12-1902, ano IX, nº 26.

(16) "Com uma fábrica de tecidos a dois quilômetros de distância, fazia (Fôscolo) representar dramas perigosíssimos como Gaspar, O Serralheiro. O espetáculo durava a noite de sábado e parte da madrugada de domingo. No grande silêncio, altas vozes de operários, vestidos de blusas feitas pelo "mestre Pedro", reclamavam situação melhor. O capipal, representado por um homem de gravata e colarinho duro (...) tremia diante do trabalho." SILVA, Jair. "Seu" Avelino em Paraopeba. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 05-11-1944, ano XXXIV, nº 1854, p.1.

na propaganda das concepções revolucionárias, tendo em vista a influência que exercera na seu próprio caso.

Muitas das questões discutidas pelos anarquistas não eram totalmente desconhecidas por Fôscolo. Durante sua infância e adolescência, Jules Verne fora um de seus escritores prediletos. O obra deste autor apresenta várias tendências e possibilita várias leituras: pode-se perceber uma vertente nacionalista, outra ligada às teorias saint-simonistas e outra identificada com as teorias anarquistas⁽¹⁷⁾. Os contatos de J. Verne com os anarquistas europeus foi intenso, tendo tido muitos encontros com Elisée Reclus. E nos livros que Fôscolo lia e relia entre os intervalos dos ensaios e das apresentações organizadas por Keller, vários temas são abordados sob uma perspectiva libertária. Verne critica, por várias vezes, o direito de propriedade, as divisões territoriais entre as nações e o absurdo da rivalidade entre elas; apresenta sempre de forma negativa as figuras dos juizes e policiais e mostra a desumanidade dos hospícios e prisões. Muitas das suas personagens exaltam a imagem do indivíduo rebelde à sociedade: o capitão Nemo é um exemplo de homem livre, que não aceita a limitação da sua individualidade pelas leis, um habitan-

(17) A respeito do caráter libertário da obra de Jules Verne, ver: CHESNEAUX, Jean. Critique Sociale et Thèmes Anarchistes Chez Jules Verne. Le Mouvement Sociale, 56: 35 a 63, Juillets septembre 1966.
Para uma reflexão sobre as relações discursivas na obra de Jules Verne ver: FOUCAULT, M. La Proto-fábula. in- Verne: um revolucionario subterrâneo. (vários autores). Buenos Aires, Paidós, s/d p. 37 a 47.

te das profundezas do mar, onde não há governos, nem nações.⁽¹⁸⁾ Tais aspectos talvez tenham sido rememorados por Fôscolo nas suas primeiras reflexões sobre o anarquismo. Certamente, poucos anos depois, com a morte de Jules Verne e a publicação póstuma de Les Naufragés du Jonathan a relação do autor com o anarquismo tornou-se clara para Fôscolo: a personagem principal da obra é um libertário que vivia isolado numa ilha e um dia socorre vários náufragos. O desenrolar do romance mostra a tentativa do eremita de formar uma sociedade anárquica na ilha. A publicação desse romance encontrou em Fôscolo um leitor fortemente convicto de seus ideais libertários, pois Verne morreu em 1905, um ano antes de Fôscolo fundar A Nova Era.

Logo no início do século, portanto, Fôscolo a todo momento depara com as idéias libertárias. Seu interesse é despertado pela imprensa anarquista de São Paulo, onde grande parte dos editores e redatores eram antigos republicanos.

O sentimento de Fôscolo, nas primeiras leituras de jornais como A Lanterna, que passa a assinar, deve ter sido de intimidade. Aquele periódico, que se definia como órgão anticlerical, publicava, quase em todos os seus números, poemas de Guerra Junqueiro, o poeta mais admirado por Fôscolo. A morte de Zola foi sinceramente lamentada, e no primeiro aniversário de sua ausência, um editorial manifestava saudades

(18) CHESNEAUX, J. op. cit.

do "mestre imortal", desejando que seu túmulo fosse coberto de flores rubras como a bandeira que ele seguira nos últimos anos.⁽¹⁹⁾

Além de Guerra Junqueiro e Zola, Eça de Queirós era outro autor que tinha vários trechos de suas obras transcritos e era constantemente homenageado. Assim como Fôscolo, os redatores de A Lanterna admiravam o escritor português pela aguda crítica que continham as páginas de suas obras, atacando o clero, o funcionalismo, "a superstição beata e a fraudagem padresca".⁽²⁰⁾

Guerra Junqueiro, Zola, Eça: paixões comuns que aproximam Fôscolo daqueles que difundiam idéias que a princípio lhe pareciam indefensáveis. Entretanto, um maior conhecimento acaba revelando-as como o caminho para o projeto de luta que ele construiria até o fim de sua vida.

Outro fator também contribuiu para a afirmação desse sentimento de intimidade que predomina nos primeiros contatos de Fôscolo com a imprensa anarquista de São Paulo. Vimos que, no período republicano deste escritor mineiro, há alguns sinais de suas ligações com a maçonaria. Na época do julgamento de Artur Lobo, em 1898, fica patente a participação do réu naquela instituição. Em A Capital, romance publicado em

(19) EMÍLIO ZOLA. A Lanterna. São Paulo, 19/27-09-1903, ano II, nº 16-17, p.1

(20) EÇA DE QUEIRÓS. A Lanterna. São Paulo, 23-12-1903, ano II, nº 30, p. 1

1903, Almeida, o personagem em que Fóscolo se projeta, atribuindo a ele as inquietações e esperanças que o assaltavam, era um maçom.

Muitos dos anarquistas de São Paulo também eram membros da maçonaria. Benjamim Mota, fundador de A Lanterna dedica muitas colunas de seu jornal à discussão das rivalidades entre a maçonaria e a Igreja, dirigindo apelos aos leitores maçons para que não tivessem qualquer participação nos cultos católicos. Num editorial, um maçom, que impedira a benção do padre no enterro de um finado membro da maçonaria, é muito elogiado.⁽²¹⁾ Noutro, homenageia-se a Quintino Bocaiúva (um dos políticos mais admirados por Luís Cassiano) que em 1903 era Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil.⁽²²⁾ e teve ligações com os anarquistas de A Lanterna, na última década de sua vida. Em 1912, quando o editor do jornal já era Edgard Leuenroth, uma notícia lastima sua morte. Segundo A Lanterna, a vida de Quintino Bocaiúva, "maçom e adversário da Igreja", fora uma constante campanha pela liberdade.⁽²³⁾

Fóscolo assinava também O Livre Pensador, jor-

(21) O JESUITISMO CONTRA A MAÇONARIA. A Lanterna. São Paulo . 21-06-1903, ano II, nº 3, p. 1

(22) O JESUITISMO E A MAÇONARIA. A Lanterna. São Paulo, 27-09-1903, ano II, nº 16, p.1.

Sobre a admiração de Luís Cassiano por Quintino Bocaiúva e os contatos entre eles, ver: QUINTINO BOCAIÚVA. O Contemporâneo. Sabará, 08-01-1893, nº 2, p.1. Neste editorial elogia-se o político por sua militância na lutas republicanas desde 1870, quando participou da redação do Manifesto Republicano.

(23) QUINTINO BOCAIÚVA. A Lanterna. São Paulo, 06-07-1912. ano XI, nº 147, p. 1

nal que se definia como "Órgão dos livres pensadores", fundado por Everardo Dias, em 1903. Esse anarquista, que difundia pela imprensa as obras de Kropotkine e E. Reclus, reservava um significativo espaço, a cada semana, para a "Coluna Maçônica", definindo aquela sociedade secreta como "essencialmente livre pensadora" e difusora da moral científica, "atalaia vigilante da liberdade de consciência".⁽²⁴⁾

Tais evidências das relações entre aqueles anarquista e a sociedade maçônica levantam a possibilidade de que Fôscolo, que possivelmente era um de seus membros, tenha simpatizado com o anarquismo também devido àquela misteriosa instituição. Talvez tenha sido ela um dos canais de difusão das concepções libertárias, como sugerem as notícias de A Lanterna e de O Livre Pensador.

O relacionamento com anarquistas de outros Estados leva Fôscolo a ter acesso a inúmeras obras de importantes teóricos libertários, como o russo Kropotkine e os franceses Elisée Reclus e Jean Grave. Serão estes os pensadores que, anos mais tarde, ele reconhecerá como aqueles que mais influência tiveram sobre suas concepções acerca do anarquismo.⁽²⁵⁾

(24) COLUNA MAÇÔNICA, O Livre Pensador. São Paulo. 25-04-1906. ano III, nº 126, p. 2

(25) FRIEIRO, E. Conversando com Avelino Fôscolo. Folha de Minas. Belo Horizonte. - 22-02-1940 (recorte).

A facilidade de obtenção das obras desses autores, cuja venda pelo Correio era anunciada nas páginas dos jornais anarquistas, não é mero acaso.⁽²⁶⁾ Kropotkine, Reclus e Grave eram militantes que se definiam como "comunistas libertários", uma vertente do anarquismo que toma força a partir da década de 1870, na Europa. O comunismo libertário teve sua origem na discussões travadas pela Federação Jurassiana, na Suíça, que se formou em 1871 como centro da oposição libertária ao Conselho Geral da AIT - Associação Internacional dos Trabalhadores - dominado pelos marxistas. Nos primeiros anos predominaram as concepções anarco-coletivistas, e a influência de Bakunin sobre a Federação Jurassiana foi grande. Num segundo momento, que se inicia com a morte de Bakunin em 1876 e a chegada do anarquista russo P. Kropotkine à Europa, no mesmo ano, as tendências anarquistas da Federação sofreram mudanças. 1876 é também o ano da dissolução do Conselho Geral da AIT, com a separação definitiva entre anarquistas e marxistas.

(26) Ver o anúncio da obra de Kropotkine, La Conquista del pan, prefaciado por Elisée Reclus em O Livre Pensador, São Paulo, 24-07-1904, ano II, nº 44. A extensa obra de Reclus, El Hombre y la Tierra em 6 volumes é anunciada em A Terra Livre, 16-12-1905, ano I, nº 1, p.4. Nesta obra de geografia, Reclus se propõe estudar as sociedades humanas na história com o objetivo de esboçar as leis gerais do processo humano. Para Reclus, "a luta de classes, a procura do equilíbrio e a soberania do indivíduo são as três ordens de fatos reveladas pelo estudo da geografia social e que, em meio ao caos, mostram-se constantes a ponto de poder-se dar-lhes o nome de leis". RECLUS, E. L'Homme et la Terra, Paris, Librairie Universelle, 1905, vol. 1. p. IV.

tas. (27)

Na Federação Jurassiana, o coletivismo perde sua influência e esboçam-se as idéias que caracterizarão o comunismo anárquico. Em primeiro lugar, defendia-se o princípio de distribuição dos produtos numa sociedade libertária segundo as necessidades de cada um, e não segundo o trabalho individual.

Outro aspecto essencial era a preocupação com o processo revolucionário e a elaboração de uma estratégia de luta peculiar. Os membros daquela Federação haviam participado ou assistido com interesse aos eventos da Comuna de Paris. E a partir dessa experiência, passam a enfatizar a necessidade da propaganda, da difusão das idéias libertárias entre todas as camadas da população.

Se até 1870 acreditava-se na iminência da revolução, a derrota da Comuna leva os militantes a reavaliar a situação. O texto de um importante membro da Federação, E. Reclus, fala da reviravolta na atitude das massas que, durante a luta, "seguiam-nos com tocantes saudações". Porém, ao voltarem os vencidos que escaparam da matança, foram recebidos com gritos, maldições e palavras ferozes pela mesma multidão, que pedia sua morte na guilhotina. (28) Essa reação é atribuída por

(27) As informações sobre o comunismo libertário foram encontradas em: KROPOTKIN, P. Em Torno de Uma Vida-memórias de um revolucionário. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1946; LUIZETTO, F.V. op.cit. Ver também: JOLL, James, Anarquistas e Anarquismo, Lisboa, D. Quixote, 1977; WOODCOCK, George. Os Grandes Escritos Anarquistas. Porto Alegre, L&PM 1981.

(28) RECLUS, E. Evolução, Revolução e Ideal Anarquista. São Paulo, La Tribuna Española, 1904, p. 24.

Reclus à ignorância das massas populares e dessa conclusão nasce a valorização da divulgação das idéias anarquistas. A familiaridade com esses princípios não só conduziria à revolta contra todo o autoritarismo e injustiça, mas também garantiria o sucesso de uma nova organização social baseada nos princípios libertários. Iniciava-se, assim, uma nova fase no processo de luta que levaria à revolução. Bastava de "amotinar descontentes" pois "o período do puro instinto" já passara. As revoluções já não se faziam ao acaso, devido à crescente reflexão e conscientização dos militantes e das massas.⁽²⁹⁾

O processo revolucionário entrava, pois, numa nova era: a ignorância que se acreditava ter impedido a vitória dos princípios libertários nas revoluções passadas, estava sendo combatida. Nesse sentido, o teatro, a literatura, o ensino, a imprensa e os estudos científicos são valorizados como meios de difusão de um saber revolucionário.

Autores como Kropotkine, Reclus e Grave dedicaram grande parte de seu tempo a escrever sobre temas que atuassem no sentido de difundir suas idéias entre os mais variados setores da população. No Brasil, os anarquistas traduziam-nos ou utilizavam edições espanholas, muitas vezes obtidas por intermédio de militantes emigrados. Começam a circular variadas obras daqueles autores. A maioria é de Kropotkine, talvez o

(29) Idem, Ibidem, p. 7 e seguintes.

que mais publicou: O Comunismo Anárquico; A Conquista do Pão; O Apoio Mútuo; Campos, Usinas e Fábricas; Palavras de um Rebelde; Em torno de uma vida, entre outras. As mais anunciadas eram, de E. Reclus, Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, de Jean Grave, A Anarquia-fins e meios e A Sociedade Moribunda e a Anarquia.⁽³⁰⁾

O significativo número de livros escritos por eles é conseqüente de uma estratégia que visava à preparação da revolução. Mas certamente não teriam a repercussão que tiveram no Brasil se não correspondesse aos anseios e às questões que inquietavam os anarquistas militantes neste país.

No caso do mineiro Avelino Fôscolo, aquela valorização do saber como fator essencial no processo revolucionário correspondia bem aos seus próprios ideais. Afinal, há anos escrevia Fôscolo acerca da importância da instrução como fator de libertação dos indivíduos. Desde sua estréia na Folha Sabarense ele buscava difundir as concepções que acreditava contribuir para o fim do obscurantismo que teimava em prevalecer no Brasil, em pleno século XIX. Já em 1890, com A

(30) Para consulta à propaganda destes livros, ver:

.A Terra Livre. São Paulo, 16-12-1905, ano I, nº 1, p.4 (propaganda de El Hombre y la Tierra de E. Reclus); 23-10-1906, ano I, nº 19, p.3, (anúncio de Evolução, Revolução e Ideal Anarquista, de E. Reclus); 09-01-1908, ano III, nº 54, p.4 (O Comunismo Anárquico de P. Kropotkin e A Anarquia e a Igreja de E. Reclus); 22-03-1910, ano VI, nº 70, p.3 (A Anarquia, fins e meios e A Sociedade Moribunda e a Anarquia - ambos de J. Grave - e O Governo Revolucionário e os Direitos Políticos, de P. Kropotkin).
Para mais um exemplo, consultar O Livre Pensador. São Paulo, 24-07-1904, ano II, nº 44, p.4, onde se anuncia La Conquista del Pane, prefaciado por E. Reclus.

Mulher, utilizava a literatura como meio de contestação da sociedade. A sua vida chegava a confundir-se com o teatro, no qual sempre vira uma função eminentemente educativa, proporcionando à sociedade ocasião para uma reflexão sobre si própria. (31)

Ao ler obras como Evolução, Revolução e Ideal Anarquista de E. Reclus, em que o anarquista francês afirmava a necessidade da preparação das massas frente à iminência da revolução, Fóscolo deve ter-se sentido identificado com as propostas do texto. Logo no início do século era justamente o que ele fazia e talvez tenha pensado que atuara como anarquista sem saber: em 1902 e 1903 publicara três romances de profunda crítica à organização da sociedade (O Caboclo, O Mestiço e A Capital); no jornal O Industrial denunciou, durante anos, a podridão da República e de seus próceres; em 1902, organizara um mutirão entre a população de Taboleiro Grande para a construção de um teatro local, que foi inaugurado em junho de 1903. (32)

Mais uma vez, as teorias libertárias levam Fóscolo a identificar-se com seus ideais e suas lutas, o que deveria proporcionar um grande conforto a quem se sentia órfão,

(31) Ver nota 9 do primeiro capítulo.

(32) O Crepúsculo, Taboleiro Grande. citado por RODRIGUES, E. Socialismo, uma visão alfabética. Rio de Janeiro, Porta Aberta, 1979, p. 41.

pelo desvirtuamento da mãe-República.

Apesar das afinidades existentes entre as antigas concepções de Fôscolo e as idéias anarquistas, é importante perceber que este é um momento de ruptura na sua trajetória, uma reviravolta na sua vida. Antes, fazia uma separação clara entre o que a República deveria ser e o que os governantes fizeram dela. A partir de sua adesão ao anarquismo, abandona tal distinção, passando a crer que era impossível à República ser diferente do que era, simplesmente pelo fato de ser um governo.

E, seguindo a estratégia recomendada pelas obras anarquistas que lê, encarrega-se de lançar, através de suas atividades literárias, teatrais, jornalísticas e mesmo farmacêuticas, as sementes das quais deveria brotar a frondosa árvore revolucionária.

A distância de Taboleiro Grande em relação aos centros urbanos onde se encontrava a maioria dos anarquistas poderia levar Fôscolo a sentir-se isolado, não fosse a atenção com que lia algumas passagens de seus novos "mestres". Kropotkine, em Palavras de um Rebelde, insistia na importância do engajamento das populações rurais no projeto revolucionário, e, conseqüentemente, no valor da propaganda libertária no campo. Assim, "a emancipação do proletariado não será possível caso o movimento revolucionário não se infiltre entre os cam

poneses".⁽³³⁾ O sucesso da Revolução Francesa devera-se em grande parte a essa participação: a rebeldia manifestara-se em cada aldeia, em cada povoado, dirigida pelas "minorias revolucionárias, fortes pela sua audácia e pelo apoio que achavam nas aspirações do povo".⁽³⁴⁾ Cabia aos novos revolucionários aproveitar os ensinamentos das revoluções passadas, afirmava Kropotkine.

Jean Grave também ressaltava a importância da participação dos habitantes das áreas rurais. A divulgação das novas idéias nessas regiões devia ser uma das preocupações primordiais dos militantes, evitando assim que "a revolução, ao rebentar, encontre no aldeão um inimigo que a combata."⁽³⁵⁾ A propaganda devia infiltrar-se pouco a pouco, até a menor aldeia.

Sentindo-se totalmente engajado num projeto revolucionário que se apresentava a seus olhos como de âmbito mundial, predomina no pensamento de Fôscolo a imagem da sementeira e sua auto-representação como um semeador, aquele que avalia o terreno onde lançará os grãos, buscando condições para seu desenvolvimento. Fôscolo vê em Taboleiro Grande as condições do brotar revolucionário: um povo explorado, oprimido,

(33) KROPOTKIN, P. Palabras de un Rebelde, Barcelona, Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorvs, 1977, p. 66.

(34) Idem, ibidem, p. 52

(35) GRAVE, J. A Anarchia: fins e meios. Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1907, p. 368.

o convívio cotidiano entre os operários da fábrica do Cedro e os que labutavam nas fazendas próximas. Nas cantigas ouvidas em suas bocas, no brilho dos olhos observado durante as consultas em sua farmácia, Fôscolo sentia a revolta muda cuja existência mostrava em seus romances.

O sementeiro é também aquele que lança as melhores sementes, para que elas possam dar origem a uma robusta vegetação. Fôscolo buscava lançar aquelas que julgava mais férteis : as palavras escritas nas páginas de seus jornais e livros, além daquelas pronunciadas em voz alta e emocionada no palco.

A cuidado com as sementes é essencial. O descuido e o abandono podem levar à perda de todo o trabalho. Para que isso não ocorresse, Fôscolo confiava no seu convívio diário com os habitantes de Taboleiro Grande.

Esperando ansiosamente pela colheita, que deveria garantir a "conquista do pão", Fôscolo encarrega-se do ofício de sementeiro, um sementeiro de idéias e palavras, preparando uma revolução cuja arma principal seria o saber.

Desde a sua chegada, em 1888, a Taboleiro Grande, Fôscolo deve ter despertado a atenção e os comentários dos habitantes daquele pacato lugarejo. A história conturbada de sua vida deveria ser bom assunto nas conversas infundáveis nas portas das vendinhas e no retorno das missas. Antigo artista de circo, que ainda representava no teatro de Sabará, jornalista e escritor, Fôscolo devia ser considerado como um estra

nho, uma pessoa muito diferente das que ali viviam. E a posi
ção de desafio que assume frente aos temidos Mascarenhas des-
de sua chegada deve ter despertado maior assombro ainda entre
aqueles que se espantavam com o exótico genro do respeitável
boticário Manoel Pinto Ribeiro.

As ações de Fôscolo sô fariam aumentar aquele
espanto inicial, mas pouco a pouco o sentimento de estranheza
faz-se acompanhar de uma admiração crescente. Afinal, Fôscolo
leva a imprensa à região, organiza o sistema de correios regu-
larizando as entregas e aprende com facilidade a manejar os
remédios, substituindo com vantagem o sogro no balcão da far-
mácia. É aí que ele conquista, definitivamente, a aceitação
dos habitantes.

Numa sociedade tão modesta como aquela, pode-se a
valiar a importância assumida pelo farmacêutico, superada ape-
nas pelo padre, o prefeito e o delegado. Assim como a igreja,
o prédio da prefeitura e a praça, a farmácia era um espaço-
chave na vida daquelas pessoas. E a de Fôscolo mostrava muito
bem como ele não dissociava nunca as atividades diversas que
exercia: sua localização era na mesma casa que lhe servia de
residência, laboratório para a fabricação de remédios, tipo-
grafia para a impressão dos jornais. A partir de 1906, funcio-
naria também ali a "Biblioteca Gran-Taboleirense", onde se po
diam encontrar à venda várias obras de propaganda anarquista.
As mesmas podiam ser também emprestadas, para os que não ti-
vessem interesse ou condições de comprá-las.

A farmácia não é visitada, dessa forma, apenas por motivo de doença: como lembra Jair Silva, jornalista mineiro nascido em Taboleiro Grande, era um lugar onde as pessoas se encontravam e onde várias questões, sérias ou insignificantes, eram discutidas. "Seu" Avelino, como era chamado, era uma figura influente: "a redação de um discurso, o cerimonial das festas públicas, a hora de soltar os foguetes, o instante de jogar flores no homenageado, no lugar do selo nos requerimentos, as dúvidas ortográficas, as sutilezas da ética e muitos outros problemas eram resolvidos na sua farmácia."⁽³⁶⁾

Tendo entre os trabalhadores do Cedro inúmeros clientes, Fôscolo abre sua farmácia para que se reunam. Os regulamentos da fábrica eram muito rígidos e entre outras proibições havia a de reunião. O primeiro artigo do Regulamento Externo afirmava ser proibido "consentir em dar em casa jogos, batuques ou reuniões imorais(...) e tudo mais que perturbar o sossego público".⁽³⁷⁾ Muitos problemas surgidos na fábrica do Cedro ou na vila operária eram discutidos na farmácia. Esta passa a ser um espaço livre, onde se contava com o apoio de uma pessoa influente e, de certa forma, fora do alcance das medidas repressivas que poderiam ser tomadas pelos

(36) SILVA, J. "Seu" Avelino em Paraopeba. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba.05-11-1944, ano XXIV, nº 1854, p. 2

(37) REGULAMENTO Externo para os Operários da Fábrica do Cedro. In-MASCARENHAS, G.M. Centenário da Fábrica do Cedro (1872-1972). Belo Horizonte, Edição Particular, 1972, p.

Mascarenhas. Assim, muitas vezes, Fôscolo era uma espécie de porta-voz das decisões tomadas pelos trabalhadores, o que impedia ou pelo menos dificultava a perseguição dos envolvidos. Em 1909 por exemplo, Fôscolo reivindicará junto aos patrões o direito de votar livremente, pois a fábrica tinha intenção de obrigar os operários a votar no Marechal Hermes. Tal reivindicação partira dos próprios operários, numa discussão travada na farmácia.⁽³⁸⁾ É interessante notar que Fôscolo, apesar de não mais concordar com as práticas eleitorais, não deixará, entretanto, de defender a decisão tomada pelos trabalhadores.

Naquele local, Fôscolo quebrará as barreiras colocadas pelo rígido controle da fábrica sobre seus empregados. Esse controle era exercido tanto no horário de trabalho, como nas minguadas horas de lazer. Além da proibição de reuniões na vila operária, o silêncio deveria reinar a partir das 21 horas. Estranhos também não eram bem-vindos no Cedro: era vedada a entrada de qualquer circo ou companhia de teatro na área de propriedade privada da fábrica, onde situavam-se as casas dos operários. Na sua farmácia, porém, entre remédios, jornais anarquistas e folhetos revolucionários, Fôscolo estará sempre à disposição, independente de ser remunerado ou não. Tal atitude ficou marcada na lembrança dos operários. D.

(38) Depoimento de Nestor Fôscolo. Belo Horizonte. 02-12-1984.

Diolinda, antiga tecelã, nascida em 1896, ao recordar-se de sua infância, fala da morte de sua mãe (antiga tecelã, vítima de tuberculose), de seu ingresso na fábrica aos doze anos de idade, de suas dificuldades para criar os irmãos menores e para pagar as contas no armazém, que sempre se estendiam para o mês seguinte. No meio de todas essas reminiscências, está presente a figura de "seu" Avelino, que sempre a tratara de graça na hora da doença e muitas vezes ainda ajudava financeiramente. D. Zora, nascida em 1889, antiga tecelã, afilhada da mulher de Fôscolo, também se recorda dele, contando que sempre recebia tratamento gratuito, já que nunca tinha condições de efetuar o pagamento. (39)

A tais práticas poder-se-ia atribuir um caráter assistencialista, se não estivessem vinculadas a um tipo de atividade muito diverso da caridade: Fôscolo agia de acordo com os princípios libertários de apoio mútuo e solidariedade. Segundo Kropotkine, cujas obras eram admiradas pelo escritor mineiro, o apoio mútuo era a base de todo progresso humano. O grande impulso das sociedades era dado "pelos costumes que reconheciam a igualdade dos homens e os levavam a aliar-se, a unir-se." (40)

(39) Depoimentos : D. Diolinda dos Santos. Caetanópolis. 25-11-1984

D. Zora. Caetanópolis. 25-11-1984.

(40) KROPOTKIN, P. Folletos Revolucionarios I: Anarquismo-su filosofia y su ideal. Barcelona, Tusquets, 1977, p. 105.

Mesmo conquistando a aceitação dos habitantes de Taboleiro Grande, Fóscolo nunca deixou de ser encarado como um "esquisitão".⁽⁴¹⁾ Nas manhãs de domingo, "o ateísmo do escritor era assunto inevitável".⁽⁴²⁾ nas rodinhas de prosadores. Até entre as crianças, as suas atitudes geravam sentimentos de surpresa e admiração. Assim como o menino Jair, muitas outras crianças ouviam os murmúrios sobre a descrença de Fóscolo em Deus ou sobre os ataques que escrevia contra a Igreja, o governo e os patrões. Assim, Jair Silva lembrar-se-ia, anos depois, que "depois de uma tempestade ou mesmo de alguma chuva sem importância", corria curioso para "examinar a residência do homem excomungado". Jair observava sinais da possível queda de um raio: uma telha partida, uma árvore atingida. Aquela impunidade lançava dúvidas na sua fé de criança, e, segundo afirmou, estas cresceram quando reparou "que a própria matriz de Paraopeba, como de resto todas as igrejas, tinham um pára-raio."⁽⁴³⁾

Mas era esse homem, ateu e anarquista, que grande parte das pessoas de Taboleiro e do Cedro procuravam em variadas situações de dificuldades. Volta e meia batiam à sua porta pedindo-lhe que corresse para impedir os abusos da polícia e do delegado Felão. Fóscolo era o único que enfrenta

(41) SILVA, Jair. Espelho Retrovisor. Gazeta de Paraopeba, Paraopeba.09.04.1951 (recorte)

(42) Idem, ibidem.

(43) SILVA, J. Buena Dicha. Belo Horizonte, Imprensa Oficial. 1934, p. 48.

va a violência de Felão e sempre era chamado pelos amigos e parentes do preso, para intervir em seu favor. O mesmo Jair Silva conta que não era raro que ele conseguisse a libertação de pessoas detidas ou mesmo um melhor tratamento pelos policiais. "Seu" Avelino era, sem margem de dúvida, uma figura especial: "ria dos padres, curava os doentes e, sem ser autoridade, soltava os presos".⁽⁴⁴⁾ De sua parte, o anarquista percebia, sem dúvida, o quanto era querido pelos filhos daquela terra no sertão das Gerais.

Não sabemos ao certo até que ano Fôscolo manteve a publicação de O Industrial. A última notícia que temos desse jornal é de 1902.⁽⁴⁵⁾ Devido ao fato de o período seguinte ser uma difícil e confusa época na vida do jornalista, acreditamos que a publicação tenha sido interrompido.

Em 1906, porém, ansioso por juntar-se às vozes que difundiam na Europa e em vários estados do Brasil o novo ideal libertário, Fôscolo funda o periódico A Nova Era, cujo primeiro número é publicado em julho daquele ano. Esse jornal, que teve uma edição totalmente irregular, era impresso nas

(44) SILVA, J. Espelho Retrovisor,...

Sobre a situação de Fôscolo contra os abusos policiais, ver também SILVA, J. "Seu" Avelino em Paraopeba. Gazeta de Paraopeba, Paraopeba, 05-11-1944, ano XXIV, nº 1854, p. 2

(45) Comentando uma matéria sobre Avelino Fôscolo publicada no jornal A Idéia (Ouro Preto); O Contemporâneo elogia as obras literárias do escritor: "aos leitores de O Industrial não são estranhas as belezas que esses livros encerram: o rodapé do excelente hebdomanário já tem estampado muitas dessas formosas páginas em que vibra o talento brilhante do escritor mineiro". O Contemporâneo. Sabará 14-09-1902, ano IX, nº 15, p. 3.

cores vermelho e negro. Inicialmente, Fôscolo parecia pretender que o mesmo pudesse sobreviver sem ser comercializado, não se preocupando em estipular preço ou angariar assinaturas. O editorial do primeiro número o definia como "um periódico de propaganda libertária moldado sob as teorias de Grave e Tólstoi, declarando-se aberto a colaborações e disposto a publicar "qualquer artigo em defesa dos fracos, dos esbulhados, das vítimas da injustiça". Como pretendia ser um jornal gratuito, receberia "como auxílio, qualquer quantia que lhe queiram enviar." (46)

Tal apelo não foi, pelo visto, correspondido : no mês seguinte, devido às dificuldades financeiras em arcar sozinho com os custos, Fôscolo estipula que a assinatura anual custará 2\$000 réis. Era uma quantia módica: pela tabela de preços do mercado local, publicada no primeiro número, podemos calcular seu valor, pois um quilo de carne seca custava \$600 réis; um frango \$500 réis e um litro de vinho nacional, produzido na região, 1\$000 réis. (47) O jornal enfrentará problemas, e isso causará a sua irregularidade: na maioria das vezes sairá de 2 em 2 meses, chegando a haver, entre os números 6 e 7, uma lacuna de 6 meses em sua publicação.

Jornal revolucionário, A Nova Era levava o leitor a conhecer inúmeros textos de Tólstoi, E. Reclus, J. Grave,

(46) A NOVA ERA, Taboleiro Grande. 05-07-1906, ano I, nº 1, p. 1

(47) Idem, ibidem, p. 2

E. Malatesta, dentre outros teóricos libertários. Denunciava a corrupção da República brasileira, atacava o regime capitalista e pregava a revolução. Noticiava todos os passos do movimento anarquista no Brasil e no mundo, atacava diretamente a Fábrica de Tecidos do Cedro. O jornal informava ao leitor que "a idéia de solidariedade humana - a guerra ao parasitismo do Estado e do capital-caminha a passos gigantescos e, em todas as nações civilizadas, núcleos fortes se formam e novos órgãos de publicidade surgem, apregoando as doutrinas de Grave, Kropotkin, Tólstoi e Reclus." (48) Dessa forma, o anarquismo, que nascera há apenas meio século, tinha uma progressão em nível mundial nunca vista, ramificando-se "por toda a terra". (49)

Chamando a atenção dos operários e lavradores do lugar para sua condição de oprimidos Fôscolo buscará transmitir, através de seus artigos, a imagem da universalidade do projeto revolucionário, conclamando aqueles trabalhadores a engajar-se na luta. Calculando em seis contos de réis o imposto arrecadado na região e em 70 mil metros de pano a produção mensal da Fábrica do Cedro, A Nova Era denunciava que toda essa riqueza era produzida por aqueles que nenhum privilégio possuíam: pelo "miserô lavrador, gemendo de sol a sol o agro tra

(48) A NOVA ERA, Taboleiro Grande, 05-07-1906, ano I, nº 1, p.1.

(49) FATOS E NOTAS, A Nova Era. Taboleiro Grande. jan. 1907, ano I, nº 6, p. 1

balho de produtor" e pelos "pobres operários que trabalham de 12 a 15 horas por dia", (50)

Às notícias sobre a exploração sofrida na fábrica, as mortes provocadas por acidentes de trabalho e más condições de vida, mesclavam-se as de greves e congressos operários em outros locais, os artigos sobre o funcionamento da sociedade burguesa, as idéias anarquistas e a luta revolucionária. Na seção de anúncios, A Nova Era oferecia a seus leitores o folheto O Que Querem Os Anarquistas (não se revela o autor) por 100 réis; Evolução, Revolução e Ideal Anarquista de E. Reclus, por 1\$000 réis; A Sociedade Futura de J. Grave por 3\$000 réis; O Semeador, peça teatral de autoria do próprio Fóscolo, por 2\$000 réis. Tais livros poderiam ser também encontrados como avisa o jornal, na "Biblioteca Gran Taboleirense" que Fóscolo organizara, franqueada a todos. Embora divulgasse suas concepções por meio da palavra, Fóscolo tinha consciência do baixíssimo grau de instrução da maioria dos que o cercavam, e acreditava que a ignorância era o principal obstáculo à revolta dos trabalhadores contra o fardo da opressão. Dando continuidade a uma luta de muitos anos, Fóscolo defendeu arduamente a melhoria do ensino. O tema da instrução é abordado em todos os números de A Nova Era. Denuncia-se a falta de escolas, a miséria em que viviam os professores; a demissão ilegal de profissionais que fugiam do sistema de educação tra

(50) FATOS E NOTAS, A Nova Era, Taboleiro Grande, set. 1907, ano I, nº 7, p. 1.

dicional, onde o professor deveria ser um "ferrabrás de palma tória de vara de marmelo".⁽⁵¹⁾ Colocava-se a proposta de um novo tipo de educação, baseada no amor, que deixasse de lado o terror característico dos métodos tradicionais, capacitando o aluno a criticar e assumir posições. O jornalista libertário procurava preparar o terreno onde os germes da rebeldia seriam semeados. Caso contrário, seriam lançados em vão.

Os rapazes que eram empregados por Fóscolo para trabalhar na tipografia foram muito influenciados por ele. Esse é o caso de Manoel Antônio da Silva, que o auxiliava na tipografia e na farmácia: após trabalhar alguns anos com Fóscolo, emprega-se na Companhia do Cedro. Em 1906, Manoel da Silva fundou O Operário, que se propunha a defender os interesses da classe. Em 1909, O Operário também se engajará na defesa da liberdade de voto, indignando-se contra a imposição da candidatura Hermes.⁽⁵²⁾ Depois O Operário, Manoel A. da Silva fundou A Folha do Cedro, em 1911. Anos mais tarde, tendo-se envolvido na denúncia das arbitrariedades da polícia do Cedro e das más condições salariais, o jornal recebe ameaças de empastelamento. Muitas pessoas solidarizam-se com o editor, "tendo os moços do Cedro lhe feito, na noite de 22 de setembro de 1913, uma manifestação". Frente a esse apoio, M. Antônio da Silva prometeu continuar "seu concurso na defesa dos oprimi -

(51) FATOS E NOTAS, A Nova Era. Taboleiro Grande, 30-11-1906. ano I, nº 5, p. 1

(52) O MOMENTO, O Operário. Cedro, 18-07-1909, ano III, nº 19, p. 1.

dos e na conquista das grandes causas".⁽⁵³⁾ Em 1914, o periódico transfere-se para Taboleiro Grande, que desde 1912 eleva-se, de freguesia, a Vila Paraopeba. Mantém-se um correpondente no Cedro, que escreve denunciando a repressão ali existente. Num dos artigos, esse correspondente fala sobre a criação de um corpo de ronda que controlava o movimento das pessoas nas ruas. Qualquer deslocamento deveria ter permissão dos guardas, sendo que o inspetor mandara confeccionar camisas de força "para serem metidas nas pessoas que se embriagarem aqui, as quais ficarão ainda sujeitas a uma surra".⁽⁵⁴⁾ A mesma notícia também denuncia boatos segundo os quais algumas pessoas tencionavam "passar a unha no correspondente". Foi a última vez que o jornal publicou suas colaborações.

Manoel Antônio da Silva, o "seu" Neném, redigiu a Gazeta de Paraopeba até 1956. Casado com uma moça da família Mascarenhas, era pai de Jair Silva, cujas crônicas são repletas das lembranças em torno da figura de Avelino Fôscolo.

Apesar de iniciar-se no jornalismo trabalhando na tipografia de Fôscolo e de ter assumido uma posição de desafio, por várias vezes, frente aos donos da fábrica do Cedro, Manoel Antônio da Silva nunca manifestou simpatia pelas idéias anarquistas. O mesmo não ocorreu com outros rapazes que auxiliavam na impressão d'A Nova Era.

(53) GRATA MANIFESTAÇÃO. Folha do Cedro. Cedro 28-09-1913, ano III, nº 129, p. 2

(54) FÁBRICA DO CEDRO. Gazeta de Paraopeba. Villa Paraopeba. 30-08-1914, ano IV, nº 177, p. 4.

Um deles era Frederico Henrique de Freitas Moura, que anos mais tarde estreará na Folha do Cedro sob o pseudônimo de Oliveiro. Tendo trabalhado vários anos com Fôscolo, foi bastante influenciado pelos jornais e livros anarquistas que lia nas dependências da tipografia. Nos artigos que escrevia na Folha do Cedro, e, mais tarde, na Gazeta de Paraopeba, o tema predominante é o movimento dos operários nos mais variados pontos do Brasil. Segundo ele, os trabalhadores preparavam-se "para a próxima exibição dessa força insuperável" quando seriam vãos "os esforços para detê-los em sua luta por uma nova sociedade".(55)

Também Raimundo Reis fez um grande aprendizado junto a Fôscolo. Pouco depois mudou-se para São Paulo, onde passou a colaborar na imprensa anarquista, especialmente no jornal A Lanterna. Além de jornalista, era também poeta e seu livro Breviários era constantemente anunciado por aquele jornal, com freqüente publicação de várias de suas poesias.(56)

Assim, A Nova Era teve alguma repercussão na vida dos habitantes da região de Taboleiro Grande e até mesmo em São Paulo, pois vários jornais anarquistas saudaram o aparecimento daquele órgão de propaganda no meio do sertão.(57) Porém, não conseguiu manter-se por muito tempo. Naquela época,

(55) OLIVEIRO. Operariado. Folha do Cedro. Cedro.07-12-1912, ano II, nº 90, p. 1 e 2.

(56) A Lanterna. São Paulo.11-04-1914, ano III, nº 238, p.4.

(57) Ver A Terra Livre. São Paulo,05-02-1907, ano II, nº 26, p. 4.

Fôscolo tinha por volta de 40 anos e possuía vários filhos, sendo que alguns já estudavam; as despesas eram muitas para que ele pudesse financiar um jornal que, provavelmente, muitos evitavam comprar. Taboleiro Grande era um povoado em que as pessoas eram, na maioria, católicas. Um jornal que atacava todas as instituições, entre elas a Igreja, devia desagradar à maior parte dos possíveis leitores.

Deixando de editar A Nova Era, Fôscolo passa a colaborar quase semanalmente na Folha do Povo, jornal de Edgard Leuenroth, sempre disponível à consulta na "Biblioteca Gran-Taboleirense". Em geral, assinava uma coluna com o título de Comentários, sempre na primeira página.

Nesse espaço concedido pelo companheiro E. Leuenroth, Avelino Fôscolo dava continuidade à sua tarefa de semeador, colocando os colegas de luta e os leitores a par da situação de Minas no processo revolucionário.

Em seus Comentários, Fôscolo denunciava a situação de exploração e opressão vivida pelos mineiros. Paralelamente à especulação que girava em torno do jogo do bicho e das loterias permanecia a escravidão dos trabalhadores, como no caso do agricultor "que luta de sol a sol", do operário fabril, "mal nutrido, mal alojado, tendo uns farrapos apenas para cobrir o corpo" ou no caso do mineiro, que vivia "nas profundezas da terra sob o constante risco de morrer asfixiado ou esmagado".⁽⁵⁸⁾ O autor mostra como a situação dos trabalha-

(58) FÔSCOLO, A. Comentários. Folha do Povo. São Paulo. 22/23-05-1909, ano II, nº 61, p.1

lhadores em Minas era tão lamentável como em outros pontos do País.

Vivendo numa área predominantemente agrícola, Fôscolo preocupa-se em discutir as condições dos lavradores mineiros. Para o autor, estes só possuíam a seu favor a exuberância do solo.

Por outro lado, deparavam com vários obstáculos, tendo contra si "a educação conservadora e o respeito ao passado", o que os tornava submissos "às mais absurdas tradições" (59). Além da ignorância, os métodos de trabalho eram extremamente rudimentares, determinando uma baixa produtividade.

O combate a esse obscurantismo é a solução ventilada por Fôscolo. A reformulação do ensino era urgente: segundo o autor, só os professores simpáticos ao governo do Estado obtinham fornecimento de mobília, quadro negro e giz. A miséria dos lavradores e operários impedia que instruissem seus filhos "sem lesão do escasso bem-estar material que a burguesia lhes concede." (60)

Assim como lamenta o desperdício da fertilidade do solo mineiro, mal aproveitado pelas técnicas irracionais, também a rebeldia do homem mineiro não era aproveitada na sua fecundidade devido ao obscurantismo em que se encontrava. As luzes continuam sendo perseguidas por Fôscolo, agora

(59) FÔSCOLO, A. Comentários. Folha do Povo. São Paulo, 16/17-06-1909, ano II, nº 81, p. 1.

(60) Idem, *ibidem*.

um semeador que possuía a certeza de que, sem a claridade, os grãos lançados na terra não vingariam.

Pequenos sinais observados mostravam-lhe a possibilidade de rebeldia. A designação do Marechal Hermes gerara protestos em muitos pontos de Minas, como em Pedro Leopoldo, "onde uma multidão depredara o edifício da estação ao saber da notícia."⁽⁶¹⁾ Em Belo Horizonte, alguns operários haviam tentado organizar um movimento de protesto, sendo impedidos por policiais ostensivamente armados⁽⁶²⁾.

A obra de propaganda era essencial, pois na opinião de Fôscolo os trabalhadores ainda não estavam preparados "para a demolição completa e a imediata reconstrução"⁽⁶³⁾. A preparação da terra devia ser feita pacientemente, de nada adiantava semear em solo árido. Nesse período de cuidados iniciais, o único meio que os anarquistas tinham para fazer a revolução era, segundo ele, a propaganda da idéia libertária.

Fôscolo encontrava-se, certo dia, conversando com um de seus fregueses na farmácia, quando este se referiu ao seu desejo de dedicar-se à leitura. No mesmo momento, Fôscolo entrou nas dependências da casa, voltando com um monte de livros, alguns de sua própria autoria. O freguês desculpou-se, afirmou "estar desprevenido": não havia trazido dinheiro. Ele, porém, respondeu-lhe que não estava vendendo as

-
- (61) FÔSCOLO, A. Comentários. Folha do Povo. São Paulo. 02/03 06-1909, ano II, n.º 70, p. 1.
 (62) FÔSCOLO, A. Comentários. Folha do Povo. São Paulo. 07/08 06/1909, ano II, n.º 74, p. 1.
 (63) FÔSCOLO, A. Comentários. Folha do Povo. São Paulo. 01/07/1905, ano II, n.º 87, p. 1.

obras, que as levasse e folheasse em alguma noite de insônia.
(64)

Fôscolo sempre manteve sua paixão pela literatura, que concebia como "alimento indispensável ao espírito". Via no romance o estilo literário "mais vivo e eficaz entre todos os outros", possuidor de "uma função eminentemente social". (65) Assim como nos tempos de militância republicana, a literatura continuava sendo para o anarquista Avelino Fôscolo um dos alicerces de suas lutas e da divulgação de suas idéias e propostas.

A valorização da obra literária como meio de propaganda libertária não foi incomum entre os militantes anarquistas. Kropotkine um dos teóricos mais lidos por Fôscolo, chegou a referir-se a esse fato, denominando tal tendência de "anarquismo literário" e ressaltando "a influência que as idéias libertárias dos melhores escritores contemporâneos exerceram no desenvolvimento do anarquismo". (66)

Vários literatos brasileiros dedicaram-se ao romance, ressaltando sua função social e revolucionária. O caráter radical dos romances de anarquistas como Fábio Luz Manuel Curvello de Mendonça e Domingos Ribeiro Filho, entre outros, conferiu a estes escritores, assim como a Fôscolo ,

(64) Conforme SILVA, J. "Seu Avelino em Paraopeba ...

(65) FÔSCOLO, A. citado por FRIEIRO, E. Conversando com Avelino Fôscolo Folha de Minas. Belo Horizonte, 22-02 - 1949 (recorte).

(66) Kropotkine P. citado por LUIZETTO, F. op. cit., p.85.

uma situação de marginalidade no meio literário. Apesar de um certo modismo de esquerda ter predominado nos meios literários do início do século, havia um determinado limite a partir do qual a sinceridade nas convicções anarquistas levava à segregação e a uma posição secundária no ambiente cultural. Estes autores passariam à história da literatura como naturalistas retardatários que, em pleno século XX, apegavam-se a um estilo caduco. Refletiam "o problema da mistura de intenção política avançada e gosto atrasado". (67) Além de deslocados no tempo, os romances de Fôscolo e outros anarquistas são também acusados de se encontrarem "fora do lugar", sendo mera expressão de uma artificial importação de idéias. Assim como os anarquistas - sempre apontados como defensores de concepções estranhas aos "verdadeiros" ideais nacionais - os adeptos do naturalismo são vistos como autores preocupados em copiar modelos estrangeiros. Segundo uma autora que focaliza as obras dos escritores desse período, o anteclericalismo presente em todos não era consequência de antagonismos internos, mas sim do combate ao clero na França. (68)

(67) CÂNDIDO, Antônio. Teresina e seus Amigos. São Paulo, Paz e Terra, 1980, p. 47. Segundo BARBOSA, F.A. - cujas observações são endossadas por Antônio Cândido - "esses romances e contos de conteúdo social" eram "a expressão literária de idéias novas, que importávamos da Europa" (grifos nossos). BARBOSA, F.A. A Vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, p. 2.

(68) MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Prosa de Ficção (1870-1920). São Paulo, José Olympio, 1950, p. 142.

As questões colocadas pelos autores libertários são tidas como falsas, sem relações com o contexto histórico do Brasil no início do século. Avelino Fôscolo - como, de resto, todos os "escritores programaticamente revolucionários" - é considerado um inventor de "intrigas arbitrárias e personagens de imaginação, previamente despostos para satisfazer-lhe a nostalgia de reforma social".⁽⁶⁹⁾ Termos pejorativos são fartamente usados nos comentários dos críticos acerca desses escritores: anacrônicos, importadores de idéias incoerentes com a realidade nacional, difusores de falsos problemas. Enfim, são considerados "fora do lugar" na sucessão de estilos de época em que a história de literatura mais tradicional divide os autores e suas obras.⁽⁷⁰⁾

Entretanto, há uma grande coerência entre as concepções desses literatos acerca da obra literária e os romances que escreviam. Acreditando na função social dos livros,

(69) MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira, São Paulo. Cultrix, 1978, p.184. Sobre a marginalidade de Avelino Fôscolo nos meios literários, consultar MALARD, Letícia. Hoje Tem Espetáculo - Avelino Fôscolo e seu romance. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1987.

(70) Desta forma, Nelson Werneck Sodré lamenta esta literatura que, caso "tivesse correspondido a uma exigência integral da sociedade brasileira (...) teria arrasado as reminiscências românticas e criado a literatura nacional de que estávamos precisando, mas cujo momento não chegara ainda". (grifos nossos). SODRÉ, N.W. O Naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, p. 221. Para uma crítica à concepção de que algumas manifestações, tais como o anarquismo e o naturalismo, poderiam ser apenas fruto de importações de idéias, ver: FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. Cadernos de Debate-1. São Paulo, Brasiliense, 1976, p.61 a 64. Neste texto, a autora reflete sobre o ideário liberal burguês como um ideário "importado" ou "deslocado".

retratam com minúcias a realidade da época, levando ao leitor imagens bem familiares. Ao mesmo tempo, as situações e personagens trazem críticas e propostas, os preconceitos e as instituições são questionados, as diretrizes e táticas revolucionárias são colocadas nos mesmos ambientes em que vivia o leitor da época. No caso de Fôscolo, é bem claro como ele se dirige aos mineiros, situando o enredo de seus romances em paisagens características das Gerais.

A eficiência dessas obras como propaganda era também valorizada pelos militantes. Tais romances poderiam atingir um público hostil ou indiferente ao anarquismo, que não se interessaria pela leitura de obras mais teóricas. Essa parcela de leitores poderia, entretanto, ser atingida pela via do romance social (71). Talvez Fôscolo tenha pensado nisso ao emprestar várias de suas obras ao seu freguês "desprevenido". Estas eram também vendidas ou emprestadas através dos anúncios de A Nova Era. Além das obras de Reclus, Fôscolo exorta os leitores a lerem O Caboclo, A Capital, O Mestiço, O Semeador e O Jubileu, todas de sua autoria, sendo as duas últimas escritas por volta de 1905. Com essa literatura, Fôscolo esperava atingir aqueles leitores que não comprariam um jornal anarquista.

(71) "O episódio literário contribuiu para que temas de interesse político e sociológico fossem comunicados fora dos limites restritos da militância". LUIZETTO, F. op. cit. p. 125.

Muitos dos escritores que se autoproclamavam naturalistas viam que as idéias anarquistas eram complementares às suas próprias idéias. O sentimento era mútuo e a obra Germinal de Zola foi uma das mais admiradas e divulgadas pelos militantes. Vários trechos desse francês eram transcritos na imprensa anarquista. Numa dessas transcrições feitas n'A Lanterna, um dos personagens criados por Zola afirma que "o sonho anárquico é sem dúvida o mais alto", ressaltando a ventura de "abandonar-se à esperança dessa harmonia da vida que, entre as suas forças naturais, espontaneamente daria felicidade." (72)

Anarquistas e naturalistas convergiam na concepção comum do romance e da literatura em geral como um meio para o estudo minucioso e cuidadoso da realidade social. Os naturalistas buscavam nos romances a compreensão da realidade, através de sua observação e análise. Os anarquistas, como Fábio Luz, viam na literatura "a melhor base para o estudo real das civilizações e dos progressos e retrocessos, quedas e vãos humanos". Segundo este autor, a história destacava sempre as grandes batalhas e os grandes chefes. Só a literatura possibilitava o contato com os grandes pensadores, espíritos que honravam o gênero humano, "quase todos revoltados e revolucionários." (73)

(72) ZOLA, E. Trecho transcrito em A Lanterna. São Paulo. 16-04-1916. ano XV, nº 288, p. 3.

(73) LUZ, F. A paisagem no conto, na novela e no romance. São Paulo, Monteiro Lobato e Cia., 1922, p. 224.

As concepções materialistas e científicas predominantes entre os naturalistas também marcarão o pensamento de inúmeros libertários. As obras de Kropotkine insistiam na teoria evolucionista, afirmando ser o apoio mútuo o fator determinante na evolução da sociedade humana. Kropotkine apropria-se de uma forma bem específica da teoria evolucionista de Darwin. Enquanto a teoria da "seleção das espécies" era usada pelos pensadores burgueses no sentido de justificar as melhores condições alcançadas por alguns, o geólogo russo inverte a teoria no sentido de provar justamente o contrário: era a solidariedade o que garantia a evolução da espécie humana. Evolução esta obstaculizada pelo surgimento do parasitismo social e da exploração por uma minoria privilegiada. O capitalismo, segundo Kropotkine, contrariava a lei geral de evolução da humanidade. Cientificamente, ele provava a necessidade de combatê-lo e substituí-lo pela anarquia, a sociedade baseada no apoio mútuo. (74)

Leitor de Zola e Kropotkine, Flaubert e Reclus, unindo em seus escritos naturalismo e anarquismo, Avelino Fôscolo privilegiava uma concepção materialista da realidade, tentando explicá-la cientificamente, refutando superstições e misticismos, focalizando o popular, a vida cotidiana de homens comuns e vulgares.

O espaço e o tempo eram os mesmos para o autor e o leitor mineiro do início do século XX: o espaço e o

(74) KROPOTKIN, P. Folhetos Revolucionários... p. 54.

tempo em que viviam .

Fôscolo sempre ressaltara o caráter renovador da literatura e a partir de sua adesão ao anarquismo, volta todas as suas atividades, também nessa área, para a divulgação das idéias revolucionárias. Escreve dois romances nesta época: No Circo e O Jubileu, este a continuação do primeiro. Entretanto, se O Jubileu tem alguns capítulos publicados em 1907 na Nova Era e é integralmente publicado em A Lanterna nos anos de 1909 e 1910, No Circo só aparece em folhetins n'A Lanterna em 1913 e 1914.

O protagonista desses dois romances, Chagas , possibilita a percepção de vários aspectos da auto-representação de Fôscolo como um líder revolucionário. A história dessa personagem aproxima-se da própria vida do autor: Chagas perdeu a mãe ainda criança. Seu pai era autoritário, descuidoso com a educação do menino, humilhando-o sempre. Deviam ser estas as recordações que Fôscolo guardara de seu tutor , de cuja casa fugira, assim como Chagas também abandona a casa do pai. Depois de passar por alguns empregos, Chagas vai trabalhar em um circo.

A trama do romance gira em torno do relacionamento dos componentes do circo, através do qual o autor critica os pilares da sociedade burguesa: a propriedade privada, o casamento sem amor, que levava ao adultério e ao crime, os males da educação burguesa. De desilusão em desilusão, após ser traído por sua mulher e ter seu filho assassinado por

ela num momento de loucura, Chagas percebe que sua desgraça pessoal é conseqüente da organização da sociedade. Se sua mulher amava outro, deveria ter o direito de desfazer sua união para ligar-se ao homem com quem desejava viver. A própria educação de Chagas impedira-o de dar liberdade de escolha à sua mulher, desafiando o preconceito do casamento indissolúvel. A partir dessas reflexões, Chagas decide se libertar de sua educação, espantar os fantasmas que eram um obstáculo à sua própria liberdade. No fim de No Circo, parte à procura "do sonhado porto da liberdade, da solidariedade humana." (75)

Em O Jubileu, Chagas perambula pelo interior de Minas e resolve visitar a cidade de Congonhas, com o intento de conhecer as esculturas de Aleijadinho. O questionamento da organização social aprofunda-se no seu espírito, quando observa ali a romaria interminável.

Como admirador de Zola, Fôscolo deve ter sido bastante estimulado pelo romance do autor francês, intitulado Lourdes, que focaliza a romaria à cidade do mesmo nome. Entretanto, o seu interesse deve ter sido motivado pela vontade de denunciar o caráter especulativo e explorador de uma romaria conhecida e freqüentada por grande parcela da pop^ul^o.

(75) FÔSCOLO, A. No Circo. A Lanterna. 04-04-1914, ano XIII, nº 237, p. 4.

lação de Minas. Assim como Chagas partira em busca de uma nova sociedade refletindo sobre sua vida pessoal, pensava Fôscolo que o homem mineiro poderia ser despertado pelas críticas aos acontecimentos que faziam parte de sua própria vida, de seu cotidiano.

A agudeza dos ataques anticlericais no romance deve ter movimentado ainda mais os comentários indignados dos moradores católicos de Taboleiro Grande. Entre os anarquistas, entretanto, esse foi um dos fatores que garantiram o sucesso da obra. Segundo A Lanterna, jornal anarquista que atacava a Igreja com ferocidade, os livros de Fôscolo possuíam um estilo cunhado na naturalidade "falando-nos de coisa do nosso conhecimento, apresentando-nos tipos e costumes do nosso meio, mostrando-nos os vícios sociais e dando-nos a esperança de um porvir de mais justiça e bem-estar." (76) Em 1920, A Plebe noticia a reedição de O Jubileu, afirmando ser "desnecessário enaltecer os méritos literários e sociais deste livro", cujo autor era "muito conhecido e admirado". Essa obra é especialmente elogiada por ser um grito de revolta contra uma romaria "onde a padralhada cínica e aventureiros de toda a espécie exploram a ignorância e a credice do povo."

(77)

O Jubileu descreve a romaria como um verda -

(76) OS NOSSOS FOLHETINS. A Lanterna. 18-10-1913. ano XIII, nº 213, p. 2

(77) O JUBILEU. A Plebe. São Paulo. 04-12-1920, ano IV, nº 92, p.3.

deiro empreendimento comercial que conferia grandes rendas à Igreja e aproveitadores inescrupulosos da fé popular.

A massa, manipulada pelas promessas de uma vida feliz no pós-morte, apesar de enfrentar dificuldades para sobreviver, acaba comprando materiais "sagrados" e "milagrosos", na esperança de uma melhoria em suas condições de vida. Cada romeiro era um "fantasista", miserável, explorado e iludido, que em busca de felicidade "rompera mundo sem vin_u têm para vir à romaria" (78).

A Igreja, principal organizadora da romaria, é a principal beneficiada. Os padres agiam inescrupulosamente, "locupletando-se de bens terrestres" ao mesmo tempo que pregavam "um reino que não é deste mundo" (79). A Igreja feria as teorias pregadas há séculos por Cristo, desprezando a solidariedade humana. Chagas horroriza-se com a indiferença dos padres em relação à miséria dos romeiros. Ao chegarem à cidade, aglomeravam-se em barracões de paredes imundas, "estirados no solo úmido e fétido como alimãlias" (80). Esta era uma imagem próxima aos leitores mineiros, que freqüentemente visitavam a romaria.

(78) FÓSCOLO, A. O Jubileu. Juiz de Fora, João Madeira e Cia, 1920, p. 52.

(79) Idem, *ibidem*, p. 120.

(80) Idem, *ibidem*, p. 119.

A conclusão de Chagas, com a qual Fôscolo visa despertar a crítica dos leitores, é de que a religião destruíra a fraternidade, criando hierarquias, "renegando os princípios humanitários da doutrina do mestre, ordenando resignação e obediência aos esbulhados e oprimidos" (81).

A Igreja é acusada por seu caráter reacionário, conservador, que auxiliava de forma extremamente eficaz a manutenção do status quo da elite dominante. Seu discurso pregava a obediência do operário aos patrões, a respeito à propriedade, às leis e aos costumes burgueses. A religião tentava frear a conscientização popular, estimulando os fiéis à resignação e ao adiamento de sua felicidade para um tempo distante.

Chagas, porém, percebendo tudo isso, vê na Igreja a manutenção do obscurantismo, acusa a ineficácia da caridade e parte em busca de uma nova organização social. Seu projeto é tornar-se um semeador da rebeldia. Num cenário rural como o mineiro, a solução ventilada para espalhar as idéias revolucionárias é bem específica: adquirir terrenos e unir-se aos deserdados e revoltados na formação de uma colônia, uma sociedade modelo que provasse a inutilidade dos governos. O projeto de renovação não incluiria apenas os operários - que eram uma parcela mínima da população do Estado - mas também membros dos mais variados setores da sociedade.

(81) Idem, *ibidem*, p. 142.

Através do discurso de Chagas, podemos perceber que Avelino Fôscolo não concebia a revolução como uma "missão do proletariado", mas uma luta de toda a sociedade. O núcleo da sociedade futura poderia ser construído por todos os homens que, "sentindo podre o velho tablado em que pisam, aspiram a um cenário mais vasto onde se desenrole a solidariedade humana" (82).

Neste romance, Fôscolo combate a instituição que considera uma das principais mantenedoras da ignorância e obscurantismo, grande inimiga das luzes do saber revolucionário. Frente aos padres que se diziam semeadores de Cristo, lançando o trigo da obediência e da submissão, Fôscolo se comprazia em arremessar os grãos que deveriam dar origem ao joio da revolta.

A partir de 1903, as noites de sábado passaram a ter um sabor especial para os moradores da região de

(82) Idem, *ibidem*, p. 155.

Kropotkin, autor muito lido por Fôscolo, também afirmava a importância da difusão dos ideais anarquistas entre as mais diversas camadas: "não tardei a reconhecer que não se produziria nenhuma revolução, pacífica ou violenta, enquanto as novas idéias e o novo ideal não tivessem penetrado profundamente na própria classe cujos privilégios econômicos e políticos estavam ameaçados." KROPOTKIN, P. Em torno de uma vida ... p. 275.

Taboleiro Grande. No palco do teatro, construído por um mutirão organizado pelo "Seu" Avelino, eram representados dramas e comédias, sendo tais eventos aguardados com grande expectativa no cotidiano pacato do público local.

Os atores, habitantes dali mesmo, ^{depois dirigidos} por Fôscolo, que geralmente também fazia algum papel. A platéia, silenciosa e atenta, assistia a espetáculos como Gaspar, o Serralheiro, a que já nos referimos antes, O Inglês Maguinista e A Grilheta, cujos autores não conseguimos identificar e, do próprio Avelino Fôscolo, O Diabo Moderno e O Semeador.

A proibição da entrada daqueles espetáculos no Cedro não impedia que os habitantes da vila operária caminhassem até Taboleiro Grande para assistir a eles. O Club Dramático e Literário era uma das pouquíssimas opções de que dispunham, além das missas, procissões e festas religiosas.

Na platéia, portanto, encontravam-se os empregados da fábrica do Cedro e também os acionistas. No palco, ^{às} muitas vezes de operários reclamavam situação melhor. O capital era representado por um homem de gravata que tremia diante do trabalho (83). Um dos atores, Arnaldo Silva, que fazia o papel de Gaspar, recitava um estribilho repetidamente: "para uns tudo, para outros nada!" (84)

(83) SILVA, J. "Seu" Avelino em Paraopeba...

(84) SILVA, J. Espelho Retrovisor ...

Como contará, anos mais tarde, ao amigo Eduardo Frieiro, escritor mineiro que conheceu em Belo Horizonte, ao fim do espetáculo os aplausos eram muitos. E entre conformados e impotentes para impedir as apresentações, aplaudiam também os latifundiários, os ricos Mascarenhas, "o vigário, o juiz de paz, o delegado de polícia, o tabelião."

(85)

Fôscolo comparava o espetáculo teatral à liturgia da missa, que estimula o assistente a participar. Recorrendo a essa imagem para falar de sua concepção do teatro, Fôscolo deixa entrever em seu discurso a forte marca deixada pela formação cristã que recebera da mãe, nos poucos anos que com ela convivera. Antes de dormir, a costureira fazia seu filho rezar inúmeras orações, contava-lhe a vida de santos, falava-lhe do exemplo de Cristo. (86)

Mesmo sendo um contundente crítico da Igreja, Fôscolo nunca deixou de ter suas concepções infiltradas por imagens cristãs e, de certa forma, conciliou-as com as idéias anarquistas. A própria imagem que predomina em sua identidade como revolucionário é uma imagem bíblica, retirada da célebre parábola do semeador contada por Jesus a seus

(85) FRIEIRO, E. No Centenário de Avelino Fôscolo...

(86) Depoimento de Nestor Fôscolo. Belo Horizonte, 11-04-1985.

fiéis.

Já em O Jubileu, Fôscolo denunciava a apropriação, pela Igreja, dos ensinamentos de Jesus para fins de dominação. Entretanto, pela leitura que fazia da Bíblia, parecia-lhe que os anarquistas lutavam pelos mesmos ideais que Cristo e seus apóstolos lutavam há séculos. Dentre várias passagens do Novo Testamento, escolheu duas e transcreve-as na primeira página do romance anticlerical. Numa delas, o apóstolo Lucas descreve o funcionamento da comunidade cristã, onde todos tinham tudo em comum, desfazendo-se de suas propriedades. Tudo era repartido "conforme a necessidade de cada um." (87)

Além de sua própria formação cristã, talvez Fôscolo recorresse com frequência a tais imagens para facilitar a aceitação de seus livros entre o público não anarquista. Sabendo da religiosidade dos mineiros, tentava apropriar-se do discurso da Igreja, apresentando o clero como pervertedor do "verdadeiro" cristianismo. Este era associado por Fôscolo à solidariedade, ao apoio mútuo e ao comunismo anarquista.

(87) ATOS DOS APÓSTOLOS. Capítulo II, versículo 45. Como vimos, o princípio de distribuição dos produtos segundo a necessidade de cada um também era defendido pelos comunistas libertários, como Grave, Reclus e Kropotkin.

Aproveitando-se de uma parábola difundida pelos padres em seus sermões, Fóscolo escreveu o drama em três atos - O Semeador - apresentado várias vezes em Taboleiro Grande, nas noites de espetáculo do Clube Dramático e Literário. A peça já em 1906 começou a ser publicada em folhetins pelo jornal A Nova Era, sendo anunciada como ótimo texto para amadores.

Além de dirigir os ensaios, Fóscolo fazia o papel de Júlio, um jovem, filho de um grande latifundiário de Minas, que após estudar na Europa, onde se aproxima dos anarquistas, começa a divulgar suas idéias e transforma a fazenda numa colônia anarquista, durante a ausência do pai. No desenrolar do enredo, Júlio consegue captar a insatisfação dos trabalhadores da fazenda, que acabam por aderir também às idéias libertárias.

Outra personagem também importante é Roberto, que no início é caracterizado como um trabalhador submisso e passivo. Entretanto, no desenrolar da peça, por influência de Júlio, sofre uma transformação: o mesmo Roberto, que antes afirmava "a nós compete obedecer, observar calados", chegará à conclusão de que "tem talvez razão o sr. Júlio: há uma grande injustiça a sanar neste velho mundo." (88) Isso leva-o a revoltar-se contra toda a exploração sofrida.

(88) FÓSCOLO, A. O Semeador. Bello Horizonte, Typografia Renascença. 1921, p. 10 e 27.

Através de Júlio, Fôscolo revela a sua concepção do papel do intelectual enquanto vanguarda: difundindo as idéias anarquistas, revelava a insatisfação difusa e subterrânea na sociedade onde, aparentemente, só havia conformismo. Assim como no palco, também o papel que Fôscolo se propunha a assumir em Taboleiro Grande é facilmente identificável com aquela personagem.

Júlio é o semeador da revolução e sua figura é, a todo momento, associada à de Jesus, a quem se refere em várias partes da peça, admirando-o como grande revolucionário. Como ele, muitos haviam perdido suas vidas e muitos outros ainda pareceriam, até que a anarquia se espalhasse por todo o mundo. Assim como Cristo, Júlio rompe com os laços de sangue, declarando que sua família composta pelos que o seguiam "na sublime tarefa em prol da perfectibilidade humana".⁽⁸⁹⁾ Renega o pai latifundiário, considerando os lavradores como familiares.

Fôscolo sempre vira em Jesus um homem que dedicara sua vida à luta pela justiça. Já em 1891, quando era um entusiasmado republicano, escreve um conto sobre Jesus onde o apresenta como um combatente do fanatismo e do autoritarismo judaico. Todos os esforços de Jesus e seus seguidores seriam, porém, inutilizados pelo Papado e pela Inquisição. (90)

(89) FÔSCOLO, A. O Semeador ... p. 41.

(90) FÔSCOLO, A. Jesus de Nazareth. A Folha Sabarense. Sabará. 29-03-1891, ano IV, nº 42, p. 2,3.

Talvez esse cristianismo subterrâneo de Fôscolo tenha sido um dos fatores que o levaram a identificar-se com o imortal Tólstoi, a ponto de afirmar ser anarquista assim como o fora o escritor russo. (91) O cristianismo extremamente específico de Tólstoi, que vivia numa Rússia onde a presença religiosa era ostensiva, deve tê-lo atraído. Afinal, Tólstoi apropriava-se do discurso da Igreja de seu País, invertendo-o e imprimindo-lhe um cunho de contestação e rebeldia que lhe valeram a excomunhão.

A leitura das obras de Tólstoi deixou fortes influências em Fôstolo. E, na sua concepção de arte, estas se tornam transparentes, facilmente visíveis. Definindo a arte como "um meio de fraternidade entre os homens, unindo-os num mesmo sentimento" (92), Tólstoi mostra aos leitores do polêmico livro O que é a arte?, que não somente as músicas, pinturas, esculturas, etc, consagradas como eruditas, são manifestações de arte. Os cânones impostos por uma elite não podiam definir o campo da arte. Tólstoi insiste que, pelo contrário, a arte mais pura era aquela dissolvida na própria existência comum, como as canções cantadas para ninar as crianças ou aquelas improvisadas em festas populares. Fôscolo, que sempre em suas obras dedicara-se a transcrever canções de autores anônimos, trabalhadores que

(91) FRIEIRO, E. Conversando com Avelino Fôscolo ...

(92) TOLSTOI, L. Que es la arte. Buenos Aires, El Ateneo, 1949, p. 69.

É interessante observar que esta obra pode ter sido lida por Fôscolo antes de aderir ao anarquismo, já que em 1897, ano de fundação de O Industrial, Luís Cassiano anuncia que o Conde Tolstoi estava escrevendo um livro sobre arte, falando da expectativa em torno da obra do grande escritor. O Contemporâneo. 19-12-1897, p. 2.

cantavam para mitigar o sofrimento, muito deve ter-se impressionado com as concepções de Tólstoi. Afinal, se a capacidade de emocionar e colocar os homens em comunhão de sentimentos era a condição para se avaliar a arte, aquelas manifestações que ele observara entre os trabalhadores do interior de Minas e tanto o sensibilizavam, podiam ser valorizadas, como ele sempre acreditara, como belíssimas manifestações artísticas.

Outra concepção expressa por Tólstoi, que deve ter despertado ainda mais a admiração de Fóscolo, era a defesa da necessidade do artista de expressar-se de modo a ser facilmente compreendido. Era exatamente o que o autor mineiro sempre pretendia: tornar-se acessível, claro, fácil. Sendo escritor e jornalista, insistia na necessidade de alfabetização. Vivendo num meio onde a instrução era privilégio de poucos, recorre ao teatro como meio de atingir o público iletrado. Em suas peças, buscava criar um sentimento de intimidade no espectador, apresentando personagens que trabalhavam e viviam em condições familiares, que cantavam canções conhecidas e que sofriam com os mesmos problemas.

A arte tinha para Tólstoi um sentido especial, pois, num futuro onde a humanidade vivesse fraternalmente, ela se converteria num meio de progresso que levaria ao amor e à felicidade. Também esta afirmação encontrou em Fóscolo um leitor atento, principalmente ao levar à conclusão de que

"em nosso tempo a missão da arte é clara e definida: a realização da união fraterna entre os homens." (93) Ao terminar a leitura, deve ter-se sentido extremamente próximo a Tólstoi, tal como o escritor russo afirmava estarem unidos os leitores e o autor da verdadeira obra de arte. Superando a distância entre sua condição de autor quase desconhecido em seu próprio país e a consagração de Tólstoi a nível mundial, Fôscolo comunga com ele a crença na arte como uma semente de incrível fertilidade.

A facilidade de comunicação de Fôscolo, em O Semeador, com os espectadores, era ainda maior pelo próprio tema abordado.

Júlio, o protagonista, ao retornar da Europa, assume uma postura rigorosamente crítica em relação às atividades do pai no seu latifúndio. As condições descritas são bem familiares às pessoas que formavam a platéia do Club Dramático e Literário. Assim como na fazenda apresentada, os latifúndios da região do município de Paraopeba, onde situava-se Taboleiro Grande, tinham uma ínfima parcela de sua extensão cultivada. Numa área total de 55.676 hectares, apenas 2.951 foram cultivados até 1920. A maior parte das terras estava concentrada nas mãos de poucos e poderosos pro -

(93) TOLSTOI, L. op. cit. p. 227.

prietários. Ao mesmo tempo que Júlio critica os métodos de cultivo utilizados pelo pai, usando técnicas improdutivas e sobrecarregando os empregados, os espectadores podiam refletir sobre as consequências do uso daqueles mesmos procedimentos nas fazendas vizinhas.⁽⁹⁴⁾ Elás também, os moradores de Taboleiro Grande, viviam numa região rural onde havia má distribuição de terras, baixíssima mecanização, grandes extensões de terras incultas e má produtividade, todas essas características do sertão brasileiro.

As personagens que contracenavam no palco possibilitavam ao expectador fácil identificação: eram pessoas que trabalhavam a terra nas mesmas condições, vivendo a mesma insegurança. Assim como o pai Manuel, velho negro que, após tornar-se inválido, não recebe a menor assistência no antigo patrão e é obrigado a mendigar, os lavradores da região de Taboleiro Grande e os operários do Cedro não possuíam melhores perspectivas.

Os empregados da época eram tão abandonados à própria sorte como o negro Manoel, cuja miséria horroriza o "apóstolo" Júlio. Nos anos de crise no ramo de tecidos, as demissões ocorriam em massa, sem que fosse levado em conta

(94) Dados retirados do Atlas Chorográfico Municipal. vol II, Bello Horizonte, Imprensa Oficial, 1926, p. 93.

Para avaliar o baixo grau de mecanização das atividades agrícolas pode-se comparar o valor das terras (cerca de 3.342.753\$000 réis) com o valor total dos maquinismos e instrumentos existentes em todo o município (cerca de 117.000\$000 réis).

o tempo de trabalho. (95)

Dirigindo-se a um público de uma área predominantemente rural, Fôscolo apresenta uma oportunidade de reflexão sobre as condições de vida e trabalhona região. No segundo e terceiro atos, mostra todas as falhas da organização vigente e sugere ao expectador uma proposta bem clara de atuação: a fundação de colônias-modelo. Tal estratégia assumia um significado especial num lugar como Taboleiro Grande: a maior parte dos trabalhadores vivia da lavoura; os próprios operários do Cedro eram antigos lavradores; a família Mascarenhas, proprietária da fábrica do Cedro, possuía as maiores fazendas da região (Engenho, Rasgão e São Sebastião). (96)

(95) Em 1914, por exemplo, há uma onda de demissão, como denuncia o jornal local: "Deve-se retirar deste lugar, amanhã, com sua família, para Pitangui, o nosso velho amigo Antonino Mourão. Esse nosso amigo trabalhava há 16 anos nesta fábrica, tendo também prestado serviços à Fábrica São Vicente, durante 9 anos. Causa muito pesar a sua retirada, tanto mais que é ele um profissional habilitado e um dos mais antigos empregados da Cia. Cedro e Cachoeira. (...) É assim que aqui, ultimamente, se recompensa o trabalho. (...) É penosíssima a situação do operariado desta fábrica, pois continuam parados, diariamente, 70 a 80 teares. "FÁBRICA DO CEDRO. Gazeta de Paraopeba. Villa Paraopeba. 30-08-1914, ano IV, nº 177, p. 4.

(96) ANNUÁRIO DE MINAS GERAIS. 1918, vol. VI, tomo II, Bello Horizonte, Imprensa Oficial, 1918, p. 1055.

O apelo de Fôscolo assumia um significado especial por apontar para um tipo de atuação intimamente ligada ao problema da terra questão que fazia parte da vida daquelas pessoas.

Ao apresentar o funcionamento de uma colônia anárquica instalada por Júlio e pelos lavradores do latifúndio de seu pai, Fôscolo mostra como a vida poderia ser diferente do que era. A propriedade privada e a autoridade foram abolidas. As terras eram trabalhadas por todos, o abandono dos métodos inadequados e a adoção de novas técnicas e máquinas facilitavam o trabalho, distribuído entre todos. O salário já não existia: cada um trabalhava segundo sua capacidade e usufruía dos produtos segundo sua necessidade. O trabalho ganhava uma nova dimensão, e a fazenda, antes uma prisão, tornara-se, como cantavam os moradores da colônia, uma "bela vivenda", onde já não era penoso trabalhar. Os produtos pertenciam agora, a seu próprio criador. Com a racionalização e justa distribuição do trabalho, cada homem tinha tempo para outras atividades, como arte, a ciência, os estudos, os jogos esportivos, etc.

Assim expostas as possibilidades que uma sociedade anárquica abria para os trabalhadores, os atores da peça perguntavam em uníssono, à platéia, qual caminho deveria ser seguido: o que levava ao salariado e à escravidão ou o que conduziria ao comunismo e à liberdade? Cabia a cada um

escolher. No palco, todos optavam por seguir o caminho aberto por Júlio, o semeador que transformara as terras daquele latifúndio improdutivo. Dentro das vestes de Júlio, recebendo os aplausos, Fôscolo perscrutava os semeblantes dos espectadores, procurando em cada um a esperada resposta à sua indagação.

Ao propor a criação de colônias baseadas nos princípios anárquicos, Fôscolo não lidava com algo totalmente estranho aos moradores de Taboleiro Grande. A especificação detalhada de como elas deveriam ser organizadas, para que servissem à libertação dos trabalhadores, acaba por mostrar a ineficiência daquelas fundadas pelo governo, que mantinham a situação opressiva e miserável dos lavradores. No município de Paraopeba havia duas colônias desse tipo: uma delas fundada em 1905, pelo governo federal, denominada colônia João Pinheiro. A outra, fundada anos mais tarde, em 1912, pelo governo estadual, tinha o nome de colônia Wenceslau Brás. (97) Fôscolo não poupava críticas a essas organizações. Segundo ele, as condições nelas encontradas pelos colonos levavam-nos a roubar por desespero. No núcleo João Pinheiro, cada um ganhava um pedaço mínimo de terra, mas

(97) ANNUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL (1908-1912). vol. I. Rio de Janeiro, Typografia da Estatística, 1916.

não possuía quaisquer ferramentas ou noções de técnicas agrícolas modernas. Os governantes arrancavam "operários fabris, cocheiros e outros trabalhadores dos centros populosos" numa espécie de limpeza, arremessando-os num meio estranho. Se, por um lado, tinham a mesma condição de miséria onde estavam, antes possuíam "ao menos as relações de solidariedade com os companheiros de dor".(98) As colônias do governo funcionavam como "latas de lixo" que abrandavam o problema da concentração nas cidades, mas não amenizavam as condições dos trabalhadores. A colônia João Pinheiro, no caso de Taboleiro Grande, não apresentava nenhuma perspectiva para os colonos nela instalados e muito menos para os lavradores habitantes da região.

A colônia anarquista esboçada por Fôscolo em O Semeador apresentava uma estratégia completamente diversa. Também nas páginas de A Nova Era a questão da terra era tratada com destaque, e entre os autores que transcrevia, Fôscolo privilegia inúmeros textos de Tólstoi, que discutiam tais problemas.

Num dos escritos daquele anarquista russo, publicado em A Nova Era, torna-se perceptível que o tratamento dado por Tólstoi à questão dos trabalhadores rurais foi um dos fatores que despertaram a admiração de Fôscolo: Tólstoi denunciava a expropriação da terra, que deveria pertenc-

(98) FÔSCOLO, A. Comentários, Folha do Povo. São Paulo. 26 / 27-06-1909, ano II, nº 86, p. 1.

cer a quem a cultivava. Cansado de ser explorado, a única opção para o lavrador era servir como operário em alguma fábrica ou oficina, submetendo-se a jornadas de até 14 horas, num trabalho enfadonho e pernicioso à saúde. As situações possíveis, descritas pelo autor russo, eram exatamente aquelas que se apresentaram aos trabalhadores da região de Taboleiro Grande: o emprego nas grandes fazendas ou na fábrica do Cedro. (99)

A preocupação de Avelino Fôscolo com a questão da terra transparece nas imagens que predominam nas suas concepções da revolução. Assim como a luz, a imagem da semente aparece com insistência nas representações presentes na sua obra, o que reforça a percepção de como seu anarquismo é povoado pelas paisagens rurais que o cercavam e por uma concepção mística, fortemente cristã, do papel do revolucionário.

Se Fôscolo busca uma parábola bíblica para extrair dela toda uma visão acerca da militância anarquista, a esperança na grande revolução que transformaria a sociedade também traz vestígios de influências cristãs. Partindo de uma visão teleológica da história, que caminharia inexo-

(99) TOLSTOI, L. Aos Operários. A Nova Era. Taboleiro Grande, 06-08-1906, ano I, nº 2, p. 2.

ravelmente para a anarquia, Fóscolo representava este momento culminante a partir de imagens apocalípticas. O novo, para surgir, deveria reduzir a velha sociedade a escombros.

Com seus cabelos precocemente brancos, Fóscolo assiste às agitações sociais e às grandes greves do fim da segunda década deste século. Avelino Fóscolo não se via apenas como um semeador de palavras: agora ele era também um profeta da revolução.

VULCÕES

"Rugiam vulcões por toda a parte. A terra tremia àquela opressão de milênios. As lavas da revolta iam soterrar os indesejáveis que sugam a seiva do alheio trabalho e gozam sobre os escombros da guerra e da servidão humana."

Avelino Foscolo

(Vulcões)

Foi em 1864, o mesmo ano de nascimento de Avelino Fóscolo, em Sabará, que Elisée Reclus e Bakunin se conheceram em Paris. Aos 34 anos, Reclus vinha seguindo uma trajetória tumultuada: criado pelo pai para seguir a mesma carreira deste, um pastor calvinista, foi expulso de um curso de teologia protestante por defender idéias republicanas. Havia-se iniciado nos estudos de Geografia, em Berlim, quando se encaminha às pressas para a França, frente à iminência do golpe de Luís Napoleão, em 1851. Participou de um episódio em Ortez, no qual vários jovens tentaram impedir o apoio da guarda local ao Imperador. Após a vitória de Luiz Napoleão, foge da França, e viaja pela Inglaterra, Estados Unidos e alguns países da América Latina, fazendo anotações sobre Geografia. Em 1857, volta à França. Seus trabalhos tiveram grande êxito e, em 1862, é convidado a ingressar numa importante comunidade científica, a Sociedade Geográfica de Paris. (1)

Durante o decorrer das viagens, Reclus tem suas convicções protestantes e republicanas abaladas. Ao voltar à França, aproxima-se dos meios socialistas. As notícias sobre a figura fascinante e as ações ousadas de Bakunin já despertavam o seu interesse antes mesmo de o conhecer. Bakunin passou longos anos na prisão por suas atividades nos agitados anos de 1848 - quando participara das revoltas ocorridas

(1) Ver nota nº 9 do segundo capítulo.

em Paris - e 1849 - quando integra-se ao movimento pela unificação da Alemanha, deflagrado em Dresden. Foi preso, e mandado para a Fortaleza de Pedro e Paulo, na Rússia. Anos mais tarde, na década de 1870, Kropotkin também seria detido na - aquele mesmo local e, segundo conta em suas memórias, animava-o saber que Bakunin também ali havia passado oito anos recluso e, no entanto, ao ser libertado, "estava mais disposto e mais forte do que seus camaradas que continuavam em liberdade". Para Kropotkin, lembrar-se da resistência de Bakunin era uma esperança. "Ele resistiu a esta vida", pensava Kropotkin, "é necessário que eu a suporte também". (2)

Realmente, ao sair da prisão, Bakunin reiniciou com vigor suas atividades: voltando à Europa, envolve-se nas insurreições rebeldes dos povos eslavos e perambula por vários países, sempre associando-se a movimentos revolucionários. (3)

Em 1864, Bakunin e Reclus se encontram, iniciando uma amizade que duraria até a morte do primeiro, em 1876. Elisée Reclus e seu irmão, Elie Reclus, entram para a sociedade secreta "Fraternidade Internacional Revolucionária", fundada por Bakunin que considerava os dois irmãos como ami-

(2) KROPOTKIN, P. Em Torno de uma vida-memórias de um revolucionário. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946, p.326.

(3) WILSON, E. Rumo à Estação Finlândia. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 256 e seguintes.

gos dos mais íntimos, "dois sábios e, ao mesmo tempo, (...) os homens mais religiosamente devotados a seus princípios que já encontrara na vida".⁽⁴⁾

A admiração era recíproca. Reclus deve ter ficado extremamente impressionado, pois a paixão destruidora presente nas palavras do rebelde russo deixou fortes marcas na obra do geógrafo libertário. Bakunin via a revolta como necessidade histórica, sendo que os gestos destrutivos tinham valor em si mesmos. Seus ideais eram povoados de imagens avassaladoras, sonhava com "toda a Europa, incluindo São Petersburgo, Paris e Londres, transformada num imenso monte de escombros".⁽⁵⁾

É nos trabalhos científicos de Reclus que podemos avaliar o fascínio que o discurso arrasador de Bakunin exerce sobre ele, fazendo-o interessar-se profundamente pelo estudo dos vulcões e terremotos, fenômenos naturais que produziam exatamente as cenas tão sonhadas pelo amigo russo, para quem "o desejo de destruir é também um desejo criativo".⁽⁶⁾ Em 1865, um ano após o encontro entre os dois revolucionários e após Elisée Reclus entrar para a associação fundada por Bakunin, o geógrafo escreve dois artigos para a Revue des

(4) BAKUNIN, M. citado por Max Nettlau, Note au sujet des rapports d'Elisée Reclus avec Bakounine. In-RECLUS, E. Correspondance. tome deuxième (1870-1899). Paris, Librairie Schleicher Frère, 1911, p. 166.

(5) BAKUNIN, M. citado por WILSON, E. op. cit. p. 256.

(6) Idem, ibidem, p. 256.

Deux Mondes, sobre os fenômenos dos vulcões e terremotos. (7)

Essas imagens estarão presentes em toda a obra de Elisée Reclus, que via a História e a Geografia como indissociáveis, sendo que "a Geografia não era outra coisa do que a História no Espaço". (8) Assim, acreditava na importância de, através de seus estudos, observar o homem na sucessão de idades, assim como a Terra podia ser estudada na sua evolução. Era possível reconhecer "os laços íntimos que ligavam a sucessão dos fatos humanos à ação das forças telúricas." (9)

A evolução do planeta não se dava sem momentos de grande ruptura. Sob uma superfície aparentemente calma e estável, muitas vezes deslizavam as camadas internas do solo. Após um período de lenta evolução desse interior, chegava o momento da revolução. Os terremotos revelavam o ápice de movimentos que se iniciaram há séculos, imperceptíveis, subterrâneos, mas causadores de uma catástrofe inexorável,

(7) RECLUS, E. Les Oscillations du Sol Terrestre. Revue des Deux Mondes. Janvier/février 1865, XXXV^e année, tome LV, p. 57 a 84.

RECLUS, E. Le Mont Etna. Revue des Deux Mondes. juillet-aout 1865, XXXV^e année, tome LVIII, p. 110 a 138.

(8) RECLUS, E. L'Homme et la Terre. Paris, Librairie Universelle, 1905, vol. I, p. 1.

(9) Idem, *ibidem*, p. 2.

após a qual a superfície passaria a ter uma nova configuração. (10)

Os vulcões são sinais mais visíveis dessa agitação subterrânea: crateras que revelam toda a efervescência do interior infernal, de explosão imprevisível, com intervalos entre uma erupção e outra, sendo a intensidade da próxima uma expectativa para todos os que habitam as proximidades. Tanto como os terremotos, as atividades vulcânicas são resultantes de uma evolução milenar e imperceptível no interior da terra, mas as catástrofes causadas por essa movimentação interna afetam profundamente a vida dos habitantes das superfícies. (11)

Reclus compara a evolução das sociedades humanas aos movimentos das forças telúricas. Na História, a evo-

(10) "Tout change, tout est mobile dans l'univers, car le mouvement est la condition même de la vie (...). Le sol ferme qu'il (l'homme)(...) croyait immuable, s'anime et s'agite; les montagnes se redressent ou s'affaissent; non seulement les vents et les courans océaniques circulent autour de la planète, mais les continens eux-mêmes, se déplaçant avec leurs sommets et leurs vallées, se mettent à cheminer sur la rondeur du globe". RECLUS, E. Les Oscillations du Sol Terrestre..., p. 84.

(11) O fascínio de Reclus pelas atividades dos vulcões levou-o a encaminhar-se para o Etna, aos primeiros sinais de sua erupção, em 1865. O espetáculo, observado à distância, o impressiona: "Ce fut un magnifique spectacle, surtout pendant la nuit." RECLUS, E. Le Mont Etna..., p. 113. Reclus, neste artigo, descreve com minúcia a reação dos habitantes das redondezas que, de início, desprezavam a ameaça, mas frente à iminência da catástrofe, são tomados de terror. A erupção é focalizada como um momento da evolução terrestre: "Cette dernière éruption, une des plus importantes de notre époque, n'est qu'un épisode insignifiant dans l'histoire de la montagne: c'est une simple pulsation de l'Etna". Idem, *ibidem*, p. 117.

lução das instituições sociais e dos próprios homens era lenta e gradual na maior parte das vezes, imperceptível aos olhos dos contemporâneos. Alguns vulcões sociais parecem extintos, aplacados. Entretanto, os momentos revolucionários explodem, provando o contrário e trazendo, como consequência, radicais transformações. Ele vê, na época em que vive, um momento de proximidade de uma revolução, consequente de um evoluir de séculos. Os ideais anarquistas se espalhavam rapidamente. Uma "luta contínua, incessante, que começou na selva, para os homens primitivos, há milhões de anos" (12) e que só vitórias parciais conseguira até então, estava prestes a originar uma situação revolucionária que levaria a humanidade a uma fase culminante do progredir social: a revolução em que se combateria pela vitória da anarquia como meio de organização dos grupos humanos.

O título dado por Avelino Fóscolo ao último romance que publicou, em 1920, Vulcões, revela uma atenciosa leitura das obras de Elisée Reclus. A imagem de uma força de origens subterrâneas, que levava a evolução social à revolução libertária é o fio condutor de toda a trama do romance.

Mas, como a figura do vulcão, tão distante pa

(12) RECLUS, E. Evolução, Revolução e Ideal Anarquista. São Paulo, La Tribuna Española, 1904, p. 88.

ra aquele escritor, habitante do Estado de Minas Gerais, pôde fasciná-lo a ponto de transformar-se no título de um de seus romances?

Desde que escrevera O Semeador e O Jubileu, na primeira década do século, a vida de Avelino Fóscolo mudara bastante.

Numa das experiências que gostava de realizar nos fundos de seu laboratório, inventara o Coalho Halley, cujo nome homenageava o cometa. A propaganda anunciava que bastava uma colher do preparado para coalhar vários litros de leite. O produto conquistou boas vendas nos mercados de Minas, Rio e São Paulo, trazendo grandes lucros para seu inventor. Em 1910, Fóscolo viaja à Europa para comercializar a venda em alguns países do Velho Mundo. Aproveita a ocasião para aproximar-se dos anarquistas franceses, tendo conhecido Jean Grave pessoalmente. Após sua volta para o Brasil, continua a corresponder-se com ele. (13)

Avelino Fóscolo enriqueceu-se e seu prestígio em Vila Paraopeba cresceu. Os anos seguintes serão marcados por atitudes contraditórias da sua parte. Talvez o enriquecimento demasiado rápido tenha atenuado um pouco seu radicalismo, mesmo que por um curto período de tempo. Ou talvez sentisse um certo cansaço pela demora de respostas à sua propa-

(13) Depoimento de Nestor Fóscolo, filho de Avelino Fóscolo. Belo Horizonte, 11-04-1985.

ganda anarquista: seu jornal não conseguira manter-se, a situação em Vila Paraopeba não mudara muito e os operários e lavradores da região não pareciam muito interessados nas lutas libertárias. Os artigos que escreve, nessa época, para a imprensa anarquista de São Paulo, expressam uma certa desesperança. Estes são anos de vertiginosa queda de lucros da Cedro e Cachoeira, o que gera desemprego em massa na região e achatamento de salários. Tempos difíceis para os moradores da vila operária, tempos de forte repressão. É em 1913 que a Folha do Cedro teve de transferir-se para Vila Paraopeba, sob ameaça de empastelamento. Como vimos, o jornal não conseguiu manter o correspondente, que denunciava as arbitrariedades ocorridas nas ruas da vila, onde os desobedientes eram colocados em camisas de força. (14)

Percebendo o acirramento dos choques entre os interesses dos Mascarenhas e dos operários do Cedro, Fóscolo esperava que estes últimos reagissem de acordo com suas expectativas. Entretanto, suas projeções são frustradas: a seu ver, os oprimidos pareciam não entender a necessidade da revolução. Segundo escreve n' A Lanterna, os operários trabalhavam apenas 3 dias por semana. Se o que ganhavam antes bastava apenas para não morrer de fome, agora encontravam-se em situação de ainda mais extrema miséria. Irritado com a inér-

(14) Ver notas 51 e 89 do segundo capítulo.

cia que presenciava, confessa que havia momentos em que julgava razoável essa situação, já que "os esbulhados não têm coragem de fazer justiça com as próprias mãos." (15)

Contrariamente à aprovação demonstrada, em obras anteriores, às manifestações de reação dos trabalhadores mineiros, Fóscolo assume, nesse momento, uma posição quase que de intransigência em exigir maior firmeza nas atitudes que os oprimidos deveriam tomar, segundo seu ponto de vista.

Naquela época, Fóscolo encontrava-se afastado do convívio íntimo que tivera, anos e anos, com os operários e lavradores da região. Sempre envolvido com os negócios referentes à venda do Coalho Halley, viajando frequentemente para o Rio, São Paulo e Belo Horizonte, já não é tão disponível quanto antes. Talvez este afastamento o tenha impedido de perceber que, por trás da aparente passividade dos moradores do Cedro - garantida por uma violenta repressão local comandada pelos proprietários da fábrica - a revolta dos trabalhadores encontrava inúmeras vias para manifestar-se. Frente à ameaça de empastelamento de um jornal que vinha denunciando as péssimas condições de vida e trabalho no Cedro, os operários não titubearam em arriscar-se, contrariando a proibição de reunião, organizando uma manifestação de apoio ao períodi

(15) FÓSCOLO, A. Mundo Operário em Minas. A Lanterna. São Paulo. 20-02-1914. ano III, nº 232, p. 3.

co nas dependências da tipografia. (16)

Mesmo com a mudança do jornal para Vila Paraopeba e a impossibilidade de manter um correspondente, as notícias do Cedro continuam aparecendo na Gazeta de Paraopeba sob a forma de cartas anônimas enviadas ao jornal. Numa delas, um operário com o pseudônimo de Serrano denunciava a repressão sofrida por um morador daquela localidade, o sr. Mariano Cardoso. O gerente da companhia mandara cortar o abastecimento de água no chafariz onde se abastecia o sr. Cardoso, em represália por atitudes de insubmissão do mesmo, que não chegam a ser esclarecidas pelo autor da carta anônima. (17)

Esses sinais da resistência não são percebidos por Fóscolo, ou não foram valorizados pelo anarquista, o qual, porém, contorna a decepção inicial e chega à conclusão de que, se os operários ainda viviam num estado de obscuridade, cabia aos militantes "conscientes (...) da clamorosa injustiça, o dever de trabalhar para uma sociedade melhor!" (18)

Assim, Fóscolo modifica suas estratégias, tomando uma atitude que contrariava radicalmente as idéias que

(16) Ver nota 50 do segundo capítulo.

(17) SERRANO, Cedro. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba. 28-02-1915. ano IV, nº 203, p. 3.

(18) FÓSCOLO, A. Mundo Operário em Minas. A Lanterna. São Paulo. 28-02-1914. ano III, nº 232, p. 3.

divulgara n' A Nova Era e em O Semeador; candidata-se ao cargo de vereador no município de Paraopeba. Seu principal objetivo era conseguir fundar escolas naquela região. Esperava que o cargo político facilitasse sua luta pela instrução: afinal, pensava, era justamente isso que impedia a eficácia da sua propaganda. ⁽¹⁹⁾ Por alguns anos, Fôscolo se convence de que os fins justificariam os meios usados, apesar de sua flagrante incoerência.

A situação, entretanto, não era enfrentada sem profundos conflitos. Em 1912, Fôscolo candidata-se e vence com facilidade. Assumindo o posto em março, aproveita todas as ocasiões para realizar discursos incendidos, tentando por todos os meios conseguir recursos para a fundação das escolas. Não consegue, porém, lidar com a própria ambigüidade: em setembro do mesmo ano, renuncia ao cargo. ⁽²⁰⁾ Em 1915, a história se repete: é eleito, porém mal consegue iniciar o mandato. ⁽²¹⁾

As sucessivas renúncias mostram que Fôscolo não consegue habituar-se mais à idéia, defendida durante a é

(19) Depoimento de Nestor Fôscolo. Belo Horizonte, 08-11-1985.

(20) CÂMARA MUNICIPAL. Folha do Cedro. Cedro, 07-09-1912, nº 74, ano II, p. 1.

(21) GAZETA DE PARAOPEBA. Paraopeba, 07-11-1915. nº 240, ano V, p. 2; 24-09-1916, nº 286, ano VI, p. 1.

poca de militância republicana, de que as mudanças poderiam ser alcançadas por vias legais. Depois dessas experiências, ele retornará à sua convicção de que a revolução anarquista seria o único modo de transformar a sociedade. Vulcões será o romance onde deixará bem clara sua crença na necessidade de reduzir a velha organização social a escombros. É nessa imagem tão presente na obra de E. Reclus, a quem tanto admirava, que achará seu caminho de volta ao velho radicalismo. Agora, certamente, mais convicto do que nunca de suas posições.

Por volta de 1915, Fôscolo decide mudar-se para Belo Horizonte. A maior parte de seus dez filhos encontrava-se na idade de frequentar escolas. Nestor, um dos filhos mais velhos, já se encontrava na Capital, cursando Medicina. Agora seus irmãos, para prosseguir nos estudos, precisam mudar-se também. Adília desejava estudar farmácia, para seguir a profissão do pai e do avô. O desejo de permanecer junto aos filhos fez com que Fôscolo deixasse Vila Paraopeba, local onde passara tantos anos decisivos em sua vida.

Nas outras vezes em que se mudara, Fôscolo sempre o fez em condições financeiras precárias. Após abandonar a vida de circo, voltou a Sabará sem possuir nada, além de seus objetos pessoais. Ao decidir acompanhar Maria até Taboleiro Grande, chega àquela localidade sem nenhum recurso, tendo sido ajudado pelo sogro, que lhe dá um emprego na farmácia. Na sua terceira mudança, porém, Fôscolo não tem mais es

ses problemas. Tem recursos suficientes para montar uma espaçosa farmácia numa das avenidas principais da Capital, a Avenida Afonso Pena. O nome do estabelecimento homenageava a filha, que frequentava a Escola de Farmácia na época: a Farmácia Adília localizava-se no número 473, ao lado do Cine Avenida.

Os negócios prosperaram e Fôscolo adquiriu inúmeros bens: duas chácaras e seiscentos lotes em bairros afastados na Capital. (22) Além de uma excelente situação financeira, tinha obtido reconhecimento e prestígio nos meios literários mineiros. Desde 1910 é membro da Academia Mineira de Letras, tendo aceitado a designação sob a condição de poder indicar o velho companheiro Luís Cassiano como patrono da cadeira.

É em Belo Horizonte que Fôscolo escreve Vulcões, o último romance que publicou. Contrastando com a tranquilidade que marca a vida pessoal de Fôscolo nas vésperas da década de 20, o romance mostra uma sociedade conturbada e à beira de uma profunda ruptura.

O primeiro capítulo deixa bem claro o arrependimento de Fôscolo por ter contrariado suas convicções anarquistas, candidatando-se por duas vezes ao cargo de vereador em Vila Paraopeba: logo de início, é mostrado ao leitor como

(22) MALARD, L. op. cit., p. 68.

se realiza uma eleição, detalhando todas as desonestidades cometidas pelos candidatos, como a compra de votos e outras formas de corrupção. Há uma personagem, Samuel, um velho de cabelos brancos - como já os possuía Fóscolo - curvado pelo estudo e grande admirador de Comte e Kropotkin, que não dá a menor importância ao movimento em torno da eleição e às discussões relativas dos candidatos. Convicto da total inutilidade dos políticos profissionais e do Estado, afasta-se do burburinho da multidão, planejando um novo mundo que surgiria dos destroços de uma sociedade que desmoronava.

Mas não foram somente as decepções como político eleito que fizeram com que Fóscolo se apegasse tão fortemente à imagem de uma revolução vulcânica e avassaladora. Assim como Elisée Reclus, ele tivera uma formação marcadamente cristã. E a revolução presente em suas obras possui significações bem próximas daquelas apresentadas pelo apóstolo João no livro do Apocalipse.

A história é teleológica: desde o início já se pode prever o fim. Assim, a sociedade humana caminha para a anarquia. De toda parte surgem profetas, que anunciam a proximidade da grande erupção, mostrando as evidências do "rugir das vagas subterrâneas, do palpitar da cratera próxima a irromper". (23)

(23) FÓSCOLO, A. Vulcões..., p. 111.

Esse grande momento marcaria a ruptura entre um passado dominado pelo mal e um futuro paradisíaco, onde o homem retornaria à sua idade de ouro. No texto bíblico, o apocalipse encerra a vida do homem na terra desde que Adão e Eva, cometendo o pecado original, foram expulsos do Paraíso. A partir do juízo final, os homens têm oportunidade de retornar ao Paraíso, enquanto que o mal, simbolizado pela figura do demônio, seria aprisionado por mil anos.

Nos textos de anarquistas, como Reclus e Fóscolo, o momento revolucionário tem os mesmos elementos. O homem vivera, no início da sua história, num paraíso, quando não conhecia a propriedade privada e o dinheiro. Tais instituições, porém, transformaram a sua vida. A revolução deveria, pois, reconduzir o homem ao seu caminho original. Após "vinte séculos de cristianismo" e "milênios de civilização",⁽²⁴⁾ chegava finalmente o momento em que os homens retornariam à idade de ouro. O paraíso vislumbrado através das falas de Samuel, em Vulcões, difere daquele prometido na Bíblia, por sua localização: Fóscolo, como os outros anarquistas, coloca na terra o que os católicos esperavam encontrar no céu. A personagem, cujos ditos proféticos são mencionados durante toda a narrativa do romance, afirma a necessidade da destruição total "do mundo de ganância, de vício, de servidão abjecta".

(24) Idem, *ibidem*, p. 193.

Seria mister que "os homens morressem e ressuscitassem", que das "cinzas deixadas pelas erupções surgisse uma nova Fênix". E a partir dos sinais encontrados na observação da sociedade, o velho profeta anuncia que "a ressurreição estava próxima, decerto". (25)

Os vulcões não produzem, portanto, apenas destruição. Eles soterram o antigo, são fenômenos que tornam visível a evolução natural da terra, anunciam novas etapas desse progresso. A imagem do vulcão fumegante associa-se, em Fóscolo, à sua perene perseguição das luzes, da claridade que deveria expulsar do mundo o obscurantismo: a erupção vulcânica é também um instante em que se vislumbram imensos clarões.

Os prenúncios desses momentos tão ansiados eram percebidos por Fóscolo nas notícias que recebia, todos os dias, do avanço dos movimentos de rebeldia, na Europa e no Brasil da época.

Vulcões é um romance contemporâneo da Revolução Russa. Em vários momentos, o autor preocupa-se em mostrar, através das falas das personagens, as repercussões que as notícias daqueles acontecimentos tinham na sociedade mineira da época. Num diálogo entre um padre, um coronel e uma velha senhora católica, o autor detecta o sentimento de ameaça que

(25) Idem, ibidem, p. 145.

predominava entre essas pessoas, frente a notícias de vitórias na luta pelo fim da propriedade privada e pela igualdade entre os homens.

Como mostra o romance, os movimentos de revolta espalham-se rapidamente por toda a Europa, a partir da explosão russa. O padre José, figura através da qual Fôscolo critica o conservadorismo católico, anatematiza "o maximalismo vitorioso na Rússia, invadindo a Itália, a catolicíssima Espanha e o velho Portugal".⁽²⁶⁾ Porém, tão significativo quanto o abalo de sociedades tradicionais, era o fato destacado pelo padre, de que até mesmo no Brasil já se percebia a rapidez da difusão do anarquismo: as idéias novas difundiam-se por toda a parte "fazendo erupção nos próprios vales que criam tranquilos por séculos de adormentamento".⁽²⁷⁾

A onda de greves ocorridas em vários Estados do País, nos anos que se seguem a 1917, com intensa participação dos anarquistas, despertou um grande otimismo entre os militantes da época.⁽²⁸⁾ No caso de Fôscolo, esse sentimento

(26) Idem, *ibidem*, p. 111.

(27) Idem, *ibidem*, p. 172.

(28) Só na capital de São Paulo ocorrem 109 greves entre 1917 e 1920. No interior desse mesmo Estado, ocorreram 32, nesses anos. No Rio de Janeiro, o número chegou a 63, conforme indica FAUSTO, B. Trabalho Urbano e Conflito Social. Rio de Janeiro, Difel, 1983, p. 162 e 163, tabelas IV-1, IV-2 e IV-3.

transparece nas referências feitas a tais acontecimentos ao longo de Vulcões. Juntamente com as informações sobre a situação na Rússia, as personagens burguesas do romance lêem, assustadas, as notícias vindas de São Paulo, demonstrando que naquele Estado "a semente fecunda da nova idéia" brotava com vigor, corroendo as instituições tradicionais, apesar da vigilância e repressão policial. (29).

Entusiasmado com as perspectivas que o rumo dos acontecimentos parecia tomar, Fôscolo procura detectar, na sociedade mineira da época, augúrios que indicassem a irreversibilidade da decadência burguesa e, ao mesmo tempo, a ascensão dos movimentos revolucionários.

As personagens principais de Vulcões não são operários, mas representantes da classe dominante. É a partir da análise de acontecimentos sucedidos no seio da burguesia que o autor espera comprovar perante o leitor "o esfacelamento de um mundo em putrefação". (30)

O enredo do romance possui temas comuns a várias de suas obras: Brito é um jovem político que tudo faz para alcançar status. Casa-se com uma moça que não ama, por conveniências sociais, abandonando a primeira namorada, pobre, e cuja paternidade era desconhecida. O casamento indissolúvel e sem amor acaba dando espaço ao adultério. A mulher

(29) FÔSCOLO, A. Vulcões..., p. 131.

(30) Idem, *ibidem*, p. 115.

traída recorre ao vício para suportar as humilhações impostas pelo marido. Um dia, porém, completamente drogada, deixa-se levar pelo ódio e assassina a rival. Através da banalidade da história de um crime passionai, Fôscolo critica não apenas a instituição do casamento, mas também a noção de propriedade privada: era o sentimento de posse conferido pelo contrato matrimonial que possibilitava tais situações. Assim como nos casamentos por interesse, a hipocrisia e a mentira invadiam toda a organização social: a falácia do capital provocava o lenocínio e o latrocínio. A lei garantia a impunidade dos ricos. Clara, a assassina da rival, filha de um senador, não recebe nenhuma punição. Em tal sociedade, a vida das pessoas, como tenta mostrar Fôscolo através da trajetória de suas personagens, tem condições lastimáveis: as mulheres, sempre apresentadas como vítimas, manipuladas facilmente por uma egoísta sedução masculina, correm o perigo de serem lançadas à prostituição por uma sociedade implacável face ao menor desvio. O prostíbulo seria inevitavelmente o destino de Carmen, a amante de Brito, caso não fosse assassinada. Rejeitada pela mãe, malfalada em toda a cidade, desprezada pelo amante calculista, que temia escândalos, estava prestes a seguir o destino de tantas outras mulheres que recriminava com horror. É apresentada uma sociedade corroída pelo vício, baseada na exploração dos operários e lavradores, ancorada num discurso religioso hipócrita e conservador. No romance, o abalo dessa sociedade caduca é iminente. A aparên-

cia estável das instituições burguesas é um engodo que não convence o sábio Samuel, convicto da próxima ruptura, embora os poderosos tentassem encobri-la "com as lantejoulas do ouro e do poder". (31)

Paralelamente à descrição de uma sociedade à beira da ruína, Fôscolo apresenta ao leitor um operariado mineiro prestes a despertar para as lutas revolucionárias que já agitavam várias cidades brasileiras, como era o caso de São Paulo.

Apesar de o romance narrar as histórias de personagens da elite mineira, surgem a todo momento as figuras dos operários, cuja movimentação deixava ainda mais apreensivos aqueles que se assustavam com o crescimento da rebelião. Numa das cenas, o padre José, desconsolado pela baixa frequência ao seu confessionário, observa atemorizado a passagem de um "magote de grevistas, meio inconscientes de sua força e de suas pretensões, mas cômicos de que algo de novo precisava vir". Aquelas gemes de insurreição esvaziavam a Igreja e o padre percebia que a "religião de antanho (...) estava para desaparecer nas cinzas do vulcão que sacudia a terra": os trabalhadores já não se deixavam embalar pela "esperança vaga e falaz do além". (32)

(31) Idem, *ibidem*, p. 115.

(32) Idem, *ibidem*, p. 211.

Como Fôscolo tenta provar durante todo o romance, o operariado mineiro não se encontrava alheio à movimentação que, de 1917 até cerca de 1920, se espalha por várias regiões do país.

Será durante esses anos que o número de sindicatos aumentará significativamente: dezessete entidades são fundadas na Capital e no interior do Estado de Minas Gerais. (33) De 1917 até 1925, várias greves significativas ocorrerão no Estado: no Sul de Minas, os ferroviários da Rede Sul Mineira organizam uma greve em 1917. No mesmo ano, os operários da mina de Queluz e os trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil (Lafaiete) também recorrem à greve. Em Poços de Caldas ocorrerão movimentos durante todos os anos entre 1919 e 1922: de operários da fábrica de móveis, de trabalhadores da Casa Inglesa, de empregados de hotéis e alfaiates. Em Nova Lima, ocorre, em 1925, uma greve em que se revela a presença de adeptos do anarquismo. (34)

Mesmo em Vila Paraopeba, lugar que despertava grandes saudades em Fôscolo, pode-se detectar certa movimenta

(33) DUTRA, E. R. F. Caminhos Operários nas Minas Gerais. São Paulo, HUCITEC, 1988. p. 73. Segundo a autora, é relativamente expressivo o número de trabalhadores filiados aos sindicatos, cuja maioria situava-se em pequenas cidades e possuía de 100 a 700 componentes, sendo que o Club dos Trabalhadores de Superfície possuía, em 1921, 1.200 sócios.

(34) Idem, *ibidem*, p. 77.

ção: em 1917, um artigo publicado na primeira página da Gazeta de Paraopeba, de propriedade de Manoel Antônio da Silva, protestava contra a prisão de Edgard Leuenroth e manifestava solidariedade ao "Leão Vermelho", como era chamado. (35) No ano seguinte, um editorial afirma que não deixará de publicar as cartas anônimas assinadas sob o pseudônimo de Serrano, que denunciavam as péssimas condições enfrentadas pelos trabalhadores do Cedro. O jornal se dispõe a apoiar a causa que os operários vinham pleiteando (o aumento de salários) juntando sua voz às palavras anônimas e denunciantes de Serrano. (36) Apesar da ausência de Fôscolo, o teatro local continuava com uma intensa programação. Peças como Gaspar, o Serralheiro e A Grilheta continuavam a ser representadas pelo grupo local de amadores: em março de 1918, A Grilheta é representada com a participação especial de três operários vindos de Belo Horizonte. (37)

Também as notícias que chegavam de Juiz de Fora deviam aumentar o otimismo que Fôscolo demonstra sentir

(35) EDUARDO, J. Edgard Leuenroth e a polícia de São Paulo. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 30-09-1917, ano VII, nº 339, p. 1.

(36) SILVA, M. A. Os operários do Cedro. Gazeta de Paraopeba. 15-09-1918, ano VIII, nº 507, p. 1.
Ver, a respeito de Serrano e suas cartas, a nota 17 deste capítulo.

(37) TEATRO. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 06-04-1918, nº 427, ano VII, p. 1.

em Vulcões, quando diz que, nas ruas, "num resfolegar de monstro, em mil ruídos diversos, as aclamações da plebe prenunciavam a Revolução em marcha". (38)

No ano de 1918, os habitantes de Juiz de Fora presenciavam uma forte explosão popular. A partir de um comício contra a carestia, cuja realização foi proibida, mas que ocorreu assim mesmo, os manifestantes dirigiram-se à Câmara Municipal para exigir melhores condições de trabalho. Depois, espalharam-se pela cidade invadindo e saqueando armazéns da Cia. Usinas Nacionais. A massa enfrentava a polícia com arremessos de pedras, levando consigo grande quantidade de mantimentos. No dia seguinte, a repressão foi ainda mais rigorosa, com invasão de residências e associações operárias. Meses depois, a polícia consegue dispersar uma reunião operária, que visava dar origem a novo levante operário com ataques e estabelecimentos industriais. (39)

Em janeiro de 1920, Juiz de Fora vive dez dias de greves que assumem dimensões quase gerais: a paralisação abrange todos os trabalhadores das fábricas de tecidos e estabelecimentos industriais. Em agosto, eclodem mais 3 movimentos grevistas.

(38) FÓSCOLO, A. Vulcões..., p. 214.

(39) DUTRA, E. R. F. op. cit., p. 96 a 98. Sobre o movimento operário em Juiz de Fora no início do século, ver também: ANDRADE, Sílvia M. B. Vilela de. Classe Operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924). Juiz de Fora, Ed. da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1987.

Como podemos ver, não eram infundadas as imagens presentes em Vulcões mostrando a movimentação operária com destaque. Fôscolo se apraz em ter, como pano de fundo para um enredo que mostra a burguesia sendo soterrada pela sua própria ação, os "trovões de revolta" que agitavam Minas. A multidão anônima é presença constante no decorrer da trama: eram "ferroviários, tecelões, mineiros em greve que aclamavam a revolução em marcha do Norte para o Sul, do Oriente para o Ocidente, como um grande sol a iluminar um novo mundo".⁽⁴⁰⁾

Apesar de ter ambientado Vulcões na histórica cidade de Ouro Preto, Fôscolo exhibe ao leitor, através desta obra, muitos aspectos da vida em Belo Horizonte, cidade onde habitava ao escrever o romance. Muitas das questões presentes nas polêmicas da época são apresentadas nos discursos das personagens.

Em Belo Horizonte, Fôscolo não encontrava o mesmo vigor no movimento sindical que havia em outras partes do País e mesmo em outras cidades mineiras, como Juiz de Fora. As tentativas dos operários para articular passeatas de protesto e greves eram, na maioria das vezes, contornadas pela ação do governo e de políticos. Em julho de 1917, por exemplo, há uma distribuição de boletins convidando para uma

(40) FÔSCOLO, A. Vulcões..., p. 214.

reunião operária a fim de se organizar uma greve. Nas passeatas decorrentes desta iniciativa, o deputado federal Augusto de Lima Júnior comparece e convence os operários a desistir do seu intento. (41)

A única greve realizada nesse período, de 1917 a 1920, em Belo Horizonte, é a dos trabalhadores do Ramal da Estrada de Ferro. Paralisando suas atividades em 1919, são reprimidos pela polícia, que prende um dos manifestantes, acusado de anarquista. (42)

Tais acontecimentos bastavam a Fôscolo para que julgasse ser questão de pouco tempo o eclodir da revolução, com a participação dos operários de Minas. Através da trama amorosa que se desenvolve em Vulcões, Fôscolo mostra como a classe dominante mineira esboçava novas estratégias que fizessem frente ao desafio de insurreição e movimentos rebeldes que se espalhavam pelo Estado. Devido à euforia de Fôscolo nesses anos, tais articulações serão apresentadas pelo autor como condenadas ao fracasso. Em sua perspectiva, a atuação dessa classe dominante seria inútil naquele momento da evolução social: nada conseguiria deter a erupção revolucionária

(41) DUTRA, E. R. F. op. cit., p. 123.

É importante destacar que este político, cuja atuação deve ter despertado profundas críticas de Fôscolo, era filho de Augusto de Lima, em cuja homenagem Avelino, Artur e Luís Cassiano deram o título do jornal O Contemporâneo, de Sabará.

(42) DUTRA, E. R. F. op. cit. p. 123.

ria. Para Fôscolo, aquelas eram apenas medidas desesperadas de uma classe que sentia o poder escorrer-lhe por entre os dedos.

No romance, o padre José apregoa a todo momento a atuação da Igreja como saída para uma situação que se mostrava ameaçadora. Referindo-se ao perigo da Revolução afirma o padre que a Igreja remediaria o perigo através do socialismo católico. Juntamente com Carolina, uma senhora frequentadora assídua da igreja que fora uma de suas amantes na juventude, o padre dedica seu tempo a empreender a fundação de ligas: Liga Contra a Imoralidade, Liga Católica, Liga Nacionalista, e muitas outras citadas no decorrer do romance.

O leitor belorizontino contemporâneo de Fôscolo encontrava, nas situações apresentadas na obra, muitos paralelos em relação aos acontecimentos na Capital. Em 1919, é fundada a Confederação Católica do Trabalho, seguidora dos preceitos defendidos pela Rerum Novarum (1891) de Leão XIII.⁽⁴³⁾ Esta Encíclica aconselhava a formação de sociedades de patrões e empregados que visassem à harmonia entre estes e à minimização dos conflitos entre o capital e o trabalho. Além de sua atuação como sindicato, intervindo nos conflitos e procurando conduzi-los de forma conciliatória, a Con

(43) As informações a respeito da Confederação Operária Católica do Trabalho foram consultadas na obra de DUTRA, já citada.

federação Católica emprega seus esforços para impedir a propagação dos movimentos de rebeldia em Minas Gerais. Através de seu órgão oficial, O Operário, as idéias socialistas e anarquistas serão duramente combatidas.

Segundo um dos editoriais do jornal, os operários deveriam permanecer sempre alertas para o perigo das idéias difundidas em Minas por emissários de associações anarquistas do Rio e São Paulo, que tentavam difundir a imprensa subversiva, além de "folhetos e livros terríveis", realizando uma "propaganda de ódio, de fúria, de destruição". A ação desses indivíduos despertava temor nos redatores dos jornais católicos. A perspectiva de expansão do anarquismo, que tanto entusiasmava Fôscolo, era motivo de pavor para a Confederação Católica. Segundo o mesmo editorial, os anarquistas conseguiram, em várias localidades, abalar a fé de várias pessoas, conseguindo adeptos. Assim, se nada fosse feito, em dois ou cinco anos, quando umas cinquenta localidades fossem afetadas, a possibilidade de um "horrrível movimento" poder-se-ia concretizar. (44)

Dessa forma, por "uma questão de profilaxia social", a imprensa anarquista deveria ser definitivamente evitada pelos operários, afirmava o jornal. Cabia ao operário,

(44) ALERTA! O Operário. Belo Horizonte, 10-07-1920, ano I, nº 2, p. 1. citado por DUTRA, op. cit., p. 165 a 166.

além disso, auxiliar a propaganda católica, alistando-se na Confederação.

Em Vulcões, as falas do padre José são facilmente identificáveis com o discurso do jornal católico. Assim como este periódico, o clérigo esperava do socialismo católico "o respeito à propriedade e aos costumes".⁽⁴⁵⁾ Também em sua ardorosa defesa da restauração do ensino católico em Minas, padre José se aproxima das polêmicas em que a Igreja da época se via envolvida. Em 1906, o então Presidente do Estado, João Pinheiro, convicto positivista, proibira o ensino do catolicismo nas escolas públicas. Logo após o término da Primeira Guerra, com a crescente movimentação operária em Minas, o fim dessas proibições tornou-se uma das bandeiras de luta da Confederação Católica. Em Vulcões, padre José afirma a devolução católica do povo mineiro, prejudicada por essa proibição: era urgente fazer retornar "o ensino religioso, intensificado e oficializado em colégios dominicanos, salesianos e jesuítas". Após essa vitória, a Igreja voltaria aos seus tempos de triunfo, vitoriosa contra as "forças infernais" que tanto preocupavam a elite mineira caracterizada no romance.⁽⁴⁶⁾

(45) FÓSCOLO, A. Vulcões... p. 39.

(46) Idem, *ibidem*, p. 112. O ensino religioso voltou a ser obrigatório nas escolas públicas durante a gestão de Antônio Carlos Andrade (1926-1930). DUTRA, E.R.F. p. 157.

As atitudes dos políticos mineiros da época também são captadas por Fóscolo, através da personagem Paulo Brito. Este é um jovem bacharel que, renunciando totalmente às concepções socialistas que acalentara nos tempos de estudante, utiliza-se de todos os meios para vencer na carreira política: casa-se por interesse com a filha de um senador e com o dinheiro do sogro realiza sua propaganda eleitoral. Esperando vencer as eleições, dedica-se às conquistas, ao jogo e aos passeios. A figura de Brito, porém, consegue ultrapassar o caráter de simples caricatura do político ocioso e parasita: as relações de Brito com o padre José e D. Carolina ilustram muito bem a estratégia de aproximação de vários políticos mineiros com a Confederação Católica.

Brito era o candidato apoiado pela Liga Católica e o principal ponto de sua plataforma política seria o tratamento rigoroso aplicado aos operários socialistas e anarquistas: "estrangeiros indesejáveis, expulsos: nacionais grevistas, Fernando de Noronha."⁽⁴⁷⁾ O bacharel procura impressionar os eleitores com discursos defensores das tradições e da moralidade, buscando o apoio de várias ligas, como a Liga Católica, a Liga pela Moralidade e a Liga Nacionalista.

Com efeito, a Confederação Católica organizou

(47) Idem, *ibidem*, p. 151.

vários grupos leigos para auxiliar a difusão de suas idéias na Capital e no interior mineiro, como a União Popular, O Círculo Operário, a União de Moços Católicos e as Ligas pela Moralidade.⁽⁴⁸⁾ Além de tentar sua influência através desses grupos, a Confederação buscava também unir seus esforços com políticos, como fica claro na decisão tomada na 1.ª Convenção Operária Católica, realizada em Pará de Minas, no início da década de 20: a Confederação deveria intermediar os interesses operários junto ao Congresso Nacional e, no período de eleições, os operários deveriam ser orientados a votar em candidatos apoiados pela Confederação e comprometidos com os mesmos ideais.⁽⁴⁹⁾

Vários políticos mineiros de renome tiveram intensas ligações com a Confederação Católica. Dentre os que incluíam as reivindicações dessa instituição em seus discursos e em sua atuação, encontram-se Artur Bernardes, Antônio Carlos Andrada e Augusto de Lima Junior. Outros não se limitaram ao apoio indireto e participaram efetivamente da Confederação, como o deputado Joaquim Furtado de Menezes, que nela possuía um cargo administrativo. Francisco Negrão de

(48) Ver DUTRA, E. R. F. op. cit., p. 157.

(49) A íntegra das propostas aprovadas na Convenção pode ser encontrada em: A Excursão Operária ao Pané. Diário de Minas. Belo Horizonte, 16 de maio de 1922, ano XIII, nº 3867, p. 1 e 2.

Lima, deputado federal, esteve presente na Convenção Operária de Minas como representante da Confederação Católica. Todos eram figuras sempre presentes em atos públicos que envolvessem a Confederação. (50)

Nas páginas de Vulcões, Fôscolo demonstra perceber, com grande sensibilidade, o movimento da elite mineira frente a uma situação que se apresentava ameaçadora. Mostrando ao leitor esse remanejamento de estratégias, Fôscolo esperava contribuir para levá-las ao fracasso. Com sua obra, queria precipitar a catástrofe da velha sociedade, embora acreditasse na inevitabilidade da queda dessa classe dominante.

A presença de adeptos do anarquismo em Belo Horizonte deixou rastros quase imperceptíveis. A vida e a obra de Avelino Fôscolo revela-nos fragmentos dessa presença. O que há, além disso, são notícias esparsas e incertas.

As pesquisas já realizadas a esse respeito deparam com a inexistência de sinais da resistência libertária no plano sindical. Assim, os anarquistas que "porventura existissem na cidade encontravam-se em estado de grande desorganização". (51) O 39 Congresso Operário, realizado em 1920

(50) Ver DUTRA, E. R. F. op. cit., p. 180-81

(51) Idem, ibidem, p. 124.

pela COB, a que compareceram representantes de inúmeros sindicatos anarquistas de vários Estados, não contou com a participação de nenhum sindicato da Capital mineira.

Frente à ação vigorosa da Confederação Católica do Trabalho, os indícios de uma possível resistência às ofensivas foram apagados. Com exceção de um único artigo num jornal, a imprensa da Capital não reagiu contra a ofensiva católica. (52)

É, porém, através da fala da própria Confederação Católica que podemos vislumbrar a presença anarquista: segundo O Operário, circulavam na capital "impressos e publicações incendiárias" como A Plebe, O Grito Operário, A Voz do Povo e A Comuna. (53)

Ao lado dessas pistas da existência de adeptos do anarquismo em Belo Horizonte, Vulcões aparece como uma obra importante, um sinal de rebeldia. Este romance, apresentando a todo momento o movimento de operários e lavradores em seu desenrolar, tinha como principal objetivo restituir a fala àqueles cuja voz a elite buscava silenciar.

(52) O artigo denunciava o intento da Confederação de que os operários obtivessem melhorias "sem patas de cavalo, sem dinamites, unicamente portando-se bem sob a égide dos católicos (...), aguardando a boa vontade do patrão". Floresta Jornal. Belo Horizonte, 18-05-1920, ano I, nº 1, p. 2 e 3. citado por Dutra, E.R.F. op. cit. p. 171.

(53) ALERTA! O Operário. Belo Horizonte, 10-07-1920, ano I, nº 2, p. 1. citado por DUTRA. op.cit. p.165 a 166.

O romance desperta alguns elogios. O Minas Gerais de janeiro de 1922 apontava Avelino Fôscolo como um dos espíritos "mais cintilantes da intelectualidade mineira". Segundo esse artigo, o autor procurava "inteligentemente, através das páginas de seus livros" propagar "idéias e crenças sociais por que apaixonadamente se bate." (54)

Fôscolo continuava mantendo contato com os anarquistas de São Paulo. Em 1920, A Plebe comemora a reedição de O Jubileu, de autoria "do camarada Fôscolo". (55) Encontrando-se em boa situação financeira, o autor mineiro enviava a esse jornal vários exemplares de O Jubileu, Vulcões, O Caboclo, A Capital e O Semeador, para que o lucro das vendas fosse revertido em benefício d'A Plebe. (56)

Fôscolo continuava dedicando-se ao teatro, mas encontrava obstáculos às suas atividades nessa área. Em 1921, inscreve O Demônio Moderno e O Semeador numa lista a partir da qual seriam escolhidas peças a serem representadas no teatro Municipal de Belo Horizonte, a preços populares. O texto O Demônio Moderno é escolhido, entre outros de autores minei

(54) PUBLICAÇÕES. Minas Gerais. Belo Horizonte, 20-01-1922 (Recorte).

(55) O JUBILEU. A Plebe. São Paulo, 04-12-1920, ano IV, nº 92, p. 3.

(56) PROPAGANDA DA BIBLIOTECA SOCIAL "A INOVADORA". A Plebe, São Paulo, 16-03-1922, ano IV, nº ? , p. 4.

ros. A peça seria apresentada em outubro, porém os jornais anunciam e comentam a apresentação de todos os espetáculos da temporada, com exceção d'O Demônio Moderno. Possivelmente, o conteúdo libertário da peça e a clara posição de Avelino Fôscolo levaram à sua exclusão. Os jornais não dão qualquer explicação a esse respeito. (57)

A partir desses dados, podemos concluir que a atuação de Fôscolo obtinha alguma repercussão nos meios mineiros. Certamente, não devia ser muito querido pelos padres e pelos políticos belorizontinos da época. Jair Silva, o menino de Taboleiro Grande que, ao tornar-se jornalista, deixou impressas inúmeras recordações de Fôscolo, veio para a Capital, no início da década de 20. Recém-chegado da roça, com a apenas 17 anos, Jair pede a "seu" Avelino que o auxilie na procura de emprego. Tendo conseguido uma indicação para trabalhar na Imprensa Oficial, solicita a Avelino que o acompanhe. O presidente da Imprensa era Mário de Lima, filho de Augusto de Lima Júnior, ambos ativos simpatizantes da Confederação Católica. Ao ver que Jair Silva fazia-se acompanhar de Fôscolo, Mário de Lima sequer recebe o rapaz. Percebendo a situação, Jair escreve ao pai, que lhe arranja uma recomendação do bispo de Paraopeba, D. Cirillo de Paula Freitas. Pou-

(57) Consultar, a respeito:

TEATRO. Diário de Minas. Bello Horizonte, 20-09-1921, ano XIII, nº 3671, p. 2.

Teatro Municipal. Minas Gerais. Bello Horizonte, 7-10-1921, ano XXX, nº 236, p. 6.

cos dias depois, obteve o emprego. (58)

Fôscolo retribuía o desprezo recebido dos católicos e políticos, apresentando-os como uma elite desesperada frente às ameaças revolucionárias. Em Vulcões, o leitor é convencido de que todas as tentativas de sobrevivência dessa burguesia serão vãs. Da mesma forma que Samuel, chamado por todos de louco e evitado por muitos, Fôscolo aguarda confiante o despertar das forças subterrâneas.

Entretanto, a eficácia da atuação dessas elites contraria as esperanças de Fôscolo. A Confederação Católica consegue, ao longo dos anos, uma influência cada vez maior: cria, em 1920, o Curso Noturno Operário e, em 1922, funda um cinema para operários. Da primeira Convenção Operária Católica, em 1922, participaram 600 representantes da sede de Belo Horizonte. Várias associações operárias da Capital passam a apoiar a Confederação Católica, como mostra O Operário em 1925: o órgão católico anuncia o apoio da Associação Beneficente Tipográfica, da União dos Empregados do Comércio, da União dos Operários em Calçados, do Centro dos Choferes, da Liga Operária Mineira e da Confederação Auxiliadora dos Operários. Através de uma atuação junto aos políticos em defesa de habitações operárias, abastecimentos de água, descanso dominical e observância da lei de acidentes, a

(58) SILVA, J. Buena Dicha. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1934, p. 102.

Confederação Católica engrossa as fileiras de adeptos à sua causa.

Além de crescer numericamente, obtém importante captação de recursos: em 1925, recebe imensa soma da prefeitura de Belo Horizonte para a construção de sua sede social.⁽⁵⁹⁾

Paralelamente a essas medidas, com as quais a elite mineira obtém grande sucesso na contenção das ameaças de rebeldia e insubmissão, há também o aspecto repressivo, crescentemente rigoroso no decorrer da década de 20. Desta forma, Artur Bernardes, Presidente do Estado de 1918 a 1922, organiza um gabinete de investigações e capturas que, além de reprimir criminosos e investigar crimes, deveria controlar a chegada e saída de pessoas na Capital. Outra área de a

(59) Todos os dados sobre o crescimento da Confederação Católica do Trabalho foram obtidos em DUTRA, E.R.F. op.cit. Em seu livro de memórias Beira Luar, o escritor Pedro Nava aborda inúmeros aspectos da vida em Belo Horizonte na década de 20. A respeito da atuação da Igreja Católica, seu comentário é muito ilustrativo da autoridade desta: "Belo Horizonte era uma capital profundamente quieta e bem pensante. Amava o soneto, deleitava-se com sua operazinha em tempos de temporada, acatava o Santo Ofício que censurava por sua conta os filmes (...) Havia uma literatura oficial. Os discursos de suas excelências eram obras antológicas (...) A Liga pela Moralidade atava e desatava, tinha lugar certo para suas decisões no Minas Gerais - órgão oficial dos Poderes do Estado. Era um outro poder do Estado. Os Redentoristas davam a nota com o Padre Severino fazendo milagres. Não ler as inépcias canônicas de O Sino de São José era pecado mortal. O beatério vivia aceso com a criação do Bispado em 1921 e sua instalação a 30 de abril de 1922". NAVA, Pedro. Beira-Mar-memórias/4. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

tuação desse gabinete seria a fiscalização de pontos de reunião de indivíduos anarquistas. (60)

Esse aparato repressivo será mais sofisticado no governo de Antônio Carlos Andraça, que durante seu mandato (1926-1930) criou a Secretaria de Segurança Pública. A ação desse órgão deu origem, entre outras medidas, a um regulamento de censura, pela polícia, de filmes e peças teatrais. A polícia passava a ter também a função de dissolver sociedades secretas e ilegais, dispersando ajuntamentos. Ficavam assim proibidos quaisquer filmes, peças ou outro gênero de diversões que criassem "antagonismos violentos entre raças ou classes da sociedade ou que propagassem idéias subversivas da ordem pública". (61)

A repressão não impedia, entretanto, que o governo buscasse contornar os antagonismos através de atitudes positivas: Mello Viana, antecessor de Antônio Carlos e amplamente apoiado pela Confederação Católica, dedicou-se, durante o seu mandato, ao estímulo de instituições que beneficiassem os operários, incluindo-se, entre elas, uma creche para filhos de trabalhadores. Antônio Carlos criou escolas noturnas para operários, inúmeras creches para os filhos destes e vários estabelecimentos para a formação de profissionais. Sô

(60) DUTRA, E. R. F. op. cit. p. 175.

(61) Leis e Decretos. Minas Gerais (1926). citado por DUTRA, E.R.F. op. cit. p. 176, 177.

na cidade de Juiz de Fora, foram fundadas, durante seu mandato, 43 escolas. (62)

Durante o decorrer da década de 20, o otimismo de Fôscolo esvai-se à medida que depara com o fortalecimento da mesma elite que apresentara, em Vulcões, como um monstro desprovido de forças. Contrariando suas expectativas de uma revolução próxima, o operariado parecia seduzido pela Confederação e pela atuação dos políticos a ela ligados. Aos rebeldes, restava o enfrentamento de uma repressão bem organizada e implacável. No caso do próprio Fôscolo, nenhuma de suas peças poderia ser encenada, a partir da censura estabelecida por Antônio Carlos em 1926, o que significava fechar seu principal canal de participação e de divulgação de suas idéias.

Após anos de euforia, Fôscolo assemelha-se mais a D. Quixote do que a um semeador ou profeta. Mas era um D. Quixote às avessas. O herói de Cervantes lutava contra moinhos, imaginando serem gigantes; investia contra ovelhas, acreditando serem exércitos de nações inimigas. Fôscolo, percebendo a rápida articulação da elite mineira em busca de respostas à rebeldia que se alastrava em várias cidades do Estado, afirma que todas essas tentativas não têm a menor possibilidade de ser bem sucedidas. Desprezando as forças de

(62) DUTRA, E. R. F. op. cit. p. 187.

seus inimigos, Fôscolo lutava contra gigantes, pensando serem simples moinhos de vento...

A falta de informações sobre Avelino Fôscolo, a partir da década de 30, é expressiva do ostracismo em que caiu o autor e do próprio declínio anarquista em nível nacional.

A partir do final da década de 20, as fileiras anarquistas se esvaziavam em consequência da adesão ao Partido Comunista, fundado em 1922. A ação do PC visava dar nova orientação ao movimento sindical e operário, buscando a formação de uma frente única que superasse as divergências no seio do movimento operário. Os anarquistas recusaram-se a participar dessa frente, dado ao objetivo francamente centralizador da proposta comunista, que acabaria com a autonomia de todas as entidades filiadas. Fiéis aos princípios federalistas, permaneciam afastados, não comparecendo ao Congresso Sindical de 1926. Apontando os anarquistas como "traidores" da classe operária e acenando aos trabalhadores com a possibilidade da conquista de leis que melhorassem as suas condições de trabalho e vida, o PCB consegue, a partir de 1927, aumentar sua influência sobre o meio sindical. Aliando-se a políticos considerados progressistas, o PCB e o BOC (que em meados de 1927 substituiu o partido, lançado na ilegalidade) defendiam uma legislação social que regulamentasse a jornada de oito horas diárias e quarenta horas semanais, contratos co

letivos de trabalho, salário mínimo, proteção à mulher e à criança e proibição do emprego de menores de 14 anos.

Defendendo os mesmos direitos, mas contrários à regulamentação destes por lei e à intervenção do Estado e do BOC nos sindicatos, os anarquistas não conseguem impedir a ampla adesão ao PCB, que em 1928, possuía 1200 membros, a maioria operários. Os núcleos do partido eram quatorze, espalhados por todo o País, sendo de destacada importância o núcleo situado no Rio de Janeiro. (63)

Prensados entre a eficácia da atuação comunista e a rigorosa repressão desencadeada pelo Estado, os anarquistas não conseguem manter, nos meios operários, a forte influência que obtiveram durante os anos 10 e início dos anos 20. (64)

Na década de 30, juntamente com os membros do

(63) MUNAKATA, K. Origens do Sindicalismo Burocrático. In: - Algumas Cenas Brasileiras. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1982, (mimeo).

(64) Para uma análise aprofundada das questões aqui ventiladas sobre as relações entre o PCB e os anarquistas, consultar:
 DE DECCA, E. O Silêncio dos Vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1981.
 MUNAKATA, K. A Legislação Trabalhista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1984.
 MUNAKATA, K. Algumas Cenas Brasileiras, op. cit.
 TRONCA, I. A Revolução de 30: a dominação oculta. São Paulo, Brasiliense, 1982.

PC, serão praticamente massacrados pela ditadura getulista do Estado Novo. A Plebe e A Lanterna, jornais anarquistas de São Paulo, resistem até meados dessa década, mas sua publicação é inviabilizada a partir do golpe, em 1937.

Paralelamente à difícil situação de seus companheiros de ideais e de lutas, Avelino Fóscolo vivia um ocaso no plano de sua existência pessoal: no ano de 1937, encontra-se na situação oposta àquela da época em que escreve Vulcões. Aos setenta e três anos de idade, havia perdido toda a riqueza obtida. No final da década de 20, comprometera-se como avalista de um parente próximo, o que o levou à falência completa. Em 1931, é obrigado a vender suas propriedades, incluindo o prédio da farmácia na Avenida Afonso Pena. A partir daí, sua residência e sua farmácia passam por vários pontos da cidade, em constante lide com dificuldades financeiras. De homem rico, Fóscolo volta à sua origem humilde, tendo trabalhado praticamente até morrer, aos 80 anos. Os negócios não conseguem o sucesso anterior: a farmácia de Fóscolo era pouco frequ^uentada, nos últimos anos de sua vida. A raridade de clientes permite-lhe tempo para escrever no balcão os originais de Morro Velho, no início da década de 40: escrevia em pequenos pedaços de papel e margens de jornais. (65)

Quase vinte anos antes, ao escrever a peça (i

(65) Depoimento de Nestor Fóscolo. Belo Horizonte, 11-04-1985.

nédita) O Demônio Moderno, Fóscolo criticava os efeitos malé-
ficos do dinheiro sobre as pessoas. Apesar de não ser conhe-
cido o texto da peça, outras obras contemporâneas a esta mos-
tram o provável tom da discussão sobre a riqueza. Em O Semea-
dor, Júlio afirma sentir na sociedade burguesa "a injustiça
da ditadura do dinheiro, esse demônio moderno".⁽⁶⁶⁾ Talvez
Fóscolo não pudesse imaginar todos os transtornos que lhe se-
riam causados pela pequena fortuna ganha através das vendas
do Coalho Halley, trazendo divisões no seio de sua própria
convivência familiar.

Além das dificuldades financeiras que volta a
experimentar na velhice, sofre o desprezo de suas obras lite-
rárias. Já em meados da década de 20, a obra do jornalista
Victor Silveira, Minas Gerais em 1925,⁵ subvencionada pelo
governo do Estado, marca a reserva dos meios culturais belo-
rizontinos mais tradicionais quanto às obras do escritor li-
bertário. Dedicando grande parte do livro a publicar excer-
tos de inúmeros escritores e poetas mineiros, o autor da ex-
tensa obra (mais de mil páginas) esquece-se de Fóscolo. No
capítulo dedicado à Academia Mineira de Letras, há uma entre-
vista com o Dr. Carlos Goês, então presidente daquela Insti-
tuição. Ao enumerar as publicações de membros da Academia,
Carlos Goês não poupa elogios aos colegas. Entretanto, ao refe-

(66) FÓSCOLO, A. O Semeador... p. 37.

rir-se a Avelino Fôscolo, diz, pejorativamente, que o "escritor socialista publicou dois romances filiados à sua seita : O Jubileu e Vulcões". (67)

Marginalizado dentro da Academia, da qual fora um dos sócios fundadores, Fôscolo é simplesmente ignorado pelos novos escritores que então despontavam. Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus de Guimarães e outros, na faixa dos vinte anos, perambulavam pelas ruas do centro de Belo Horizonte, à noite. O "Bar do Ponto", que ficava no cruzamento da Avenida Afonso Pena com Rua da Bahia (a apenas alguns quarteirões da "Farmácia Adília") era parada obrigatória daqueles moços. Subindo a Rua da Bahia, havia o Bar Estrela, onde as conversas eram longas e as discussões sobre a fundação de um periódico literário tiveram, como consequência, a publicação de A Revista, em julho de 1925.

As propostas contidas no programa de A Revista deixam clara a imensa distância que separava Fôscolo daqueles jovens escritores, afastamento este que contrastava com a proximidade entre a Farmácia Adília e o Bar Estrela. Predominava preocupações nacionalistas e tradicionalistas, no sentido de buscarem-se "as raízes históricas da literatura mineira". Politicamente, A Revista preconizava a necessidade de centralização do poder "para evitar a dispersão das forças la

(67) GOES, Carlos. Citado por Silveira, Victor. Minas Gerais em 1925. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1926, p. 1137 a 1139.

tentes no país". (68)

Adepto do internacionalismo e da total descentralização, ou seja, da anarquia, Fôscolo deveria achar tal programa extremamente reacionário, se é que chegou a ter conhecimento dele.

Da parte dos jovens modernistas, restou-lhe apenas o total esquecimento. Pedro Nava, ao dedicar-se às lembranças sobre a década de 20, vivida por ele em Belo Horizonte, é minucioso ao descrever as ruas, os edifícios, as pessoas que freqüentavam os cinemas e bares ou simplesmente passeavam pelo centro da cidade. São inúmeras as referências a pessoas que causavam alguma polêmica ou despertavam comentários no seio da tradicional família mineira. Vários farmacêuticos são citados, fala bem ou mal de inúmeros escritores residentes em Belo Horizonte naqueles anos. Entretanto, o nome de Fôscolo não aparece sequer uma vez. Impossível Pedro Nava não conhecê-lo: Nestor Fôscolo, filho do anarquista, formou-se na mesma Faculdade de Medicina que Pedro Nava freqüentava, numa época em que o pequeno número de estudantes tornava fácil o rápido conhecimento entre eles. Adília Fôscolo fora colega de Carlos Drummond, tendo este lhe dedicado um poema, es

(68) NAVA, Pedro. op. cit., p. 214 e 215.

crito no álbum de recordações da moça. (69)

Provavelmente, esse silêncio é expressão da inexistência de afinidades entre eles no plano literário e, mais importante, do pouco destaque dado pelos jovens modernistas àquele velho cujos romances e peças seguiam moldes por eles execrados. A ausência de referências a Avelino Fôscolo denota um esquecimento que talvez possa ser explicado pela in diferença ou, até mesmo, pelo desprezo.

Além dos exemplos dos meios tradicionalistas da Academia Mineira de Letras e do grupo dos jovens modernistas, há um outro que mostra como Fôscolo vai sendo progressivamente rejeitado: as obras sobre História da Literatura, como vimos anteriormente, apenas mencionam o nome do escritor

(69) O poema foi transcrito por MALARD, Letícia em Hoje Tem Espetáculo - Avelino Fôscolo e seu Romance. Belo Horizonte, UFMG, 1987, p. 7:

"Na asa do vento
Esta mulher não tem nome.
Esta mulher passou pelas ruas de Belo Horizonte
como o vento passa pelas árvores.

O vento passa pelas árvores...

Saí correndo e gritando atrás de sua sombra,
Saí correndo e gritando...

Nas pedras do calçamento,
Havia uma saudade infinita do seu passo,
e o seu passo foi mais breve do que o vento.

Esta mulher tinha meu destino entre as mãos,
e sorrindo, e fugindo,
perdeu-se no verde
da distância."

1924

Carlos Drummond.

de forma depreciativa, classificando-o de "retardatário" e a cusando-o de fugir à realidade brasileira. Ao enumerar suas obras, vários autores citam apenas um ou dois títulos, ignorando a totalidade de seus romances. (70)

Até a morte, Fôscolo não consegue publicar mais nada: após terminar Morro Velho procura editoras. Entretanto, como a obra criticava a atuação dos ingleses na mina do Morro Velho, o consultor literário da Editora Paulo Brum, Eduardo Frieiro, desaconselha-o a levar o texto a público: com sobrenome italiano, criticar a Inglaterra em plena 2a. guerra Mundial poderia trazer-lhe problemas.

Entre Fôscolo e Frieiro nasce uma sólida amizade, talvez uma das poucas que restaram a Fôscolo em Belo Horizonte. A solidão desse anarquista é notada pelo próprio amigo que "quase sempre o via só, alto, enxuto, o passo cadenciado e longo, a cabeleira abundante e branca (...) e uns olhos um tanto esquivos atrás dos óculos e meio escondidos por baixo do chapéu desabado sobre a testa." (71)

A convicção mantida na defesa das idéias anarquistas, claramente expressa nos depoimentos dados a Eduardo Frieiro, nos últimos anos de sua vida, não impedia, mas an -

(70) MIGUEL-PEREIRA, L. Prosa de Ficção (1870-1928). Rio de Janeiro, José Olympio, 1950, p. 135.
Ver também notas do 29 capítulo.

(71) FRIEIRO, E. O Romancista Avelino Fôscolo... p. 12.

tes estimulava a solidariedade aos militantes comunistas integrados na Aliança Nacional Libertadora. Em 1935, por exemplo, é o único a ter coragem de ir à delegacia visitar o presidente da Aliança em Minas, David Rabelo, professor da Faculdade de Medicina. Apesar de ter sido desaconselhado a visitar o preso, afirmou estar velho demais para esquecer os amigos: David Rabelo o ajudara durante a doença de uma filha. Procurando Ildelfonso Mascarenhas, membro da família, com que tivera inúmeros contatos na antiga Taboleiro Grande, Fôscolo consegue a permissão para visitar o amigo. (72)

Apesar das amizades como Frieiro e David Rabelo, Fôscolo é um homem completamente isolado. Eduardo Frieiro nunca ... chegou a compreender bem as posições anarquistas de Fôscolo: em 1964, ao relembrar-se do amigo, define-o como "socialista utópico" que não chegara a conhecer o "socialismo científico de Marx". (73) Quanto a David Rabelo, a oposição total de Fôscolo ao Estado impedia a comunhão dos ideais de ambos.

Num artigo publicado na Gazeta de Paraopeba, do velho amigo "Neném", Fôscolo expressa seu abandono e a impressão de sentir-se um estranho no mundo. "Ave Maria" é uma

(72) Depoimento de Hugo Fôscolo. citado por MALARD, L. op. cit., p. 74.

(73) FRIEIRO, E. No Centenário de Avelino Fôscolo. Estado de Minas. 8-11-1964, ano XXXVII, nº 10.575.

das raras publicações de Fôscolo no fim da vida, aos 78 anos de idade. Os acontecimentos frustravam completamente suas expectativas de transformação da sociedade. No nível internacional, assistia aos horrores da guerra e do fascismo. Na Rússia, que fora em Vulcões apresentada como uma terra da esperança, o stalinismo ceifava qualquer tentativa de liberdade. No País, o Estado Novo efetivava-se como uma ditadura de cunho totalitário. Seus amigos dos tempos em que a anarquia aparecia como um sonho prestes a concretizar-se encontram-se também silenciados: A Plebe e A Lanterna têm sua publicação impedida pela censura instituída por Getúlio Vargas através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Sem encontrar espaço para suas esperanças num mundo repleto de "sibilos de sirenes, urros de vapor (...) raptaplan de rodas em trilhos de aço" e multidões ofegantes acotovelando-se nas ruas, Fôscolo envolve-se num sentimento nostálgico: saudades dos tempos felizes em Taboleiro Grande, onde A Nova Era anunciava um futuro promissor. Vivendo um momento onde cornetas prenunciavam "sangue, guerras, morte e cenas que envergonhariam as próprias feras", o velho anarquista declara sua saudade indefinida, saudade do que nem chegara a concretizar-se. Restava a ânsia de um mundo idealizado evoluindo-se frente aos acontecimentos, "esvaindo-se às sombras da noite". (74)

(74) FÔSCOLO, A. Ave Maria. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 10-09-1944, ano XXIV, nº 1846, p. 1.

Ao mesmo tempo que Fóscolo sente o mundo envolver-se em trevas, sua visão é cada vez mais debilitada. Operado de catarata pouco antes de morrer, já não enxergava praticamente nada na velhice. Os seus próprios olhos lhe negavam, agora, a luz que perseguira durante toda a sua vida de revolucionário. Avelino Fóscolo morreu, de câncer, aos 80 anos.

APÊNDICES

A MULHER

A. Fôscolo

"A Folha Sabarense", 16-10-1887,
ano III, nº 20, p. 1.

Deus concentrou tudo quanto há de grande e sublime na mulher e formou-a um dos focos mais brilhantes que resplende em sua onipotente frente.

Deu-lhe a graça de criança, a candura de virgem, a bondade de mãe! Circundou-a com a sua luz divina, inundo-a no oceano da sua graça, tornou-a o centro da humanidade assim como o astro-rei o é dos planetas.

Nós somos *fortes, grandes, sábios*, entretanto basta uma palavra, um sorriso, um olhar da mulher para nos elevar ao apogeu da glória ou arrastar-nos ao lodaçal da infâmia.

Perguntai a César, Aníbal, Marco Antônio e Bonaparte, esses caudilhos antigos e modernos da humanidade, que não temiam nem a terra nem o céu, o que fê-los curvar, muitas vezes, a frente orgulhosa e tornarem-se dêbeis como o vime que a brisa dobra.

Perguntai a Homero, Platão, (...), esses grandes gênios do passado, porque se elevaram tanto e por quem!

A Byron, o que o fazia vagar pela Europa, perlustrando as ruínas dessa Grécia gloriosa, procurando esquecer, nos lábios e braços das mulheres que deparava, a sua lady

Charworth, sempre cético, devasso, demente como o seu D. Juan. A Chatterton e Jacopo Ortiz, o que fez-lhes abismar uma existência tão bela nas trevas do túmulo.

A Bocage, Werner, e Marlowe o que os obrigava a vagar pelas tabernas, tombar pela embriaguez do alcouce, e profanar suas fronte excelsas na devassidão da crápula a mais imunda! Eles responderão:

- "A mulher! sempre a mulher!"

Ora se ela, apesar do cristianismo por-la num dos vértices do seu triângulo terrestre, tem-se conservado escrava; se ela, a quem negamos a instrução assim como a liberdade política, forma a parte mais poética, sublime e perfeita da humanidade; se tem emancipado uma nação, como Stowe o fez, criado uma escola como Sand, sublimado a arte como Sarah Bernhardt; se apesar do pequeno círculo em que a encerramos ella ergue-se heroína gigante nos fastos da história, que será nos séculos vindouros em que o espírito humano sempre perfectível há de outorgar-lhe parte do mundo a que tem direito?

"Ela é fraca, dirão."

Também o Cristo o era e a sua voz humilde conquistou nações!

- "Não pode empunhar a espada."

Não importa! Caminhamos para o progresso ... para a luz!

Temos a imprensa para reproduzir o pensamento, a inteligência para defendermo-nos; a força é um direito

estúpido! Não precisamos da espada; não precisamos da canhão.

Deixai a Juvenal e Boileau com as suas sátiras; esses misérrimos em cuja frente, como na de Mefistopheles, Margarida leria o anátema terrível: - Não pode amar!

- Deixai esses ingratos morrerem sedentos de inveja, olvidando que tudo quanto somos e fomos devemos à mulher esposa e à mulher mãe.

Nós, os filhos da civilização... de um século de luz, compartilhemos o trabalho do anjo do lar, cedamos-lhe parte das nossas lides políticas e científicas. E quando nosso corpo estiver transformado n'uma brilhante pedra, ou n'uma bela flor; quando de nós não existir mais nada além da idéia vogando no oceano do tempo, n'esses séculos de navegação aérea e sub-marina, que a mocidade de então diga:

- "Eles eram ignorantes, mas na sua obscuridade resta-lhes a glória de conceder à mulher uma parte do que lhe era devido."

O NATURALISMO

A. Fôscolo

(a uma senhora)

"O Contemporâneo" Sabará.
10.05.1891, Ano II, nº 79, p. 2.

"A questão da utilidade do romance tem sido muito debatida por espírito superiores, de forma que seria um verdadeiro esgrimir no ar o querer provar uma causa já firmada e negada por capacidades literárias.

Não sei se o romance tem a propriedade de eliminar os maus pendores ou se, pelo exemplo, tem a faculdade de produzir tolos perversos pelo espírito de imitação. Não sei.

Ignoro se V.Excia. completamente ocupada nas baixas paragens desta vida onde se flui a felicidade prática, tem ânimo de erguer o espírito à fulgurante esfera onde as idéias se divinizam, as paixões se sublimam, as sensações se vaporizam e a alma goza aquele viver mesmo de prazer e dor. Esse penáculo a que sobem os que vieram da natureza com a cabeça cheia de imagens e o coração de esperanças, é o terreno estéril e agro da literatura onde os habitantes nutrem-se da delícia esquisita de viver no sofrimento.

Eu não digo isso porque me amargue o fel da desesperança. Pobre rabiscador ignorado e ignorante, tenho talvez como leitor único V. Excia. que desce de quando em vez até o enfastio de minha prosa aguada.

Deixemos, porém, de parte este afan, em que ora me acho, de encher tiras e vamos à tese desta pequena epístola.

Contra a escola naturalista surge por toda parte uma oposição ferrenha como se por ventura ela viesse abrir os alicerces sociais, demolir as bases do edifício público da moralidade.

Não há jornalista por mais humilde, não há escritor público, não há homem por mais ignorante que seja, que não tenha quebrado louças contra essa pleiade de espíritos revolucionários que tenta fazer no mundo intelectual uma reforma dos costumes. Por toda parte, os soldados da moral pública, com um afã quixotesco tentam pulverisar os primeiros embriões desse arbusto potente que se fará árvore enorme no futuro; por toda parte os guardiões das instituições e hábitos antigos procuram espancar a luz que espadana na face da sociedade, produzindo o dia, brilhante da regeneração da arte em pleno conúbio com a natureza.

Nem se diga que todos esses esforços, todas essas batalhas, feridas em nome de costumes que ponderam a sua razão de ser em presença da fase científica e progressista, são justos e desculpáveis porque tendem à defesa da moral-base inconstestável da família e da sociedade em geral. Não há talvez uma compreensão exata e definida do que seja a ética, daí parte essa revolta dos homens atuais contra a escola naturalista.

A descrição de um ato natural, qualquer que

seja a forma e as condições, em que se dê, não é moral quando obedece a uma necessidade artística ou científica. Ao passo que a prática de certas ações naturais, mas que podem prejudicar as partes perante a sociedade o é altamente, ainda que a presida um fim científico ou artístico.

A base do dever ético é o interesse do indivíduo e da sociedade: tudo quanto me é útil e não prejudica a outrem é moral, tudo que me é agradável, mas que lesa direitos alheios é imoral. O romance naturalista é útil como estudo de costumes e do indivíduo; é benéfico pela regeneração da literatura estragada pelas concepções loucas e sedições dos românticos; o naturalismo é científico, artístico e não prejudica ninguém, por consequência é moral.

A descrição palpitante, expressiva, viva, de uma úlcera gangrenosa no organismo social... o estudo aprofundado, caprichoso, verdadeiro, das causas producentes do mal, são almenaras de luz postas à margem dos abismos para prevenir os encantos contra miragens enganadoras. Depois, ou uma mulher em certa idade tem conhecimento das peripécias da vida humana e nenhum inconveniente há em revelá-las num livro, ou o indivíduo não o tem e nesse caso não passa de um púbere inocente, ou tolo em linguagem verdadeira e por consequência, fora completamente do círculo literário.

Descrever com todas as minuciosidades as ações humanas, os pendores naturais dos seres; servir nessa pintura de cores vivas, dessa vivacidade artística, das gerações

modernas; não recuar diante de obstáculo algum de ordem ética ou material; lutar!... lutar!... lutar até implantar no seio da sociedade esse naturalismo moderno tão repleto de seiva, ardente de ciência e de arte - tal é incontestavelmente e fatalmente o fito daqueles que transpuseram as portas do grande templo, donde não se pode recuar, nem abaixar o rosto.

Desse conjunto de panoramas vivos, dessas cenas palpitantes e reais vai brotar muita desilusão, bem sei, vai desfibrar muita crença enraizada, vai quebrar tradições do passado que as famílias conservam no peito com um mito de veneração às gerações que foram, mas essa nova era da história da arte no romance vai estabelecer um farol imenso cuja luz irradiando através dos mundos irá iluminar os inexperientes, os cegos de espírito, aqueles que vêm a terra envoltos em fantasia, que julgam isto um éden de prazer somente onde a relatividade do mal diminui em nada a fruição absoluta do bem.

Dessas chagas sangrentas e descarnadas da sociedade..., desse viver obscuro, vicioso, postulento, é que há de sair, como do lodo do mar, as pérolas da experiência e do saber que formarão um escudo aos incautos, que lhes ajudarão a atravessar o mundo sem as miragens enganadoras do idealismo que os leva de decepção em decepção até os umbrais do inferno social.

Podeis, portanto, abrir os olhos imaculados de vossas filhas a essas obras anatematizadas no nascedouro: se forem ingênuas, lerão e não compreenderão nada; tanto pior pa-

ra elas; se foram ativas, se tiverem alguma noção do que constitui a vida sensitiva em toda sua plenitude, lerão, interpretarão vírgula por vírgula e no futuro, quando, em idênticas circunstâncias dos personagens do romance, elas saberão permutar-se de lógica bastante para defender-se dos laços que porventura lhes arme algum galante amoroso.

Daí, pois, sem receio algum, essas obras malditas às vossas filhas, Exma. Sra.; elas não se tornarão mais cientes do vício do que dantes, garanto; mas adquirirão a prática de se defenderem dos abismos que a cada passo a sociedade cavava aos pés da mulher."

COISAS D'ARTE

A. Fóscolo.

"A Folha Sabarense." 20-12-1891,
ano VII, nº 25, p. 1 e 2.

V. Exa. não conheceu talvez George Sand.

Não a viu como eu, com os olhos de imaginação, percorrer a sós, alta noite, aquela Paris enorme, onde a crápu la anda a par com o mais recatado pejo, onde as fermentações pútridas do baixo vício vão banhar com o seu aroma pestífero a atmosfera em que se rebalçam os puros.

Essa mulher célebre que revolucionou as artes e os costumes, indo de encontro a todos os preconceitos, zombando de tudo quanto a humanidade tem de mais santo e de maior glória... essa mulher a quem a mísera "Revista de Edimburgo", expondo-se ao chasco dos doutos e dos competentes, anatematizou, era uma notabilidade da literatura francesa, uma artista perfeita, um astro que muito tempo após o seu ocaso não encontrou outro que o viesse substituir na grande obra de revolucionar construindo.

Pois bem! George Sand a quem a "Revista" atirou a honra na lama das ruas, endeusando-a de apodos e vilipêndios, cobrindo-a de tudo quanto a humanidade masculina tem inventado de ascoso para macular a humanidade feminina; Sand a quem se recusou mesmo aquele recato feminil que se concede à

cortês, mais ignôbil, não passou talvez de uma vítima inconsciente disso a que chamam voz pública - mito ignorante e estolido que não compreende a organização e as necessidades do artista.

Devotada mais à arte do que ao amor conjugal, George se entregava sem rebuliço, abertamente, a todas as indagações que a sua profissão de escritora obrigava a procurar na sociedade. Forçada pelo programa de sua obra a descrever do vivo todos aqueles tipos, todas aquelas cenas de que se compunham os quadros de seus romances, ela via-se na contingência de observar de perto as peripécias da vida, que constituíam-lhe o assunto.

Era assim que vestindo-se de homem, tomando ares de boêmio, assinalando no rosto os traços daquela devassidão que seu mestre - Byron - trazia verdadeiramente no ser, Sand saía, alta noite, completamente a sós, penetrando nos restaurants, nas tavernas imundas dos faubourgs, nos prostíbulos, nas casas de jogo, imiscuindo-se no seio daquela sociedade infecta, onde tudo respirava crápula, miséria e devassidão! Muitas vezes a heróica mulher teve de se defender de algum insulto, servindo-se das armas que trazia consigo para apavorar os insolentes.

Tomando notas, observando os gestos, os ditos, as fisionomias, estereotipando tudo na mente, ela se dirigia à casa, ao clarear do dia, para passar no papel as suas impressões. E o marido, o barão de Dudevant, completamente fora

da esfera em que se alçava a esposa, não podendo compreender a grandeza e a sublimidade da missão do artista, deixando-se levar pelos jornais pulhas, caía-lhe com verberações e insultos que obrigaram-na a abandonar a vida conjugal por esse celibato de artista que se colocou fora da raia vulgar.

Livre, absolutamente livre, e com um nome respeitado, Sand prosseguiu nas suas investigações sociais, viajando, observando, julgando, tocando com os sentidos aquelas cenas grandiosas e vis que Byron perscrutou para defastio da sua imaginação de cético.

Que importava a ela, então, as revistas, a voz pública, esse conjunto de coisas banais, sem prestígio, a que ela não via sequer da altura em que se elevara? Que lhe importava o marido, um titular fútil, a quem sobrepujou até mesmo em política, unindo-se aos republicanos?

"Pois bem; essa mulher a quem venero como um dos ídolos da minha religião, não era pura. Talvez, não tinha um viver acobertado de máculas; mas o que posso afirmar a V. Exa. é que a sua degradação estava muito longe da baixa escória a que os difamadores sem nome a deprimiram.

E toda esta dissertação que aí fica, vem a pelo das injustiças, que nós outros que nos dedicamos à arte, sofremos, julgados por aparências fúteis, que nada provam à vista da nossa profissão.

Se V. Exa. conhecesse todos os traços dessa vida afanosa e observadora de escritor, havia de ser mais com-

placente com aqueles que atravessam o mundo de miragem em miragem, fotografando no cérebro os fatos que observavam.

Não julgue V. Exa. que eu procuro desculpar-me ou por ventura pedir beneplácido para faltas não cometidas. Ser santo, minha senhora, foi uma veleidade que eu tive em criança e que gosto apenas de rememorar para ridicularizar-me. A coisa que tenho mais medo é que S. Santidade se dê ao capricho de canonizar-me.

Isto, compreende bem, seria um desastre...um desastre horroroso para os meus créditos e para minha fama de livre-pensador.

Se minha vida tem sombras, eu não as vejo, nem as discuto.

Portanto, Exma. Sra., quando V. Exa. me vir à frente ou dentro de algum bordel; quando aos ouvidos imáculos de V. Exa. chegar a notícia de minha ida, alta noite, a algum bairro duvidoso, centro de toda infecção física e moral, lodagal onde se enlameiam os vermes... quando V. Exa. me vir atravessar estas reuniões viciosas, parando para melhor observar toda a hediondez do vício nojento e crapuloso, que só conheço como espectador... se do meio da roda de V. Exa. sair uma voz a condenar-me, mostre-lhe as razões poderosas da arte, as necessidades da minha monomania artística... afirme, sem temer, a minha seriedade moral, porque, fique V. Exa. bem certa, eu poderei cair, mas não desço nunca.

A VIDA

A. Fóscolo

"A Vida". 06-01-1893, ano I,
nº 1, p. 1.

A Vida!

Ora eis aí um título pomposo que promete muito, desvenda-nos um futuro irriante de gozo, e dá-nos quase sempre desilusão, o baquear soturno do abismo.

A vida da imprensa, especialmente, é tão árdua e tão trabalhosa, entre nós, que bem poucos se animam a vir em público com as armas que a natureza lhes deu. Entretanto a imprensa representa, na sociedade atual, uma força e uma potência a que se arrimam as instituições nobres: é tão necessária à civilização e ao progresso como o calor é necessário à vida.

Provar a sua utilidade é argumentar pleonasticamente.

O nosso jornal, muito diversamente dos outros, não vem preencher lacuna alguma; antes produz uma - a falta de leitores.

O título, por demais imodesto, indica que, na nossa estrada, não nos deterá nenhum dos múltiplos ramos do jornalismo, mas que tocaremos em todos com o esforço de quem, aprendendo, deseja ser útil.

Não visamos interesse algum, tão sabido o é,

a não ser o adiantamento deste lugar, que é digno de todo o engrandecimento, como uma das povoações mais futuras e prósperas do torrão mineiro. Pugnando pelo seu interesse com todas as nossas forças, procurando implantar aqui algum melhoramento, se conseguirmos vivificar um pouco a árvore da civilização julgá-gar-nos-emos assaz recompensados pelos muitos sacrifícios que dá a vida da imprensa.

A classificação que demos de "orgão literário" não indica exclusão de outros assuntos: o comércio, a agricultura, a indústria, todos estes motores do progredir social nos encontrarão sempre para defender os seus interesses.

Tocando em questões científicas, que sejam de utilidade, pugnando pelos melhoramentos locais, discutindo levemente, sem tocarmos jamais em individualidades, os atos públicos que mereçam crítica, dando ao nosso periódico uma feição *sui generis* o manteremos com o máximo esforço.

Se a nossa folha resistir ao indiferentismo e ao desprezo que há no Brasil pelas letras, se conseguir manter-se no posto de honra da imprensa criteriosa e honesta, arcar com todas as dificuldades e seguir avante, será mais um argumento poderoso a favor deste lugar.

Franqueando as colunas do nosso jornal a todos os homens de talento, que queiram tratar de assuntos literários e de interesse geral, exigimos unicamente que os artigos sejam assinados, a fim de que se possa conhecer a autoria das idéias expendidas.

E após esta apresentação, se te convém o periódico, dá vida a nós que te damos "A Vida".

A MULHER

Luís Cassiano

"O Contemporâneo." 24.12.1893,
ano IV, nº 49, p. 1.

O sr. padre Júlio Engracio, colaborador de um periódico local, julgou descer da sua alta sabedoria para fazer uma obra de misericórdia ao público, criticando A Mulher, fraco romance de estréia escrito por mim e por A. Fóscolo.

S. Revm. foi pródigo em adjetivos insultuosos, no que não o acompanho, por honra minha, como também não admito que possa fazer a crítica de um livro de cujo prólogo não passou, como confessa ingenuamente.

Não sei se o sr. padre Engracio conhece H. Taine, Theófilo Braga e Sílvio Romero - para falar somente nos três espíritos mais eminentes que, na França, em Portugal e no Brasil, tem se feito brilhantemente respeitar na crítica política, histórica e literária, sendo que infelizmente o primeiro já não existe. Do que estou certo, porém, é que s. Revm. pouco tem convívio com os sacerdotes da literatura moderna, demonstrando isto nas citações feitas ao longo da sua série de artigos, pomposamente intitulado - Literatura - artigos estes dedicados ao distinto sr. Flávio Fernandes que, espírito ilustrado e familiarizado como é, como os mais notáveis escritores modernos, não podia recebê-los com satisfação verdadeira, por isso que não creio, de modo algum, seja esse ilustre moço apre -

ciador de coisas arcaicas.

S.Revm. deu-se por muito feliz, disse, não podendo romper a "bateria invencível" do prólogo de A Mulher, mas, verdade, verdade, por mais felizes dar-se-iam, sem dúvida, os seus leitores, se S. Revm. não houvera visto o livro em questão, porque estariam livres da estopada que lhes pregou, numa prosa pesada, massuda e nem sempre correta, comme il faut...

Falando sobre o grande e festejado poeta Guerra Junqueiro, diz o padre, no maior desplante imaginável, o seguinte:

"... Empeçada a conserva, veio à baila Guerra Junqueiro, um dos mais audazes representantes da escola torpe moderna, ou antes, ajaisada à moderna, que chamam realista, pornográfica, porcográfica ou que mais imundo epíteto lhe queiram dar."

Ora, quem escreve isto a respeito do imortal cantor da Morte de D. João devia mesmo dizer o que disse dos obscuros autores de A Mulher, que aliás não sustentam "pose" alguma, fique S. Revm. sabendo, nem pretensões a literatos, só se orgulhando dos pequenos estudos que fazem em leituras substanciais e úteis, filiadas a qualquer escola, científica ou literária.

Naturalmente S. Revm. considera Zola um pernicioso ou um pornógrafo, porque o venerado mestre do Naturalismo escreveu Le Germinal, l'Assomoir, Nana, La Bête Humaine, Le Docteur Pascal, etc, em que pinta, d'après nature, os vícios

os mais terríveis e as paixões as mais desordenadas de uma família do segundo império; conseqüentemente, fará o mesmo juízo do laureado Flaubert, que nas páginas adoráveis de Madame Bovary trata de um caso de adultério, que é justamente a tese do Primo Basílio, do glorioso Eça de Queirós, e que é ainda a do modesto romance que eu e A. Fôscolo demos à publicidade.

S. Revm. pode ser um luminar da sua classe, no tocante ao seu procedimento e aos seus mestres sacerdotais, quod probandum; mas, o que há de reconhecer, se se der ao trabalho, aliás difícil, de analisar-se a si mesmo, é que faltam-lhe aptidões para este ramo literário, que exige possua o crítico uma certa soma de conhecimentos sólidos e estudos variadíssimos e metodizados, do que, me parece, não dispõe S. Revm., que se me afiança algum tanto desequilibrado. Em matéria de crítica literária vê-se que S. Revm. está deslocado, não estando, francamente, muito a par das escolas literárias modernas e da corrente de idéias novas que nos tem vindo do velho mundo.

S. Revm. que se mostra tão austero em matéria de moralidade, deixando transparecer um cottonismo intransigente, devia ser um modelo de homem honesto, até mesmo de acordo com a sua elevadíssima missão na sociedade, devendo ser a moral para S. Revm. uma vestal puríssima e sagrada. Mas como se explica não ler o S. Revm. o meu romance e julgá-lo "uma imitação de algum pornógrafo cínico, autor de Dom Bugre ou dos Serões de um Convento?"

Conhece os Serões de um Convento, hein, maga

não?! Isso é que lhe agrada, não? S. Revm. não gosta de meias medidas, e sim de coisa completa e "rasgada", não é assim?(...)

Os autores de A Mulher, quando escreveram essa obra, só tiveram em vista ser sinceros, pouco se lhes importando que o livro agradasse a dez leitores e desagradasse a cem. Compreendendo que uma obra de arte é "um pedaço da natureza vista através de um temperamento" só lhes serviu de diretriz a observação exata e nada mais.

Os conselhos que S. Revm. diz daria aos autores de A Mulher "se tivesse a honra de os conhecer", aguarde-os para quando tiver qualquer deles a seus pés, monologando o Confiteor: o mais é querer provocar discussão, é procurar barulho, sem razão alguma.

Finalizando, já que a falta de espaço a isso me obriga, devo dizer que S. Revm. não é coerente, não é lógico consigo mesmo quando diz:

"indignou-me a tirada que, me feria como católico e como sacerdote, contra o livro fundamental de minhas crenças e de minha ciência".

Mas que é isso de livro fundamental de suas crenças? Naturalmente é uma história como outra qualquer! ... Ora, quem não o conhecer que o compre...

(...)

Queira S. Revm. discussão pura e exclusiva - mente no domínio literário e nunca me encontrará fugidio, apesar das poucas luzes que possuo; queira, em vista do meu livro

e do meu ilustrado amigo A. Fóscolo, discutir sobre a minha con
duta e inteireza de caráter e achar-me-ã ao primeiro encontro,
porquanto sou daqueles homens que não têm vida particular: a
minha vida privada e a minha vida pública se confundem.

Venha!

L. Cassiano.

O CONGRESSO FEDERAL

A. Fóscolo

"O Industrial". 1-08-1897,
ano 2, nº 16, p. 1.

"Como judiciosamente disse um deputado, aqui não é congresso, mas sim uma feira de insultos. Os devotos patriotas, a 75 mil réis diários, apesar da crise terrível que atravessamos, gastam o tempo em discussões fúteis, quando não o estragam em richas insultuosas, com palavrões dignos de um mercado de pescadores e muitas vezes com agressões brutais, feitas a punho fechado.

Até o presente nada se fez absolutamente, e veremos, em breve, esgotado o prazo das sessões, prorroguem-no com subsídio, diversamente do que se fazia nos tempos monárquicos, porque parece ser isto o fito único dos homens, que lá estão.

Quando terá o povo brio bastante para expulsar dali aquele bando de parladores inúteis?"

A NOVA ERA

Avelino Fóscolo.

"A Nova Era". 05-07-1906, ano
1, nº 1, p. 1.

"É um periódico de propaganda libertária moldado sob as teorias de solidariedade de Grave e Tolstoi, Aceita todo e qualquer artigo em defesa dos fracos, dos esbulhados, das vítimas da injustiça e não regateará aplausos aos que concorrem com o seu trabalho para o bem estar humano. Não angaria assinaturas, não tem período certo de publicidade e receberá como auxílio para a propaganda qualquer quantia que lhe queiram enviar."

CONVERSANDO COM AVELINO FÔSCOLO

Eduardo Frieiro

Boletim Literário - Folha de Mi
nas, 22-02-1940 (recorte)

Sempre tivemos o desejo de conhecer de perto o romancista Avelino Fôscolo. Conhecíamos de tradição alguns fatos de sua existência, acidentada e aventureira em seus começos e admirável como exemplo de esforço, inteireza de caráter a autonomia mental.

Do seu "curriculum vitae", curioso o muitos respeitos, podia Avelino Fôscolo extrair matéria para mais um romance. Basta lembrar que, órfão aos onze anos, viu-se forçado nessa idade a comer o pão amassado no suor de seu rosto. Menino ainda, saiu pelo mundo em companhia dum artista norte-americano que exibia no palco figuras vivas representando quadros célebres, e com ele percorreu o Brasil e algumas repúblicas do Sul. Fez-se na primeira mocidade, artista de teatro ambulante e viveu assim variadas aventuras, próprias da existência livre e errante dos comediantes. Depois, numa estação mais prolongada de sua "troupe" no interior de Minas, trocou a vida de artista ^Anômade pela vida de toda a gente. Devia ser grande já, nessa ocasião a sua experiência do mundo e dos homens. Muitas coisas aprendera sozinho, inclusive a língua inglesa, além de outros idiomas. Afinal, assentando a vida, estudou, estabeleceu-se com farmácia, constituiu família, escreveu livros, trabalhou muito e sempre, e trabalha ainda hoje numa idade que lhe

dá direito a justo descanso.

Faz pouco tempo que conversamos com o romancista pela primeira vez. Mas, desde muito antes, já o conhecíamos de vista. Amiudadas vezes o encontrávamos na Avenida Afonso Pena, à noitinha, pouco antes do início da primeira sessão dos cinemas, que ele frequenta assiduamente. Quase sempre o víamos só, alto, enxuto, o passo cadenciado e longo, a cabeleira abundante e branca, a face rapada e uns olhos um tanto esquivos atrás dos óculos e meio escondidos por baixo do chapéu desabado sobre a testa. E sempre julgamos adivinhar um grande tímido alojado paradoxalmente naquele homem que a natureza dotara de físico vantajoso, sem nada que por acaso pudesse justificar o sentimento de inferioridade corpórea que se acha com frequência na origem da timidez.

Sabíamos que era retraído, inimigo de aparecer e com fama de esquisito. Diziam-no libertário e anarquista.

Por causa, talvez, do seu feitio retrátil, e em razão também, provavelmente, do conteúdo que nos seus anos de aprendizado tivera com os aspectos sombrios da vida, Avelino Fôscolo nunca se adaptou completamente à ordem social estabelecida. Como homem, de bom ou mau grado, aceitou as servidões que a sociedade impõe. Como escritor, porém, reservou-se o direito de criticá-las e, aspirando a uma ordem mais perfeita, ajudou a cruzada contra o conformismo.

Seu espírito liberal e generoso levou-o a fazer o chamado "romance social". Isto há cerca de quarenta anos o que quer dizer que foi de alguma forma, com Fábio Luz e

outros, um dos precursores dos nossos atuais romancistas de intenções socializantes.

Há muito que era nosso desejo interrogá-lo sobre as suas idéias a respeito da literatura e especialmente da arte do romance. Um destes dias em que pudemos palestrar um pouco, aludimos ao nosso desejo e declaramos também o propósito de ouvi-lo em confissão:

- Conte-nos a sua vida, mestre Fôscolo, dissemos.

- Mas, desde que nasci? perguntou o escritor, meio assustado.

- Sim, senhor, desde o berço...

- Não queria saber, é uma historia terrivelmente comprida, tornou ele. Veja bem que não sou muito moço : nasci em 1866.

- Tanto melhor, dissemos. Terá muita coisa interessante para contar.

Preferimos porém não abusar da sua paciência e achamos que nos podíamos contentar com algumas palavras acerca do romance em geral e dos seus em particular.

Antes de nada, perguntamos como compreendia ele a literatura.

- A literatura, disse-nos ele então, eu sempre a concebi como alimento indispensável ao espírito, diversão educativa e fonte de civilização.

- Quanto ao romance, prosseguiu o escritor, via nesse grande gênero literário - o mais vivo e eficaz entre to

dos os outros - uma função eminentemente social, desde os tempos mais recuados. E o primeiro exemplo que naturalmente acode à lembrança é o daquele pequeno povo de pastores, num pequenino país, que se inscreveu perpetuamente na história e progrediu através dos séculos graças à prodigiosa fantasia de seus romancistas e poetas: Moisés, David, Salomão e outros criadores de religiões com suas obras.

E acrescentou:

- O Judeu foi mesmo o precursor dos narradores realistas. Naquelas histórias de Sodoma e das filhas de Ló do pai Abraão cedendo por duas vezes a própria esposa ao rei, e outras histórias como estas, é tudo romance realista, muito cru, imoralíssimo segundo a opinião dos rigoristas. O Gênesis, esse então, é a meu ver um dos maiores romances de todos os tempos! E naturalmente, encontram-se nele grandes lapsos do narrador. Como em toda a obra humana. Assim é que Moisés cria um casal único, no princípio, com dois filhos varões: Abel e Caim. Este mata o irmão e foge para o país de Nod, onde fundou a cidade de Henoque. De que maneira, com quem concebeu a grande prole que povoou a maior parte de Israel?

- Que o digam os sábios da Escritura...

- Mas não dizem. Outro ponto curioso: Moisés é duma severidade extrema com Adão, quando o primeiro homem, cedendo a um impulso natural de fome, devora a maçã. Entretanto, com Abraão, por aquilo que sabemos, mostra-se duma tolerância absoluta.

- Pelo que diz, interrompemos, a leitura da Bíblia entrou muito na sua formação de escritor. Porém deve ter tido outros mestres, além de Moisés, Daviã e o Ecclesiastes, não é verdade?

- Tive mestres, como não? Os românticos...Os realistas... Mas fui péssimo aluno. E talvez influíssem em mim os escritores de minha predileção: Camilo Castelo Branco, Flaubert, Zola. Nos meus primeiros tempos de leitor, os que mais li e admirei foram Dumas Pae, Victor Hugo, Julio Verne e os bíblicos do Antigo e do Novo Testamento.

- Muito bem, mestre Fôscolo, fale-nos agora dos seus romances. Qual o seu preferido, entre os que publicou?

- Prefiro entre todos "O Mestiço", por ser uma página em real dos ominosos tempos da escravidão.

- Não foi esse o primeiro que publicou?

- O primeiro em data que saiu a público foi O Caboclo, aparecido em 1902. Do ano seguinte são O Mestiço e A Capital. Após um intervalo de quase vinte anos dei a lume O Jubileu e a seguir Vulcões.

- Com que intenção escreveu A Capital e O Jubileu?

- Na Capital tentei descrever a parte histórica da luta entre os criadores e edificadores de Belo Horizonte e os velhos habitantes do extinto Curral d'El Rey que viam destruídos os projetos duma prosperidade com que haviam sonhado e que a nova cidade não lhes poderia dar. Em O Jubileu "procurei pintar a grande feira de vícios e fealdades que era, há

vinte anos, a romaria ao Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, onde imperavam, infrenes, a jogatina, o latrocínio, a prostituição e um fanatismo em total desacordo com os são princípios do cristianismo.

- Por falar em princípios... Somos indiscretos, perguntando-lhe se os tem, filosóficos, religiosos ou políticos?

- Minha religião, disse-nos Avelino Fôscolo complacentemente, consiste em fazer o maior bem possível. Quanto aos meus princípios de filosofia social, sou ácrata, como o foram Tolstoi, Elisée Reclus, Jean Grave...

Sabíamos que o decano dos ficcionistas mineiros tem na gaveta, à espera do editor, dois romances escritos há vários anos: No Circo e Indesejáveis. E não ignorávamos que é também autor teatral e, não obstante o escasso tempo que lhe deixam as absorventes ocupações do seu laboratório químico-farmacêutico, não renunciou inteiramente à atividade literária, continuando a escrever nas horas perdidas. Lê ainda, mas apenas ciências naturais e matérias relativas à sua especialidade, a farmácia. Não abandonou os projetos literários, tanto que já começou a escrever um romance realista, Latifúndios, e tem traçado há muito o plano de outro, Morro Velho, sobre a famosa mineração de ouro, onde o romancista trabalhou na adolescência como operário.

Já nos despedíamos de Antônio Avelino Fôscolo (é o nome inteiro do escritor) quando ainda nos lembramos de perguntar:

- Pertence à Academia Mineira de Letras?

- Sim, desde a fundação, graças a generosidade de dos seus organizadores.

A extrema modéstia do mais retraído dos es - criptores mineiros - resta-nos dizer em conclusão - não se sente mal no principal cenáculo literário de Minas, pois este é tão discreto que nunca dá que falar.

AVE-MARIA

A. Fôscolo

Gazeta de Paraopeba, 10-09-1944,
ano XXIV, nº 1846, p. 1

Hora de oração nos campos, sem badalar de si
nos, sem sibilo de sirenes, sem urro de vapor, sem rataplan de
rodas em trilhos de aço, sem o acotovelar de multidões ofegan-
tes, sem a evocação de cornetas prenunciadoras de sangue, de
guerra, de morte e de cenas que envergonhariam as próprias fe-
ras!

Hora em que o nambú geme nas matas, o ferra-
dor martela o seu estridulo no píncaro das mais alterosas árvo-
res, os grilos tridulam sua saudação à noite, o gado solta o
seu balir nostálgico e saudoso nos prados: hora em que os semi-
cegos pelos anos, ainda sem o eclipse total da visão, olham
sem ver os bosques surdindo-lhes em frente com planos negros,
sem ondulação de franças, sem saltitar de ramos, em que os ce-
gos vêem sem olhar o horizonte róseo do crepúsculo, o saudoso
Angelus de sua infância!

É a hora da saudade... uma saudade indefini-
da! de que? de quem? não o sabemos: talvez cansaço de prazeres
efêmeros, de imagens mal gravadas no cérebro, de algo jamais e-
xistente, talvez... ânsias de um mundo sonhado evoluando-se com
a realidade enganadora, dos sonhos esvaindo-se às sombras da noi-
te.

É a hora em que o gado se espoja desalentado procurando vencer o prurido aferrador dos moscardos, e os afortunados de miragens, com o olhar fixo num ponto distante, sem se moverem, sem balirem, evocam algo acima de nossa compreensão de bestas pensadoras; reses retardatárias dirigem-se ao redil, num passo moroso e cadenciado de bovinos; outras, apoiadas nas patas trazeiras, com as dianteiras cruzadas, a cabeça erguida, o olhar melancólico, ruminando perenemente coisas sempre as mesmas no seu pensar de cérebros retardados...

Belo Horizonte - 1942

A. Fôscolo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. OBRAS DE AVELINO FÓSCOLO

FÓSCOLO, A. O Caboclo. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1902.

FÓSCOLO, A. A Capital. Porto, Universal, 1903.

FÓSCOLO, A. No Circo. A Lanterna. Out./1913 (a) abril/1914 (publicação em folhetins).

FÓSCOLO, A. O Jubileu. Juiz de Fora, João Madeira e Cia, 1920.

FÓSCOLO, A. O Mestiço. Belo Horizonte. Imprensa a vapor de Joviano e Cia, 1903.

FÓSCOLO, A. PEREIRA Júnior, L. C. M. A Mulher. Rio de Janeiro, Typografia M. Maximiano, 1890.

FÓSCOLO, A. O Semeador. Belo Horizonte, Typografia Renascença, 1921.

FÓSCOLO, A. Vulcões. Porto, Livraria Cathólica Portuense s/d.

B. ARTIGOS DE AVELINO FÓSCOLO

FÓSCOLO, Avelino. A Instrução Pública no Brasil. A Folha Sabarense. Sabará, 07-08-1887, ano III, nº 10, p. 2 e 3.

FÓSCOLO, A. O Trabalho Físico. A Folha Sabarense. Sabará, 21-08-1887, ano III, nº 12, p. 1 e 2.

FÓSCOLO, A. Sempre Ela! A Folha Sabarense. Sabará, 04-09-1887, ano III, nº 14, p. 3.

FÓSCOLO, Avelino. Ao Senhor Antônio Rodrigues Fernal. A Folha Sabarense. Sabará. 09-10-1887, ano III, nº 19, p. 3.

FÓSCOLO, A. A Mulher. A Folha Sabarense. Sabará, 16-10-1887, ano III, nº 20, p. 1 e 2.

FÓSCOLO, A. A Suicida (conto) A Folha Sabarense. Sabará, 23-10-1887, ano III, nº 21, p. 2 e 3.

FÓSCOLO, A. O dia 13 de maio. A Folha Sabarense. Sabará, 27-05-1888, ano III, nº 52, p. 3.

FÓSCOLO, A. O Ator. A Folha Sabarense. Sabará, 17-11-1889. ano V, nº 22, p. 2.

FÓSCOLO, A. Cenas Contemporâneas. A Folha Sabarense. Sabará, 24-11-1889, ano V, nº 24, p. 2.

FÓSCOLO, A. O Batizado. A Folha Sabarense. 12-01-1890, ano V, nº 31, p. 2.

FÓSCOLO, A. Jesus de Nazareth. A Folha Sabarense. Sabará, 29-03-1891, ano IV, nº 42, p. 2.

FÓSCOLO, A. O Naturalismo - Carta a uma senhora. O Contemporâneo. Sabará, 10-05-1891, ano II, nº 79, p. 2.

FÓSCOLO, A. Viticultura. A Folha Sabarense. Sabará, 12-07-1891, ano VII, nº 2, p. 1 e 2.

FÓSCOLO, A. Uma Ladra. A Folha Sabarense. Sabará, 01-11-1891, ano VII, nº 18, p. 1 e 2.

FÓSCOLO, Avelino. Coisas d'arte. A Folha Sabarense. Sabará, 20-12-1891, ano VII, nº 25, p. 1.

FÓSCOLO, Avelino. Homenagem a Luís Cassiano Martins Pereira Júnior. In: - Polyantêia. 1904, p. 9 e 10.

FÓSCOLO, A. Comentários. Folha do povo. São Paulo, 1908-1909.

FÓSCOLO, A. Mundo Operário em Minas. A Lanterna. São Paulo, 20-02-1914, ano III, nº 232, p. 3.

FÓSCOLO, A. Reminiscências. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 09-04-1939, ano XXVIII, nº 1563.

FÓSCOLO, A. Ave Maria. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 10-09-1944, ano XXXIV, nº 1846, p. 1.

C. JORNAIS CONSULTADOS

O Contemporâneo. Sabará, (MG), 1890, 1891, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1902.

Diário de Minas. Belo Horizonte. 1921, 1922.

Estado de Minas. Belo Horizonte. 1944, 1964.

Folha do Brás. São Paulo, 1899, 1900.

Folha do Cedro. Cedro (MG). 1911, 1912, 1913, 1914.

A Folha Sabarense. Sabará (MG). 1887, 1888, 1889, 1890, 1891.

Folha de Minas. Belo Horizonte. 1940.

Folha do Povo. São Paulo. 1908, 1909.

Gazeta de Paraopeba, Paraopeba (MG). 1914, 1915 a 1921, 1939, 1944.

O Industrial. Taboleiro Grande. 1897, 1898.

A Lanterna. São Paulo, 1901, 1902, 1903, 1904, 1909 a 1916, 1933 a 1935, 1942 a 1948.

O Livre Pensador. São Paulo. 1903, 1904, 1905, 1906.

Minas Gerais. Belo Horizonte. 1921, 1922.

A Nova Era. Taboleiro Grande (MG), 1906, 1907.

O Operário. Cedro. 1909.

A Plebe. São Paulo. 1917, 1919, 1920 a 1924, 1927, 1932 a 1935, 1947 a 1950.

A Terra Livre. São Paulo. 1905 a 1910.

A Vida. Taboleiro Grande (MG). 1893.

D. ARTIGOS DE JORNAIS (autores diversos)

AZEVEDO Jr., A. Um dos tais (conto). O Contemporâneo. Sabará, 04-12-1892, ano II, nº 143, p. 2.

AZEVEDO Jr. A. Carta Aberta ao Dr. Silviano Brandão. O Contemporâneo. Sabará, 13-03-1898, ano VII, nº 19, p. 1.

EDUARDO, J. Edgard Leuenroth e a polícia de São Paulo. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 30-09-1917, ano VII, nº 339, p. 1.

FRIEIRO, E. Conversando com Avelino Fôscolo. Folha de Minas. 22-02-1940 (recorte).

FRIEIRO, Eduardo. No Centenário de Avelino Fôscolo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 08-11-1964, ano XXXVII, nº 10.575.

LOBO, A. Aspiração para o futuro (poesia). O Contemporâneo. Sabará, 23-10-1890, ano II, nº 56, p. 1.

PATRÍCIO, José. A Geração d'O Contemporâneo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 24-12-1944, ano XVII, nº 5.591, p.2.

PEREIRA JUNIOR, Luís Cassiano Martins. A Mulher. O Contemporâneo. Sabará. 24-12-1893, ano IV, nº 49, p. 1.

SEIXAS SOBRINHO, José. Artur Lobo, baiano? Suplemento literário do Minas Gerais. 13-12-1969, ano IV, nº 172.

SERRANO, Cedro. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 28-02-1915, ano IV, nº 203, p. 3.

SILVA, Jair. "Seu" Avelino em Paraopeba. Gazeta de Paraopeba 05-11-1944, ano XXXIV, nº 1854, p. 1.

SILVA, Jair. Espelho Retrovisor. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba. 09-04-1951 (recorte).

SILVA, Manoel Antônio. Os Operários do Cedro. Gazeta de Paraopeba. Paraopeba, 15-09-1918, ano VIII, nº 507, p. 1.

TOLSTOI, L. Aos operários. A Nova Era. Taboleiro Grande, 06-08-1906, ano I, nº 2, p. 2.

ZOLA, Emile. A derrocada (excerto). O Contemporâneo. Sabará, 11-12-1892, ano III, nº 144, p. 3.

ZOLA, E. O trabalho (discurso aos estudantes franceses). O Contemporâneo. Sabará, 25-06-1893, ano IV, nº 25, p. 3.

ZOLA, E. Discurso. O Industrial. Taboleiro Grande, 13-03-1898, ano III, nº 5, p. 2.

ZOLA, E. Carta. O Contemporâneo. 25-11-1902, ano IX, nº 24, p. 2.

E. ENTREVISTAS

Entrevista com D. Diolinda dos Santos, Caetanópolis, 25-11-1894.

Entrevista com Dr. Hugo Fóscolo. Paraopeba, 14-11-1984.

Entrevistas com Dr. Nestor Fóscolo:

08-11-1984/11-14-1985

25-08-1985

02-12-1987

Entrevista com D. Zora. Caetanópolis, 26-11-1984.

F. BIBLIOGRAFIA CITADA

ANDRADE, Manoel Correia de. Elisée Reclus. São Paulo, Ática, 1985.

ANNUÁRIO Estatístico do Brasil (1908-1912). Vol. I, Rio de Janeiro, Typografia da Estatística, 1916.

ANNUÁRIO de Minas Gerais (1918). Vol. VI, tomo II, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1918.

ATLAS Chorográfico Municipal, vol. II, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1926.

ANDRADE, Silvia. M. B. Vilela. Classe Operária em Juiz de Fora: uma história de lutas (1912-1924). Juiz de Fora, Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1987.

ÁVILLA, Afonso. O teatro em Minas Gerais: Séculos XVIII e XIX. Revista Barroco, 9: 53-96, 1977.

BARBOSA, Francisco de Assis. A Vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

CÂNDIDO, Antônio. Teresina e seus Amigos. São Paulo, Paz e Terra, 1980.

CHESNEAUX, Jean. Critique Sociale et Thèmes Anarchistes chez Jules Vermeife. Mouvement Sociale. 56:35 a 63, juillet-septembre 1966.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. Coleção "Os Pensadores", São Paulo, Abril, 1983.

DE DECCA, E. O Silêncio dos Vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DUARTE, Regina H. O povoado do Cedro: um palco, muitas histórias. In: - Revista do Departamento de História, Belo Horizonte, 1(2): 102-120, junho 1986.

- DUTRA, Eliana de Freitas. Caminhos Operários em Minas Gerais. São Paulo, HUCITEC, 1988.
- FAUSTO, Bóris. Trabalho Urbano e Conflito Social. Rio de Janeiro, Difel, 1983.
- FONSECA, Luís Gonzaga. História de Oliveira. Belo Horizonte, Centenário - Bernardo Alves, 1961.
- FRANCO, Maria Silva de Carvalho. As Idéias Estão no Lugar. Cadernos de Debate 1. São Paulo, Brasiliense, 1976.p.61la 64
- FRIEIRO, Eduardo. O Romancista Avelino Fôscolo. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1960.
- FOUCAULT, M. La Proto-fabula. In: - Verne: un revolucionário subterrâneo (vários autores). Buenos Aires, Paidós, s/d, p. 37 a 47.
- GIBLIN, Béatrice. Elisée Reclus (1830-1905). Herodote 22:6-13, juillet-septembre, 1981.
- GIBLIN, Béatrice. Reclus: un écologiste avant l'heure? Herodote, 22: 107-111, juillet-septembre, 1981.
- GINSBURG, Carlo. Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method. History Workshop Journal. 9:7 1980.
- GIROLETTI, Domingos Antônio. A Modernização Capitalista em Minas Gerais - a formação do operariado industrial e de uma nova cosmovisão. Tese de doutoramento apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987, mimeo.
- GRAVE, Jean. A Anarchia: fins e meios. Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1907.
- HUGO, Victor. Lettre aux démocrates de Marseille (1870). in: - Oeuvres Completes de Victor Hugo. Actes et Paroles (IV) - depuis l'exil (1876-1885). Paris, Société d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1930, p. 11 a 14.

HUGO, V. Lettre aux republicains de Paris (1872). In: Oeuvres Completes de V. Hugo. Actes et Paroles, vol. III p. 279-282.

HUGO, V. Lettre aux membres du Congrès de la Paix (1872). In: - Oeuvres Completes de V. Hugo - Actes et Paroles, Vol. III, p. 283 a 286.

HUGO, V. Discours aux ouvriers lyonnais (1877). Oeuvres Completes de V. Hugo. Actes et Paroles, vol. IV, p. 15 a 24.

JOLL, James. Anarquistas e Anarquismo. Lisboa, D. Quixote, 1977.

JUNQUEIRO, Guerra. Prefácio à 2a. edição (1876). In: - A Morte de D. João. Lisboa, 9a. edição, Livraia Editora, 1914.

KROPOTKIN, P. Folletos Revolucionarios I: Anarquismo - su filosofia y su ideal. Barcelona, Tusquets, 1977.

KROPOTKIN, P. Palabras de un Rebelde. Barcelona, Pequena Biblioteca Calamvs Scriptorvs, 1977.

KROPOTKIN, P. Em Torno de Uma Vida - memórias de um revolucionário. Rio de Janeiro, José Olympio, 1946.

LOBO, Artur. Serões e Lazeres. Bello Horizonte, Imprensa Oficial, 1906.

LUIZETTO, Flávio. Presença do Anarquismo no Brasil - um estudo dos episódios literário e educacional (1900-1920). Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1984, mimeo.

LUZ, F. A paisagem - no conto na novela e no romance. São Paulo, Monteiro Lobato e Cia., 1922.

MENDONÇA, Manuel Curvalho de. O Movimento Socialista no Brasil. Almanaque Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro, 1906.

MALARD, Letícia. Hoje tem Espetáculo - Avelino Fóscolo e seu romance. Belo Horizonte, UFMG, 1987.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o Procedimento Histórico. In: - Repensando a História. Marcos A. da Silva (org.). Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984, p. 37 a 64.

MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. São Paulo, Cultrix, vol. 5 e 6, 1978.

MASCARENHAS, Geraldo. Centenário do Fabrica do Cedro: histórico (1872-1972). Belo Horizonte, Edição Particular, 1972.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Prosa de Ficção (1870-1920). São Paulo, José Olympio, 1950.

MUNAKATA, Kazumi. Algumas Cenas Brasileiras. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1982, mimeo.

MUNAKATA, K. A Legislação Trabalhista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1984.

NAVA, Pedro. Beira Mar-memórias/4. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

RECLUS, E. Les Oscillations du Sol Terrestre. Revue des Deux Mondes. 55:57-84, janvier-février 1865.

RECLUS, Elisée. Le Mont Etna. Revue des Deux Mondes. 58:110-138, juillet-aout 1865.

RECLUS, E. Correspondance. Tome deuxième (1870-1899). Paris, Librairie Scheleicher Frerê, 1911.

RECLUS, Elisée. Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Garnier, 1900.

RECLUS, E. Evolução, Revolução e Ideal Anarquista. São Paulo, la, «Tribuna» Espanola, 1904.

RECLUS, E. L'Homme et La Terre. Vol. 1, Paris, Librairie Universelle, 1905.

RELATÓRIOS Annuais da Cia. Cedro e Cachoeira apresentados à Assembléia Geral Ordinária dos Acionistas. 1883 a 1925.

RODRIGUES, Edgar. Socialismo - Uma visão alfabética. Rio de Janeiro, Porta Aberta, 1979.

RIBEIRO, Júlio. A Carne. São Paulo, Francisco Alves, 1944.

SEIXAS, SOBRINHO, José. O Teatro em Sabará - da colônia à República. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares, 1961.

SILVA, Jair. Buena Dicha. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1934.

SILVEIRA, Victor. Minas Gerais em 1925. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1926.

SODRÉ, Nelson Werneck. O Naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

TOLSTOI, L. Que es la arte. Buenos Aires, El Ateneo, 1949.

TRONCA, Italo. A Revolução de 30: a dominação oculta. São Paulo, Brasiliense, 1984.

WILSON, Edmund. Rumo à Estação Finlândia. São Paulo, Cia. das Letras, 1986.

WOODCOCK, George. Os Grandes Escritos Anarquistas. Porto Alegre, L & PM, 1981.

ZOLA, E. Le Naturalisme. In: - Les Oeuvres Completes de Émile Zola, vol. III, Paris, François Bernouard, 1928, p. 101 a 108.

ZOLA, E. La République et la Littérature. In: - Le Roman Expérimental. Les Oeuvres Completes de Émile Zola. Vol.44, Paris, François Bernouard, 1928, p. 301 a 329.